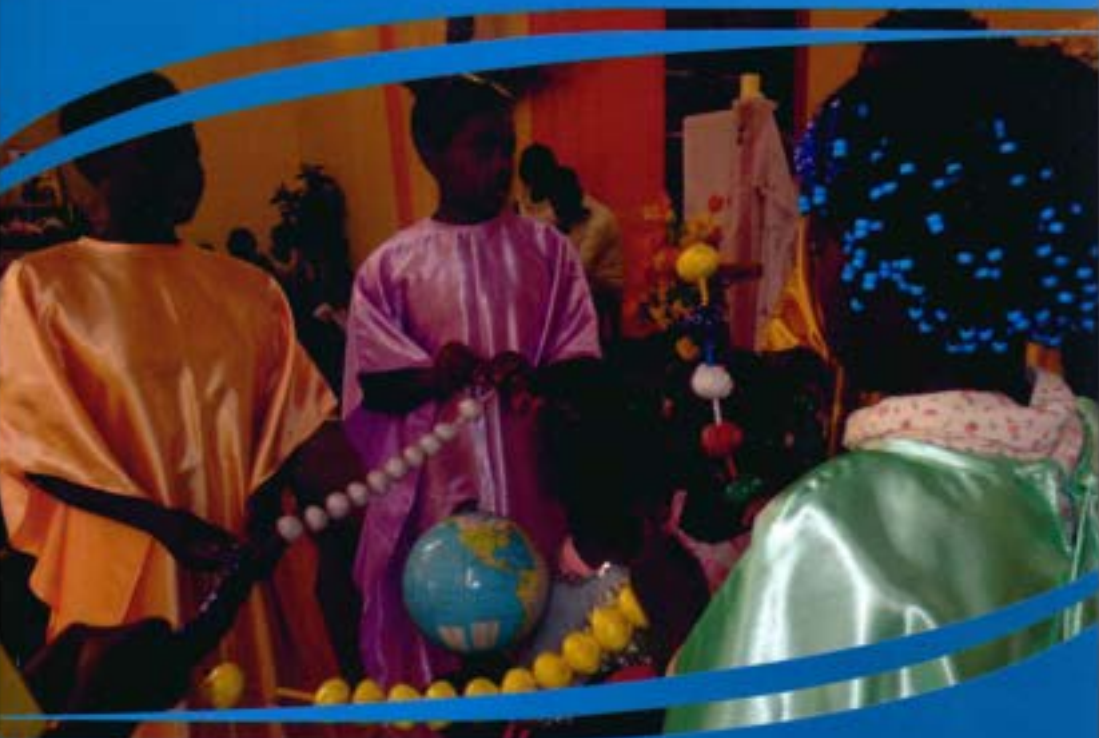


CCI

Caminhando com o Itepa



Igreja em Missão

Ano XXXVI, nº 125, Abr. 2019 ISSN: 1677-860X

©2019, CCI, Caminhando Com o Itepa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada em qualquer sistema ou transmitida, por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos, mecânico, fotocopiado por outra qualquer) sem a prévia permissão por escrito dos diretores da Revista Caminhando Com o Itepa.

Diretoria do Itepa

Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero - Diretor Executivo

Ms. Selina Maria Dal Moro - Vice-Diretora Executiva

Dr. Pe. Clair Favreto - Administrador - Tesoureiro

Ms. Pe. Jair Carlesso - Secretário

Diretoria da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades

Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero - Diretor

Ana Lucia Alves de Oliveira - Secretária

Conselho Editorial

Dr. Dom Leomar Antônio Brustolin

Dr. Claudio Almir Dalbosco

Dr. Frei Luis Carlos Susin

Dr. Pe. Ivanir Rampon

Dr. Pe. Clair Favreto

Dr. Pe. Leo Konzen

Dr. Pe. José André da Costa

Ms. Pe. Jair Carlesso

Dra. Maristela Dai Moro

Ms. Selina Maria Dal Moro

Coordenação da Revista

Ms. Selina Maria Dai Moro - Professora Referencial

Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis - Professor Referencial

Apoio técnico e Revisão

Dr. Pe. Clair Favreto

Ms. Selina Maria Dai Moro

Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero

Ms. Pe. Ari Antônio dos Reis

Edimar Scopel - Diagramação

Secretariado Geral

Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades

Revista Caminhando Com o Itepa - CCI

Rua Senador Pinheiro, 350

Vila Rodrigues, Passo Fundo - RS - CEP: 99070-220

E-mail: revista@itepa.com.br

Site: www.itepa.com.br/revista-cci

Fone: (54) 3045 6272

SUMÁRIO

Editorial

Missao e partir..... 7

Vinte e cinco anos do projeto Igrejas Solidárias Sul 3

CNBB - Moçambique

Entrevista com a Equipe Missionária do Regional

Sul 3 da CNBB..... 13

25 anos de presença Notre Dame em Moçambique..... 23

Araci M. Ludwig e Cecília Giacomolli

Fragmentos Para uma Teologia da Missão..... 59

Paulo Suess

"Eu Sou Uma Missão Nesta Terra"

A missionariedade como elemento fundamental

da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo..... 87

Ivanir Antonio Rampon e Lucas André Stein

Missão de Reorganizar uma Comunidade

no Esquema Paulino..... 105

Ademir Rubini, Ivanir Antônio Rodighero e Elizeu Lisbôa Moreira

Missão da Pessoa Idosa e Enferma

Espiritualidade e Protagonismo no Cuidado..... 129

Nilva Rosín e Pablo Cechínato de Lima

**A Opção Pelos Pobres e a Experiência Missionária
na Ocupação IV..... 147**

Manuel José de Godoy e Moisés Geremia

**Redes Sociais Digitais e Missão Evangelizadora
com os Jovens..... 173**

Maristela Dai Moro e Júlia Raimunda Rodrigues dos Santos

Retomar o Primeiro Amor

A conferência de Puebla e sua herança para a Igreja, hoje... 183

Marcelo Barros

EDITORIAL

Missão é partir!

O que é ser missionário na atualidade? Como entender o mandato de Jesus, que disse: "ide e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei! Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo" (Mt 28,19-20)?

A resposta para essa questão é aparentemente óbvia, mas possui diferentes compreensões - que se refletem diretamente na missão -, tais como: levar o Evangelho para aqueles que não foram evangelizados; fazer as pessoas acreditarem e serem fiéis ao Catolicismo para encher igrejas/templos; há também os que entendem a missão como algo restrito ao âmbito religioso, desvinculado do compromisso com o bem comum; outra perspectiva concebe-a como um processo recíproco de ser, ao mesmo tempo, missionário, discípulo e aprendiz com o outro. Em outras palavras, para viver isso é preciso anunciar a Boa-Notícia do Reino de Deus, com todas as suas possibilidades ligadas à justiça, à paz e à fraternidade e acreditar que um mundo novo é possível.

Constatamos que a fé de nossos povos se exprime de maneira evidente, mas com posturas e práticas diferentes. Verificamos, igualmente, que nem sempre a fé chega à sua maturidade. Muitas vezes, ela está ameaçada pela pressão secularista, pelos abalos das mudanças culturais, pelas ambiguidades teológicas existentes em nosso meio, pelas contradições entre fé e vida e pelo influxo de seitas proselitistas e de sincretismos que vêm de fora.

Na origem da missão há um dom: a iniciativa gratuita do amor de Deus, que dirigiu uma dupla chamada: a de estar com

Ele e a de anunciar (Mc 3,14). Na base de tudo está a relação pessoal com Jesus Cristo, radicada no Batismo e, para alguns, reforçada com a Ordenação, de modo que podemos dizer como o apóstolo Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Este “viver em Jesus” ilumina todo o nosso ser e agir, e pode ser fortalecido através da oração.

O missionário faz-se servo, a exemplo do Senhor, que ouvia o Pai e falava com o povo. Jesus conquistava o coração das pessoas que vinham de todas as partes (Mc 1,45; 3,7-8) para ouvi-Lo com admiração (Mc 6,2) e ver aquilo que Ele fazia (Mc 3,8). Esta relação da missão ad gentes com a Palavra de Deus não se enquadra tanto na ordem do “fazer” quanto na do “ser”. Para que a missão seja autêntica, a Graça de Jesus Cristo, que brota da Cruz, necessita de espaço. Credo n’Ele podemos transmitir a Palavra de Deus, que anima, ampara e fecunda o compromisso do missionário. Nela, encontramos a sabedoria que vem do alto e que nos permite identificar linguagens, atitudes e instrumentos adequados para responder aos desafios da humanidade que muda.

O Apóstolo Paulo exclamava: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!” (1 Cor 9, 16). Os discípulos de Jesus se tornam evangelizadores, sobretudo com a vida! Paulo VI frisava que “evangelizar [...] é a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. Ela existe para evangelizar [...]”¹. O Papa Francisco salientou, muitas vezes, a expressão “Igreja em saída”; na *Evangelii gaudium*, ele deteu-se de forma mais direta neste aspecto, quando escreveu: “Primeirear – desculpai o neologismo –, tomar a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no

1 Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*”, n.14. “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Aderir a este mandato do Senhor não é opcional para a Igreja; é uma “obrigação” que lhe incumbe, como recordou o Concílio Vaticano II (*Ad Gentes* (7/10/1965), 7; AAS 58 (1966), 955 [3], pois a Igreja “é, por sua natureza, missionária” (AG 2: AAS 58 (1966), 948 [4]).

amor (1Jo 4,10) e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG 24).

O mês outubro de 2019, por iniciativa do Papa Francisco, será o Mês Missionário Extraordinário, e terá o objetivo de “despertar em medida maior a consciência da *missio ad gentes* e retomar com novo impulso a transformação missionária da vida e da pastoral”². Esta proposta comunga com a solicitude pastoral do Papa Bento XVI, expressada em *Maximum Illud*, e com a vitalidade missionária do Papa Francisco, traduzida na *Evangelii Gaudium*: “A ação missionária é o paradigma de toda obra da Igreja” (EG 15). Por isso, a missão é um acontecimento eclesial de grande importância, que abrange todas as Conferências Episcopais, os membros dos institutos de vida consagrada, as sociedades da vida apostólica, as associações, movimentos eclesiais e processo de formação. O Mês Missionário Extraordinário tem o seguinte tema: “batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo”.

Nossa primeira revista de 2019 inicia resgatando duas experiências missionárias *ad-gentes*: a primeira, denominada “Projeto Igrejas Solidárias”, é realizada pela Igreja do Regional Sul 3 da CNBB; a segunda está ligada à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, Notre Dame. Diante disso, fica evidente que “ser missionário” parte do chamado do Senhor e da atitude de comprometer-se com o povo, optando pelos empobrecidos de nossa história e seguindo o mesmo critério de Jesus na promoção da vida.

A reflexão missionária recebe a fundamentação no texto intitulado “fragmentos para uma Teologia da missão”, do qual emergem vários questionamentos, tais como: 1) A missão ainda faz sentido se a maior parte da humanidade se salva sem ela?

2 https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20171022_lettera-filoni-mese-missionario.html. Acesso em 18/2/2019.

2) Quais são os eixos de uma Teologia da Missão que fundamentam o discurso missionário? 3) Qual é o compromisso da esperança que anunciamos? A espiritualidade missionária foi aprofundada no seguinte artigo: “eu sou uma missão nesta terra’: a missionariedade como elemento fundamental da espiritualidade cristã”. Sem a mística, o missionário esmorece.

A missão é dada aos cristãos por meio do batismo, e tem como centro imutável a pessoa de Jesus; ela não é uma iniciativa individual ou de grupos isolados, mas missão de toda a Igreja, unida ao seu Senhor. Nesse espírito, destacamos que os artigos refletem várias experiências concretas em situações específicas: a) Missão de reorganizar uma comunidade no esquema paulino; b) Missão da pessoa idosa e enferma e a espiritualidade e protagonismo no cuidado; c) Redes sociais digitais e missão evangelizadora com os jovens; d) As ocupações rural-urbanas e a missão da Igreja.

Neste ano, a revista CCI também quer resgatar alguns elementos da Conferência de Puebla. Certamente, celebrar os 40 anos deste acontecimento “pode ser boa ocasião para reavivar a herança atual que Puebla nos deixou e, assim, continuarmos fiéis a esse caminho, iniciado em Medellín (1968) e, de certa forma, continuado em Puebla; caminho que, hoje, precisa ser lembrado e retomado”.

O poema a “Missão é partir” de D. Helder Câmara expressa poeticamente a mística da missão.

Missão é partir, caminhar, sair de si. É quebrar as crostas do egoísmo
que nos fecha no nosso eu!
Missão é parar de dar voltas ao redor de nós mesmos
como se fôssemos o centro do mundo, da vida.

Missão é não deixar bloquear nos problemas
do pequeno mundo a que pertencemos.
A Humanidade é maior.

Missão é sempre partir,
mas não devorar quilômetros.
É sobretudo abrir-se aos outros como irmãos,
descobri-los e encontrá-los.

E para os descobrir e amar
é necessário atravessar mares
e voar pelos céus,
então, missão é partir até aos confins do mundo!

A missão faz parte de nossa resposta dada ao Senhor Jesus. O Papa Francisco nos desafia: “Nunca penses que não tens nada para dar, ou que não precisas de ninguém. Muita gente precisa de ti. Pensa nisso! Cada um de vós pense nisto no seu coração: muita gente precisa de mim”³.

3 Mensagem de sua santidade o Papa Francisco para o dia mundial das missões de 2018. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20180520_giornata-missionaria-2018.html. Acesso em 19/3/2019.

VINTE E CINCO ANOS DO PROJETO IGREJAS SOLIDÁRIAS SUL 3 CNBB - MOÇAMBIQUE

Entrevista com a Equipe Missionária do Regional Sul 3 da CNBB

Neste ano de 2019, a Igreja do Rio Grande do Sul celebra os 25 anos da sua presença missionária em Moçambique mediante o projeto Igrejas Solidárias Sul 3 CNBB - Moçambique. Com objetivo de promover o conhecimento dessa ação missionária, a Revista Caminhando com o Itepa - CCI realizou uma entrevista com os missionários que atuam nessas distantes terras africanas. Além do intuito de colaborar na publicização dos trabalhos missionários, a Equipe de pesquisadores espera que o trabalho investigativo sistematizado neste veículo de comunicação possa reavivar entre seus leitores e nas comunidades cristãs o espírito missionário.

CCI: Como começou o projeto Igrejas Solidárias Sul 3 - Moçambique?

Equipe Missionária: Este projeto surgiu em 1989, por ocasião da vinda de Dom Francisco Silota, bispo auxiliar da arquidiocese da Beira - Moçambique, ao Rio Grande do Sul. Ao participar de um encontro com seus colegas bispos, sensibilizou-os, relatando as necessidades e desafios de seu país. Após ouvir os apelos, os bispos do Rio Grande do Sul se comprometeram em fazer um gesto fraterno em favor dos irmãos de Moçambique, partilhando a sua própria pobreza. Em janeiro de 1993, o bispo encarregado do Setor das Missões da CNBB Sul 3, Dom Laurindo Guizzardi e a Irmã Amélia Vivian¹ realizaram uma viagem a fim de verificar *in loco* as

1 Dom Laurindo Guizzardi, então Bispo Diocesano de Bagé/RS, hoje Bispo-emérito de Foz do Iguaçu/PR. Ir.ª Amélia Vivian, das Irmãs Franciscanas Bernardinas, hoje trabalha no município da Barra do Ribeiro/RS. O Projeto surgiu da união de forças entre CNBB e CRB.

necessidades e a natureza do trabalho solicitado, bem como os locais de atuação. Os dois religiosos visitaram oito (8) das onze (11) dioceses de Moçambique. Reafirmaram, a partir dessa visita, o propósito de ajuda aos irmãos necessitados.

Após um tempo de diálogo com congregações e dioceses, e da preparação dos missionários, foi enviada a primeira equipe missionária em julho de 1994². Os missionários do Regional Sul 3 atuaram em vários locais da Arquidiocese de Nampula³ e da Diocese de Gilê na Zambézia⁴. Desde o ano de 2000, o Regional Sul 3 tem firmado seu trabalho nas Paróquias de São Miguel Arcanjo e São Paulo Apóstolo Arquidiocese de Nampula, enviando missionários leigos e religiosos a este campo de missão.

CCI: Como ocorre a preparação para ser missionário em Nampula?

Equipe Missionária: O caminho começa com o despertar pessoal para esta vocação *ad gentes*, acompanhado e amadurecido na comunidade, paróquia e (arqui)diocese. No

- 2 A primeira equipe chegou dia 26/07/1994. Era formada por: Pe. Irani Vilani, da Congregação dos Servos da Caridade (Guanelianos); Ir.^a Zenóbia Melz e Ir.^a Maria Helena Santa, da Congregação das Irmãs Franciscanas Bernardinas, e Ir. Valdete Correa, das Irmãs de Santa Terezinha. De janeiro a dezembro de 1995, integrou a equipe o seminarista Tadeu Libardi, da Diocese de Caxias do Sul, que hoje é padre. A primeira missão foi na Paróquia de São Paulo em Iuluti, Arquidiocese de Nampula, cerca de 110km de distância da sede atual da missão.
- 3 Nampula é uma província situada na região norte de Moçambique. A sua capital é a cidade de Nampula, localizada a cerca de 2150 km a norte da cidade de Maputo, a capital do país. Com uma área de 81 606 km² e uma população de 6.102.867 habitantes em 2017, é a província que está dividida em mais distritos, 23, e possui, desde 2013, 7 municípios: Angoche, Ilha de Moçambique, Malema, Monapo, Nacala Porto, Nampula e Ribaué.
- 4 Zambézia é uma província situada na região centro de Moçambique. A sua capital é a cidade de Quelimane, localizada a cerca de 1600 quilómetros ao norte de Maputo, a capital do país. Com uma área de 105008 quilómetros quadrados e uma população de 5.110.787 habitantes em 2017, está dividida em 22 distritos, e possui, desde 2013, seis municípios: Alto Molócuè, Gurué, Maganja da Costa, Milange, Mocuba e Quelimane.

caso dos leigos e leigas, é fundamental que tenham engajamento e vivência comunitária e pastoral através da participação em sua comunidade e em alguma pastoral ou movimento da Igreja Católica.

No processo de preparação, o Regional Sul 3 da CNBB, através do Conselho Missionário Regional- COMIRE, acompanha o candidato(a) à missão através de visitas, conversas com a (arqui)diocese e com o próprio padre ou leigo(a). Além disso, uma etapa fundamental na pré-missão *ad gentes* são os cursos de formação específica oferecidos pelo COMIRE, no Rio Grande do Sul e pelo Centro Cultural Missionário - CCM, em Brasília. O CCM é um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB e tem como um de seus objetivos a promoção de cursos de formação missionária para brasileiras e brasileiros a serem enviados a outra região ou país como missionários além-fronteiras.

Já em Moçambique, outra etapa de essencial importância na preparação do missionário é o curso oferecido na Arquidiocese de Nampula. Abrangendo as áreas de inculturação e aprendizagem da língua macúá⁵. O curso totaliza três meses de aula e garante um conhecimento da cultura e da língua, bem como o início da inserção na realidade local.

CCI: Como sentiram a chegada?

Equipe Missionária: A primeira grande surpresa é o envolvimento da comunidade local com a vinda dos missionários e missionárias. Todos rezam, se preocupam,

5 "A língua *emakhuá*, que ao mesmo tempo representa o grupo étnico *emakhuá*, constitui a língua materna de maior parte da população moçambicana - 26,3%. Em seguida, está o *xichanghana* com 14,4%. *Elomue* e *Cisena* surgem na terceira e quarta posição, como a língua materna de 7,9% e 7,0% da população moçambicana, respectivamente. Por sua vez, o Português, que é a língua oficial do país, surge como a língua materna de 6,5% da população" (Gilberto Mariano NORTE; Eduardo RIOS-NETO, *Línguas Maternas e Escolaridade em Moçambique*, p.2-3).

aguardam ansiosos por aquele que vem, e celebram com grande alegria quando chega. Outro destaque é a acolhida da equipe missionária que já está em Moma. Todos se preocupam com aquele que chega, conscientes das diferenças de horário, alimentação, temperatura, realidade, cultura e, por isso, se engajam em oferecer um ambiente acolhedor e fraterno na comunidade brasileira.

Nesta chegada, a expectativa da missão ainda é muito grande. Como vai se dar o contato com as pessoas? Como vai ser o trabalho nas paróquias? Como vou me comunicar?... É um momento fundamental para compreender o tempo, as atividades e a vivência comunitária. É nesses primeiros dias que se vive o desafio de se colocar nessa nova realidade, enfrentando também a necessidade de aprender a língua macúá.

Ressalta-se ainda uma experiência necessária e vivida pelos missionários e missionárias na sua chegada: a necessidade de desconstruir a imagem criada da África. Romper com o imaginário e olhar para a realidade de maneira lúcida, madura e consciente. Perceber que o meio que nos cerca não é o mesmo que vimos nas imagens da África transmitidos em televisões, jornais, mídias sociais.

CCI: Quem são, na atualidade, os membros da equipe missionária e quais os serviços desempenhados?

Equipe Missionária: Atualmente a comunidade é composta por três padres *Fidei Donum*⁶ e duas leigas: Pe. Domingos Manoel Rodrigues Lopes, da Diocese de Bagé/RS; Pe. Roni de Almeida Mayer, da Arquidiocese de Santa Maria/RS; Pe. Jucelino Martins de Pinho, da Diocese de Serrinha/BA; Rita de Cássia Patron Bandera, também da Diocese de Bagé/RS e

6 "O termo 'Fidei Donum', para designar um padre missionário diocesano, surgiu com o papa Pio XII que escreveu a encíclica 'Fidei Donum' em abril de 1957. Este documento trata sobre a situação das missões católicas particularmente da África e convoca os bispos do mundo inteiro a darem de sua pobreza padres diocesanos às Igrejas particulares mais necessitadas.

Victória Holzbach, da Arquidiocese de Passo Fundo/RS.

A equipe missionária trabalha em conjunto na evangelização e acompanhamento de duas paróquias e do Lar Vocacional; e no desenvolvimento dos projetos sociais na Vila de Moma e Micane.

A paróquia São Miguel Arcanjo de Micane-Moma está localizada no distrito de Moma, abrangendo duas Regiões Pastorais: Micane e Jagoma. A Região Micane tem 75 comunidades enquanto a Região Jagoma possui 36 comunidades, totalizando 111 comunidades. Estas comunidades se distanciam até 80 km do local sede dos missionários, na Vila de Moma.

A Paróquia São Paulo Apóstolo de Larde abrange todo o Distrito de Larde, que faz parte do Município de Nampula, da Arquidiocese de Nampula. Está composta por 43 comunidades situadas na zona rural. Nesta região do Distrito de Larde não há energia elétrica, o que desafia ainda mais os missionários no trabalho e no mergulhar nos costumes locais. O Centro Paroquial de São Paulo Apóstolo se distancia 60km da Casa dos Missionários e o Centro do Distrito fica a 107 km da Casa dos Missionários, em Moma.

CCI: Destaque os projetos sociais presentes na missão

Equipe Missionária: Começo destacando o **Projeto das Fotocopiadoras.**

Em vista de propor novas alternativas de autonomia econômica e serviços com qualidade e preço justo à comunidade de Moma e Micane, a equipe missionária acompanha uma Associação de Fotocopiadoras, que conta atualmente com três unidades: Fotocopiadora Ophavela Warya e Fotocopiadora Ophenta, em Moma; e Fotocopiadora Hossana, em Micane.

Estes empreendimentos, além de oferecerem o serviço de

fotocópia à comunidade, também trabalham com a comercialização de materiais escolares, buscando sempre um preço justo e não visando o lucro, mas o acesso das pessoas a estes utensílios. Além disso, são também alternativas para gerar e agregar renda a estas famílias, que vivem basicamente do cultivo de pequenas lavouras.

Biblioteca Watana

Watana é uma palavra em *macúia* que significa unir-se, fazer paz, fazer aliança, amizade. A Biblioteca é um espaço de acolhida e estudo para os jovens da vila de Moma, que disponibiliza livros e um ambiente para aulas de reforço escolar. A Biblioteca já conta com cerca de 1.400 cadastros de alunos e professores da 7ª a 12ª Classe das duas escolas de Moma. Estes usuários, utilizam o espaço de segunda a sábado, das 8h às 17h.

Murima Wa Mwana

Murima Wa Mwana, em *macúia*, quer dizer “coração de criança”. O projeto tem como objetivo promover o desenvolvimento integral de crianças que ainda não frequentam a escola e oferecer reforço escolar para crianças e adolescentes regularmente matriculados. O espaço, que também conta com o apoio de voluntários da comunidade e de entidades parceiras. São 50 crianças, de 02 a 13 anos, que desenvolvem atividades de leitura, escrita, jogos, brincadeiras lúdicas e outros.

CCI: Quais são os maiores desafios, eclesiais e sociais, que a equipe encontra?

Equipe Missionária: No âmbito eclesial, uma das principais dificuldades é a sustentabilidade da Arquidiocese, bem como das paróquias. A Igreja local ainda é muito dependente de recursos financeiros e humanos e aguarda sempre o apoio de recursos e missionários estrangeiros. Isso gera como consequência, uma grande desarticulação Arquidiocesana de Comissões, Pastorais e Organizações Arquidiocesanas.

Outro desafio é uma grande submissão ao governo por parte da Igreja que, muitas vezes, cala a necessária voz profética e silencia perante inúmeros problemas sociais que exigem uma posição clara de denúncia e anúncio de vida. Persiste uma realidade eclesial muito machista, reforçada pela cultura e pela forma de organização social. Encontram-se muitos resquícios de uma Igreja pré-conciliar, o que dificulta, muitas vezes, o trabalho pastoral e a vivência de uma fé encarnada e inculturada na vida do povo.

No âmbito social, as realidades interpelam de diversas maneiras: as corrupções em todos os níveis da sociedade; o baixo grau de escolaridade, especialmente entre as mulheres; a baixa expectativa de vida, que gera uma falta de esperança e perspectiva de futuro. Outros problemas que gritam alto são a exploração internacional (especialmente de recursos naturais) e o grande descaso com a saúde da população, gerando a disseminação de doenças epidêmicas como AIDS e malária.

Mesmo depois de mais de 20 anos do fim da guerra civil, o medo da guerra ainda é muito presente. Medo daquela que passou e do início de outra. Além disso, ainda é visível o pouco desenvolvimento em relação a políticas de saúde pública, educação, economia e capacitação profissional.

CCI: Como se dá o trabalho com a formação de lideranças e o acompanhamento vocacional?

Equipe Missionária: Para garantir o fortalecimento da Igreja Ministerial proposta e vivida em Moçambique e na Arquidiocese de Nampula, a equipe missionária se preocupa de maneira especial com a formação de lideranças leigas. A estrutura paroquial propicia essa organicidade através da instituição de ministérios, que buscam atender às necessidades pastorais e sociais da comunidade paroquial. Atualmente, as paróquias estão estruturadas com 11 ministérios: catequese, liturgia, anciãos (os responsáveis de cada comunidade), saúde,

família, jovens, vocações, acompanhamento aos ritos de iniciação femininos e masculinos, mulheres e educação.

As formações para cada pastoral acontecem a nível arquidiocesano, contando com a participação dos animadores paroquiais de cada ministério, que depois assumem a missão de multiplicar para os animadores das comunidades de sua paróquia. Nas paróquias, as formações são acompanhadas pela equipe missionária e pela equipe de formadores – um grupo de leigos e leigas que ajuda na missão de fortalecer e amadurecer a fé e os conhecimentos das lideranças paroquiais e comunitárias.

No âmbito das vocações, o acompanhamento se dá especialmente através de um Lar Vocacional, em Moma, que acolhe jovens meninos acompanhados pelos animadores comunitários das vocações. Desde 2009, a casa já acolheu mais de 30 jovens vindos das duas paróquias. Destes, até hoje, 15 ingressaram e permanecem no seminário arquidiocesano e em congregações religiosas.

CCI: Como sentem os apelos do Papa Francisco, de uma Igreja “em saída”, dentro da missão?

Equipe Missionária: Na missão *ad gentes* se percebe com clareza que o conceito de Igreja em saída vai muito além de entrar em um avião no Brasil e desembarcar em Moçambique. A missão *ad gentes* exige uma saída constante de si mesmo – o ensinamento de Dom Helder Camara sobre quebrar a crosta do egoísmo – no encontro com a cultura.

A missão *ad gentes* e o pedido do Papa Francisco para uma Igreja em saída exige que se seja capaz de compreender com compaixão e empatia a cultura, a religião, os costumes, as opções e os contextos sociais, políticos e históricos do povo *Macia*. Por isso, buscamos, iluminados e encorajados pelo ardor missionário, fugir de uma missão colonizadora, que impõe modos, costumes e língua, para caminhar lado a lado na construção de uma Igreja inserida e preocupada com a realidade

da sua gente.

CCI: De que forma recebem apoio da Igreja do Regional CNBB Sul 3 e de que forma procuram repercutir a experiência aqui?

Equipe Missionária: O Regional Sul 3 garante a sustentabilidade da missão através da Coleta de Pentecostes, realizada anualmente em todas as paróquias do Rio Grande do Sul, além de contar com o apoio de outros benfeitores. Além disso, a animação missionária acontece também através da oração daqueles que permanecem em sintonia com a missão.

A partir de Moçambique, se procura divulgar e repercutir a missão através da página no *Facebook* (Missão do RS em Moçambique) e no *Instagram* (Moma Missão). Conta-se, também, com o apoio dos Conselhos Missionários Regional, Diocesanos e Paroquial para tornar o Projeto Igrejas Solidárias conhecido em nosso Regional, ajudando especialmente na animação de novos missionários e missionárias com a vocação para a missão *ad gentes*.

CCI: Que experiências com o povo *Macúá* servem de inspiração para a missão de toda a Igreja hoje?

Equipe Missionária: A experiência com o povo *Macúá* é sem dúvida uma das maiores fontes de alegria e riqueza da missão. Uma das experiências mais relevantes nestes 25 anos de missão é justamente o contato e o respeito pela cultura por parte da equipe missionária. Busca-se sempre celebrar na língua local, valorizando o diálogo e o respeito pela realidade local.

Outra realidade que chama atenção é perceber o amor à vida comunitária por parte do povo *Macúá*, que caminha incansavelmente para celebrações, para visitar doentes e para as formações na paróquia. Essa dedicação gera também muitos frutos nos processos formativos, já que há um grande envolvimento de todos.

Por fim, destaca-se a grande alegria de todo o povo, de maneira especial nas celebrações. As missas vão sempre ao encontro da vida da comunidade, com ofertas produzidas por cada família, e se tornam uma verdadeira festa pessoal e comunitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NORTE, Gilberto Mariano; RIOS-NETO, Eduardo. *Línguas Maternas e Escolaridade em Moçambique*. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/1866/1825>>. Acesso em: 15/03/2019.

25 ANOS DE PRESENÇA NOTRE DAME EM MOÇAMBIQUE

Araci M. Ludwig*
Cecilia Giacomolli**

*Jesus se levantou para ler:
O Espírito do Senhor está sobre mim e me ungiu,
Para anunciar a Boa-Nova aos pobres,
para sarar os contritos de coração
para anunciar aos cativos a redenção,
aos cegos a restauração da vista,
para pôr em liberdade os cativos,
para publicar o ano da graça do Senhor!
... todos tinham os olhos fixos nele (Lc 4,16-20).*

Resumo: É totalmente impossível resumir num breve texto a obra grandiosa de instalação e desenvolvimento de um projeto missionário. Mesmo assim e, desafiando a realidade de um passado vivido entre sonhos, crises e potenciais fracassos, em poucos itens, nos propomos retomar a história riquíssima em atos heroicos de um projeto missionário protagonizado pela Congregação Notre Dame em terras africanas. O texto é apresentado em vários itens, subdivididos em breves subitens, para poder descrever a totalidade da realidade vivida. No primeiro item são abordados o convite e as razões para assumir a missão. O segundo traça uma breve imagem histórico-cultural e religiosa das terras africanas, locus da missão. Tornou-se objeto de reflexão os desafios da vida consagrada em terras africanas, tema abordado no terceiro item. No quarto, revisitam-se os passos dados pela Congregação Notre Dame em direção às terras africanas. Os demais itens abordam a consolidação da presença Notre Dame em terras africanas.

Palavras-chave: Congregação Notre Dame, Missão, África

- * Araci M. Ludwig, irmã de Notre Dame, é superiora provincial da Província da Santa Cruz, que tem a missão em Moçambique. Já esteve por mais de 10 vezes em Moçambique para visita e trabalhos em relação à missão da evangelização junto às comunidades locais.
- ** Cecilia Giacomolli, irmã de Notre Dame, foi missionária, em Moçambique, de 2001 a 2018, e por vários anos trabalhou como missionária no Amazonas e no Acre. Em Moçambique atuou na evangelização e catequese, formação de novos membros e na educação.

1 Motivação: convite, razões para a missão

Na década de 1980, alguns bispos da África, entre eles Dom Francisco João Silota, bispo de Chimoio, Moçambique, procuraram as Irmãs de Notre Dame, no Generalato em Roma, solicitando religiosas para as suas dioceses. Os membros do Governo Geral entenderam que era chegado o tempo histórico para estender a Congregação até o Continente Africano. Em 1990, Irmã Maria Joel Overmann, superiora geral, e Irmã Maria Odete Weschenfelder, assistente Geral, visitaram o Quênia, a Tanzânia e Moçambique, fazendo os primeiros contatos com as Igrejas locais. Em setembro do mesmo ano, na Conferência Geral, em Patna, Índia, a questão foi apresentada às superiores provinciais para discernimento. O pensar do grupo foi positivo. À Província de Patna coube assumir a Tanzânia, devido à língua inglesa. Ao Brasil coube o convite para Moçambique, em virtude de aí ser falada a língua portuguesa. As respectivas províncias assumiriam ainda o desafio de suporte pela oração, pelo sustento econômico e pelo interesse missionário.

Mais tarde, Irmã Maria Lourdes Urban, superiora provincial da Província da Santa Cruz, com sede em Passo Fundo, avaliou a questão no conselho provincial e, depois, lançou uma consulta às Irmãs da Província sobre a possibilidade de assumir ou não a nova Missão, na África. Seria uma forma de comemorar os 20 anos de Missão no Acre e Amazonas. Houve uma grande vibração e alegria, pois chegou a hora da missão *Ad Gentes* para Província da Santa Cruz. Iniciou-se um processo de discernimento. As Irmãs eram da seguinte opinião: "Achamos que nossa Província tem condições de assumir a Missão na África". Uma Irmã levantou uma motivação desafiadora: "Penso que não podemos aguardar mais tempo. Pessoas sempre faltarão, mas é preciso abrir para fortalecer quem o somos e o que temos. Creio que, assumindo esta atividade, reforçaremos o espírito missionário e apostólico de todas nós e de todas as

comunidades. É preciso dar do que temos e somos¹". O Bispo de Gand, na Bélgica, já afirmara: "Minha Madre Júlia, a sua vocação consiste em ir por todo o mundo; as Irmãs não foram feitas para ficarem numa só diocese²". Irmã Maria Aloysia, a fundadora da Congregação de Notre Dame, na Alemanha, também era animada por um profundo espírito missionário. Seu sonho era ser missionária na África.

Os preparativos para a Missão foram longos e envolventes. Ao processo de discernimento, seguiu a chamada de voluntárias. Doze Irmãs se ofereceram. Quatro, dentre elas, foram escolhidas em 1992: Irmãs Maria Licelda Giacomolli, Loiva Maria Urban, Maria Nilse Eidt e Maria Dirce Slaviero. Três professoras e uma enfermeira. O ano de 1992 foi considerado o ano de preparação das Irmãs pioneiras escolhidas e, em 1993, foram liberadas de suas principais atividades, a fim de se preparar para a missão. A Província já estava conscientizada de que chegara a hora de Irmãs brasileiras partirem para outras terras, seguindo o apelo: "Vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Eis que estarei convosco até o fim dos tempos" (Mt 28,19-20). Esta mensagem evangélica também foi o apelo missionário para as 178 Irmãs de Notre Dame, alemães, que vieram à missão do Brasil, em 1923.

Na Assembleia da Província, realizada no começo de 1993, numa expressiva celebração, durante a Santa Missa, foi feito o Envio Missionário pela Província, tendo como ponto alto o compromisso missionário e a recepção da cruz. A 22 de agosto, na Catedral Nossa Senhora Aparecida, em Passo Fundo, RS, Brasil, foi celebrada a Missa de Envio a partir da Igreja diocesana. De uma visita à CRB/Nacional³, no final, após a

1 Carta da Irmã Maria Lourdes Urban – Circular 16, de 02/12/1991.

2 Júlia Billiart, à sua amiga, Madre São José, C 114.

3 Conferência dos Religiosos do Brasil, no Rio de Janeiro, na véspera da partida das missionárias, vale registrar a celebração da Eucaristia presidida pelo Padre Edênio Reis Valle, SVD, então presidente da CRB/Nacional.

celebração do Envio, Pe. Edênio presenteou as Irmãs com a estola sacerdotal que usara na Missa. Disse que elas a usassem como sacerdotisas da missão moçambicana. Enviou-as em nome de todos os religiosos e religiosas do Brasil.

2 Moçambique: contexto político-econômico e socio-religioso

A República de Moçambique está situada na costa sul-oriental da África. O território em cerca de 44% é constituído por planícies, sobretudo no sul. Ao norte e no interior, surgem os planaltos. A rede hidrográfica compreende mais de 60 rios. O Zambeze, o maior rio do país, divide Moçambique ao meio, constituindo uma autêntica fronteira natural entre as duas regiões geográficas distintas: a região norte, com solos férteis e onde há a maior concentração florestal, e a região sul, de terra baixas, com solos mais pobres e paisagem caracterizada pela existência de savanas.

O clima é influenciado pelo regime de monções do Oceano Índico e pela corrente quente do canal de Moçambique. Apresenta-se temperado, nas regiões montanhosas e, tropical nas outras áreas. É chuvoso no norte e centro e mais seco na metade meridional. Distinguem-se duas estações: a das chuvas, de novembro a março, e a da seca de abril a outubro.

No século XII, mercadores árabes fundaram colônias comerciais em Sofala, Quelimane, Angoche e na Ilha de Moçambique. Os portugueses vieram ocupar Sofala em 1506. No início, Moçambique era governada como parte da Índia portuguesa, tornando-se, mais tarde, uma administração separada⁴.

4 A FRELIMO foi fundada em 1962. Lançou uma campanha militar, em 1964, com o objetivo de conquistar a independência de Portugal, o que aconteceu a 25/06/1975. A República de Moçambique tem por capital Maputo. Com a independência, foi promulgada uma Constituição do País. São reconhecidos como órgão de soberania o Presidente da República, o Conselho de Ministros, os Tribunais e o Conselho Constitucional.

A economia moçambicana encontra-se ainda num estado de subdesenvolvimento⁵. De característica familiar e, praticamente sem aplicação de tecnologia, a agricultura moçambicana produz milho, mandioca, feijão e arroz, sendo a atividade complementada pela criação de gado. A produção agrícola de exportação investe no açúcar, no chá e nos cítricos. Há uma exploração florestal desordenada, feita por estrangeiros. A atividade pesqueira aumenta gradualmente.

O setor industrial engloba pequenas indústrias ligadas à exploração mineira e à manufatura de matérias primas para exportação. Ambas as vertentes são exploradas por estrangeiros. Além de possuir a maior reserva de tantalite⁶ encontram-se facilmente outros minérios com elevados níveis de qualidade, como o ferro, ouro, bauxita, cobre, grafite, mármore, granada, diamante e pedra de cal. Moçambique tem a capacidade de ser um grande produtor de energia.

Há vários grupos etno-linguísticos. Existem minorias de origem asiática e europeia. A maioria da população é de origem Bantu, com diversos grupos étnicos e mais de quarenta diferentes idiomas. A língua oficial é o português.

A questão étnica do tribalismo, profundamente arraigada na cultura moçambicana secular, é um fator que se reflete nas relações sociais, políticas e religiosas o que dificulta a unidade nacional⁷.

5 Entra muito dinheiro do exterior, de ONG's, mas, nem sempre há transparência na sua utilização e aplicação.

6 A tantalita (Fe, Mn) (Ta, Nb) é um mineral composto de nióbio e tântalo, com fórmula química [(Fe, Mn) (Ta, Nb)]. É um minério bastante valorizado e aplicado na indústria eletrônica pois oferece resistência ao calor.

7 A título de ilustração, segue o depoimento de um Ex-Comandante da Aeronáutica, depois integrante da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, que participou diretamente da Guerra da Independência de Moçambique, após ter estudado 6 a 8 anos na Rússia. Diz ele: "Percebi que nós lutamos e desmantelamos o colonialismo português de nosso país. Tiramos os portugueses daqui à força, mas no final da guerra, eu mesmo tive que ouvir o seguinte: 'Agora, após termos conquistado a Independência, você pode voltar para a sua machamba (roça). Não

A família moçambicana sofre, cada dia mais, as tensões do elevado número de filhos e a falta de condições básicas para alimentá-los e educá-los. O país está num processo acelerado e incontrollável de urbanização. Jovens, principalmente meninas, saem do campo para as cidades e periferias em busca de trabalho, estudo e de uma vida melhor. O sonho da cidade, para os jovens sem preparo e sem oportunidade de emprego é uma ilusão que faz aumentar a mendicância e a criminalidade. Além disto, esta tendência levará os jovens à mutação de valores do mundo tradicional rural, tão fortes na cultura moçambicana, e passarão a ser substituídos pela 'modernidade urbana', onde os meios de comunicação têm forte influência, através dos apelos do consumismo, modismo, etc, sem uma adequada educação que acompanhe e oriente os jovens nessa passagem.

A mudança social, de significativas consequências, é a do papel da mulher. A tendência é a sua emancipação, sem adequada educação e orientação, mudança que, certamente afeta de modo expressivo, os relacionamentos tradicionais dentro do contexto familiar e social⁸. As instituições: família, sociedade e Igreja que sempre foram responsáveis pela transmissão de valores, perdem sua influência. A mídia - rádio, TV e internet - passa a influenciar a educação dos jovens e a mentalidade do povo.

Um fator alarmante é ainda a falta de acesso da população à água potável e ao saneamento básico. As doenças como

governará conosco e não terá outro emprego, pois não é da nossa tribo'. E quem disse isso, foi o 1º Presidente da República, Samora Machel junto com Joaquim Chissano. E, antes, eu fora o instrutor dos dois. Depois desse episódio que me relegou ao ostracismo e tive que deixar a Aeronáutica, convenci-me de que acabamos com o colonialismo português, mas não atacamos o mais grave problema da África: o tribalismo que nos divide e faz com que conflitos internos continuem sendo obstáculo permanente para a tão importante e necessária unificação nacional".

8 Um trabalho urgente é o da promoção da mulher, possibilitando-lhe o acesso à educação e ao trabalho.

HIV/SIDA, malária, tuberculose, diarreia e outras doenças infecciosas são causa de muitas mortes.

2.1 Educação

Apesar de todas as melhorias, a educação continua sendo de baixo nível. É triste constatar a elevada percentagem de analfabetos. Também a formação dos professores é muito precária, na parte psicopedagógico, o que prejudica o ensino aprendizagem. É urgente o acesso à educação para todos, bem como um trabalho de educação cívico-política para às populações, possibilitando-lhes organizar-se e reivindicar seus direitos.

Já se verifica uma considerável melhoria, desde que oficialmente a Educação se tornou uma prioridade para o Governo e para outras instituições. Missionários de várias congregações religiosas e também de diferentes igrejas contribuem muito para o progresso. Servem na gratuidade e com o seu trabalho ajudam no campo da educação⁹.

O número de escolas secundárias continua aumentando no país. Multiplicam-se os cursos superiores e mais universidades estão sendo autorizadas. O Conselho de Educação de cada escola é eleito pelo corpo docente, estudantes e a comunidade escolar (pais e responsáveis). Em 2003 este Conselho foi criado na Escola Secundária de Jécua. De 2004 a 2006, Irmã Maria Emília Welter, snd, exerceu a função de presidente do Conselho, mais tarde Irmã Maria Bernardete Fengler, também Notre Dame, exerceu esta função. O Conselho é considerado a autoridade máxima da instituição¹⁰.

9 Numa Carta Pastoral, os Bispos de Moçambique apelam para que se dê a devida atenção à extrema importância da educação e legitimação do saber, que permitam a participação de todos num movimento que promova a equidade na educação.

10 Na oportunidade, a Escola Secundária de Jécua contava com 3.987 estudantes.

2.2 Religião

Os africanos têm uma experiência cósmica de Deus, muito ligada aos alimentos que são carregados de axé, aquela energia divina que está nas coisas. Sessenta e seis por cento (66%) do povo ainda venera os seus antepassados. A fé nos antepassados é o marco da religião tradicional africana¹¹.

A celebração do dia dos finados não faz parte da vida do povo africano. O dia da morte é para eles o dia do juízo. Também os vivos participam do julgamento. É um dia muito importante. Abandona-se tudo e todos participam da cerimônia na casa do falecido. Ali há muito choro. O choro ajuda o falecido a partir melhor para o seu lugar junto aos antepassados. Bebem por oito dias, há comida e bebida em abundância na casa do falecido. Há ainda muitos tabus em relação ao mistério da vida e dos mortos¹².

Na África venera-se o Deus dos antepassados, de Abraão, Moisés e Jacó. Pode-se ler ali o Antigo Testamento, porque tudo confere. A Igreja está tentando ser africana com a cor, as danças, os ritos, os gestos, as oferendas, as canções e refrãos laudatórios. Ela quer descobrir um jeito bem seu de ser, de entender e de viver a Palavra de Deus. Ainda se sente falta dos conteúdos teológicos básicos, da tradução da Palavra de Deus em algumas línguas locais, da compreensão profunda da Liturgia unida à vida. O povo anseia pelo Deus vivo e verdadeiro ao qual quer servir com alegria e unção. Quer reconstruir a nação, quer ser livre e ser Igreja local. Quer ser, sobretudo, a Igreja familiar, doméstica, onde há o chefe, os irmãos mais velhos e os irmãos mais novos. Está descobrindo que nas Sagradas Escrituras, também a mulher tem valor e pode

11 Os espíritos dos ancestrais são cultuados até a milésima geração. Ouve-se a voz dos pais dos pais nas florestas, nas grandes árvores.

12 Os espíritos dos antepassados regem e governam o passado, o presente e o futuro. Por isso o medo atinge o mais fraco que é eliminado. O curandeiro e o feiticeiro têm papel de trazer a paz e a saúde ou provocar o mal e a vingança.

ser líder, proclamar a Palavra de Deus, explicá-la e estimular a comunidade. A Igreja luta para que os sacramentos sejam inculturados. A Igreja católica está se consolidando através das Pequenas Comunidades Cristãs.

O que unifica a cultura africana é a noção e o sentido da vida. Para o africano a vida é um dom recebido e que não pode ter êxito senão quando vivificada desde o seu interior por Àquele que a concedeu. A vida deve ser vivida na presença e em contato com o Ser Supremo, os antepassados e a comunidade.

3 Vida Consagrada na África

Um dos maiores desafios para a vida consagrada na África talvez seja formar padres e religiosos dentro da cultura, tradição e dos valores africanos. Então a pergunta, como ajudar os vocacionados a sentirem-se livres, sem serem dominados pelo medo dos espíritos dos antepassados?

O vocacionado e a vocacionada, muitas vezes, não se sente à vontade em uma Vida Religiosa segundo uma cultura que difere da sua. É também difícil explicar a vida religiosa ao africano, por causa da renúncia à fecundidade física, um valor primordial na vida do indivíduo e do clã, segundo o conceito africano do ser humano. Um homem, para ser considerado de maioria precisa ter construído a sua casa e ter gerado um filho. Por isso, sacerdotes e religiosos, por não deixarem herdeiros, muitas vezes, não são considerados adultos.

3.1 Irmãs de Notre Dame - Rumo a Moçambique

A viagem das Irmãs pioneiras estava prevista para maio de 1993, contudo teve de ser adiada para setembro, pois a Diocese de Chimoio ainda não tinha condições estruturais para receber as Irmãs. Em 28 de setembro, enfim, começou a viagem tão

sonhada. No Colégio Notre Dame de Ipanema, Rio de Janeiro, cedo de manhã, as Irmãs se reuniram para a celebração da Eucaristia, invocando as bênçãos de Deus para a viagem. As missionárias relatam: *Naquele dia fomos informadas de que o Bispo de Chimoio sabia da data de chegada e que alguém nos iria esperar em Harare, capital do Zimbábue, com os vistos originais para podermos entrar em Moçambique. Após o almoço veio um telefonema de Irmã Mary Joell, superiora geral, desejando-nos a bênção de Deus para a viagem e missão. Também outras comunidades telefonaram, apoiando a partida. Sentíamos que as Irmãs do Brasil e do mundo estavam conosco...*

3.1.1 Primeiras Experiências em Chimoio

Na primeira manhã, Dom Silota levou as Irmãs à Marera¹³, há 20 km de Chimoio, lugar onde seria a sede da missão Notre Dame. Os Padres e as Irmãs, que estavam nessa missão, abandonaram tudo por não terem mais segurança. O povo da aldeia teve suas palhoças inúmeras vezes destruídas pelo fogo da RENAMO¹⁴.

Dom Silota mostrou tudo às recém-chegadas. O sonho do Bispo era construir um Centro Polivalente de Formação de

13 Marera é uma grande aldeia. As palhotas de tijolos, taquara e barro eram cobertas de palha, a qual cresce em abundância em todo o país. No centro da aldeia, num bonito planalto, há diversas construções, a maioria danificada pela guerra. Era uma antiga missão. De um lado a casa dos Padres Franciscanos, do outro, a casa das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora; no meio, a igreja e, nos fundos, o internato. A igreja dedicada aos Apóstolos São Pedro e São Paulo, praticamente, não fora danificada. Durante as guerrilhas, após a independência, as construções haviam sido ocupadas como quartéis gerais da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique. Eram, pois, visíveis os sinais de balas nas paredes, vidraças quebradas, aranhas, baratas, cabritos.... Tudo abandonado!

14 Renovação Nacional Moçambicana – guerrilheiros que moravam e atacavam desde as montanhas e dos matos. A RENAMO constituiu-se uma oposição ao governo da FRELIMO, após a independência do país, em 1975, porque o Governo da FRELIMO excluía diversos grupos étnicos de seu governo e continuava a governar conforme o sistema opressor do governo português.

Lideranças, pelo qual as Irmãs seriam responsáveis. Elas narram: *“Consideramos o dia 01 de outubro, como dia da fundação de nossa comunidade porque nesse dia, finalmente, chegamos ao lugar, a partir do qual viveremos a nossa fé, a nossa vida religiosa e nossa missão apostólica”*. É também uma referência à fundação das Irmãs de Notre Dame em Coesfeld, na Alemanha.

a. Inculturação

Conforme desejo do Bispo, as Irmãs nada deviam fazer, no início, senão, olhar, escutar, observar e procurar conhecer a terra e a sua gente e inculturar-se, começando logo o estudo da língua dos nativos, o ‘chiutee’; estudar também a geografia, a história e a cultura do país. Foi um longo e duro período de aculturação, valorizando a cultura nativa, fazendo um trabalho consigo mesmas e com o povo, respeitando a história local. Portanto, empenhavam-se em conhecer a história vivida e contada pelo povo e que não está escrita; em ler e ouvir a literatura do país; em conhecer a expressão artística, cultural e religiosa bem como os princípios filosóficos e o sentir do povo.

Nos primeiros dias, as Irmãs saíram para conhecer o mercado popular, tipo feira, Tsunga Moyo, onde é possível comprar de tudo. Entraram também em algumas lojas para ver o que existia e para conferir os preços, transformando os meticais (moeda nacional) em dólares americanos e, daí, em cruzeiros (moeda brasileira). Chegaram à conclusão de que o custo de vida é alto.

Ao tomar conhecimento da primeira Carta Pastoral do Bispo, de 06 de janeiro: ‘Por onde começar?’ publicada no primeiro aniversário da instituição da Diocese de Chimoio na qual Dom Silota dá as pistas pastorais para a formação de “Pequenas Comunidades Cristãs”. Esta era a direção¹⁵.

15 As Irmãs aproveitaram ainda os primeiros dias para ‘exploração’ de fontes de informação, pesquisando a existência de jornais, revistas, rádio, TV, preços de

No dia 03 de outubro, por iniciativa da Igreja católica, em todas as dioceses e pequenas comunidades celebrou-se a ação de graças pelo aniversário do Acordo de Paz entre a RENAMO e a FRELIMO¹⁶, assinado em Roma no dia 04 de outubro de 1992. Em Chimoio fez-se a 'Marcha de Oração'. Eram católicos, metodistas, hindus e muçulmanos. Os soldados italianos, conhecidos como 'Capacetes azuis da ONU', lá conhecida como 'NU', se integraram e acompanharam a caminhada de agradecimento pela PAZ¹⁷.

O estudo da língua¹⁸ se tornou um grande desafio para as Irmãs, pois desde 1950, não se ensinava mais as línguas locais nas escolas. Fora proibido pelo governo português. Por isso, quem ainda fala a língua local, geralmente não sabe escrever, ler e, muito menos, conhece a estrutura gramatical da mesma. Houve também resistência do povo a esta orientação oficial¹⁹.

mercado, etc. Muitas pessoas ajudaram as irmãs a compreender a cultura e a situar-se no país. Irmãs Salvatorianas, Padre Claudio Crimi. Outro grande amigo foi o Irmão suíço Max Gmür, dos Padres Missionários da África, engenheiro e arquiteto.

16 Partidos políticos.

17 As Irmãs fizeram uma valiosa documentação em vídeo e fotografias. Compareceram aproximadamente duas mil pessoas. A marcha foi pacífica, com o lema 'Um ano de paz nunca mais a guerra!', lema que orientou as celebrações em todo o país.

18 A exigência da inculturação é o estudo de línguas, sobretudo da língua local; na região de Jécua é o chimanica, um idioma, que ainda não existe por escrito, sendo uma variante da língua Shona. Ir. Maria Emilia Welter que chegou no ano 2000 - optou pelo estudo de Shona, por motivos práticos, pois havia mais facilidade de conseguir material escrito nessa língua. Mais tarde, a Ir. Valderis Simor, após a sua vinda para a Missão, em 2003, também estudou Shona. A Irmã foi muito bem acolhida pelas Irmãs de Nossa Senhora do Monte Carmelo, em Mutare. Como não havia curso, teve aulas particulares. Todas as irmãs se esforçam na aprendizagem de uma ou outra língua, como importante meio de enculturação e de aproximação do povo, em suas atividades.

19 Um pequeno grupo, entretanto, que já se reunira para estudar a estrutura, a grafia, etc., integravam a equipe desta língua. O Diretor Provincial de Cultura, da Província de Manica, o Bispo, religiosos e religiosas e pessoas que entendem bem chiutee. Os resultados desses esforços estão na tradução dos Evangelhos e

O Padre Manuel José Vieira elaborou um dicionário Chiutee – Português de 2500 palavras, ainda não foi publicado. Posto isso, tem-se o quadro das possibilidades e limitações na aprendizagem da língua chiutee. Até crianças estão interessadas em ajudar as Irmãs nesta importante tarefa. Mas foram os religiosos os grandes parceiros das irmãs. Assim descrevem “força e incentivo foram os religiosos e religiosas de outros países, especialmente do Brasil, que estão na mesma região e cujo suporte se dá reciprocamente, destacando-se as Irmãs Salvatorianas, os Irmãos de La Salle, as Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, as Irmãs e Padres Franciscanos”.

Na paróquia da cidade de Manica, celebram-se anualmente três grandes reuniões de oração. Como o povo judeu, os cristãos das oito zonas paroquiais, cada uma compreendendo, de cinco a sete comunidades, reúnem-se numa tarde de sábado. O objetivo do Gungano, o que em língua chimanica significa grande reunião, é celebrar a Páscoa, em abril; agradecer as colheitas, em junho e agradecer o ano, em outubro. Visa também o conhecimento e a integração dos cristãos da paróquia²⁰.

No final do ano de 1993, a comunidade das Irmãs de Notre Dame escolheu seu nome: ‘Mai a Murungu’ (Mãe de Deus), pois Maria é venerada com carinho pelo povo como ‘Mãe de Deus’. Um dos motivos da escolha deste nome é a tradição africana que favorece a acolhida e compreensão da maternidade virginal, preciosa doutrina-dogma de evangelização. O povo simples gosta de rezar o terço, no qual em cada Ave-Maria se

dos Atos dos Apóstolos para chiutee. A revisão foi feita pelos Freis José Macieira W. Muconde e Manuel José Vieira, OFM. Essa mesma equipe, além do catequista Chingosa João Alfinete, está trabalhando na tradução das Cartas de São Paulo e do Antigo Testamento.

20 Neste ano, o Gungano de 23 de outubro tinha o objetivo específico de agradecer um ano de Paz em Moçambique e pedir chuva. No final o Gungano foi encerrado com solene celebração da Eucaristia. A pé ou em caminhões, aos poucos, o povo começou a voltar para casa.

proclama Maria Mãe de Deus. Outro motivo desta escolha foi a festa da Mãe de Deus no dia 01 de janeiro, quando também é celebrado dia mundial da paz. E a paz para o povo moçambicano, neste momento histórico, é muito apreciada. Maria nos trouxe o 'Príncipe da Paz', o Deus Salvador.

O nome foi escolhido na língua chiutee, como meio de inculturação na realidade do povo autee e do povo moçambicano em geral. Murungu é uma das variantes das denominações do grande espírito que habita nas florestas e é responsável por tudo aquilo que não se consegue fazer. 'Mai a Murungu' é preciosa presença de Deus que se poderá tornar bem visível, explícita e iluminar o progressivo caminho da Evangelização.

b. Campos para a Missão

A missão das Irmãs era a responsabilidade pelo *Centro de Formação Permanente de Lideranças*. Este seria o principal campo de atividade destinado às Irmãs de Notre Dame em Marera. As Irmãs de Notre Dame começaram a integrar a Comissão Diocesana de Evangelização e Catequese, bem como as Comissões de Nutrição e Culinária. Participavam do Projeto de Pesquisa sobre o povo autee e sobre a língua, cultura, história e realidade de Moçambique em geral. Orientavam também os funcionários do Centro Polivalente de Formação. Na catedral de Chimoio, continuaram a colaborar na catequese e participavam da Comissão de Liturgia. Assumiram ainda a preparação dos crismandos, em Chimoio. Além de assessorar a Comissão de Saúde, Higiene, Educação comunitária, trabalho com as mulheres em Marera, preparavam documentação fotográfica e videográfica das atividades missionárias.

Além de Marera ser a sede para o trabalho missionário para as Irmãs de Notre Dame, o Sr. Bispo, Dom Silota, levou as

Irmãs para a região mais ao noroeste, Tambara²¹, a 370 Km da sede diocesana. À beira do rio Zambezi, perto da província de Tete, havia uma pequena comunidade de catecúmenos que participaram pela segunda vez da Eucaristia, depois de terem passado 22 anos, sem ter visto um padre.

Ao passar pela região de Inhazônia, Dom Francisco contou que em 1976, houve o massacre conhecido como 'Massacre de Inhazônia', que começou com a morte de um padre, de um catequista e de um leigo. O Bispo demonstra um carinho especial para com os mais pobres, os deslocados, os repatriados, os milhares ainda refugiados na África do Sul, no Zimbábwe e no Malawi. Este povo, ainda que pobre, é alegre, especialmente, as crianças. Pelas visitas feitas e acolhidas, as Irmãs logo se dão conta que precisam aprender a língua chiutee, uma das 45 línguas tribais de Moçambique. O professor Chingosa João Alfinete pertencente ao povo autee, fala a língua chiutee. Tem apenas a quarta série primária, é catequista, trabalha na secretaria da pastoral e é um dos tradutores da Bíblia e do Missal Romano, trabalho que então estava em andamento.

Enfim, aos 22 de abril de 1994, após 205 dias de hospedagem na Cúria Diocesana, as Irmãs tiveram a satisfação de poder mudar-se para sua casa, em Marera, lugar de seu principal apostolado. Ao chegarem, em Marera, os professores e 600 alunos estavam ainda limpando o terreno, ao redor da casa. No mesmo dia, foi ligada a energia elétrica. À noite, as crianças vinham admirar o espetáculo da energia elétrica.

21 Tambara seria mais tarde uma comunidade que o bispo oferecera às Irmãs. Com exceção do Pungue, todos os outros rios estavam secos. As pontes não mais existiam. Dom Silota, ao volante contou muitas histórias dos horrores da guerra colonial, da guerra rodésiana e de seus efeitos em Moçambique, bem como das guerrilhas pós-independência.

c. Relações com a Igreja local

O bispo da Diocese de Chimoio²², Dom Francisco João Silota, traçou as linhas mestras para a missão da Igreja local. Deu destaque especial às “Pequenas comunidades cristãs”. Elaborou também a metodologia da formação dessas pequenas comunidades cristãs, sua estruturação, as lideranças e suas funções.

Há a premência da formação de líderes católicos e catequistas para as pequenas comunidades cristãs. Isso também porque outras seitas religiosas proliferam em toda a parte. Os líderes devem ajudar a viver a fé em profundidade, ser animadores da mesma fé nas suas comunidades, a fim de que o Reino de Deus se realize do jeito africano”.

No fim do primeiro ano da presença em Moçambique, as irmãs refletiram em sua pequena comunidade.

Somos recém-nascidas na África. Temos tudo a aprender. Muitos missionários já nos precederam e podem ser os nossos professores e formadores na iniciação à história, cultura e tradição africanas. Porém, mais do que eles, é o povo que sabe de suas raízes, de seus anseios e necessidades mais profundas. Só a atitude humilde do “sim” de Maria e do despojamento de Jesus Cristo, na Encarnação, nos serão luz e arrimo para acertar as veredas dos grandes sertões do coração ferido, espoliado, desfigurado do africano.

3.2 A atividade das Irmãs se consolida em Marera

A vinda das Irmãs significou uma bênção para o povo de Marera, que dizia: *‘Agora sabemos que a paz vai chegar para ficar, porque as Irmãs retornaram a morar no meio de nós!’* Em 1994, após dez meses de presença e de preparação, em Chimoio, as Irmãs deram o primeiro curso para catequistas de 16

²² Como estrangeiras, as irmãs não podem sair da Diocese ou do país, sem informar à Cúria Diocesana para onde vão e quando retornarão; isso é também uma exigência do Estado.

comunidades da Diocese. Um tradutor para a língua chiutee acompanhava os trabalhos. A falta de catequistas preparados, em conteúdo e metodologia, é um problema constante. Falta também o material mínimo necessário para a catequese e evangelização.

Em agosto foram formadas as Comissões de Higiene, Culinária e de Educação em Marera. Estas realizariam cursos de conscientização nas comunidades. Outra Comissão empenhar-se-ia pela construção de poços artesianos.

As Irmãs colaboraram também no processo de preparação da grande Assembleia Diocesana, em vista do Sínodo. Em setembro daquele ano (1994), Dom Francisco liberou as Irmãs para iniciarem, oficialmente, em toda a Diocese o Centro polivalente de Formação Volante. Daí em diante, começaram a percorrer a Diocese, de norte a sul, com intérpretes, procurando saber o que o povo desejava estudar e então surgiu a necessidade de planejar as atividades. À noite, quando não tinham onde se recolher, dormiam no carro, num saco de dormir. Levavam alguns mantimentos, água e material catequético para o treinamento. Cada viagem se constituía em um grande aprendizado para as Irmãs. Era admirável e louvável constatar como as comunidades começavam a se reorganizar após a guerra. Houve empenho geral nesta organização para efetivas participações.

Em 1995, devido aos longos meses de seca e por falta de água havia muita fome. O povo batia, diariamente, à porta, pedindo comida. Com a ajuda generosa das escolas das Irmãs de Notre Dame, da Alemanha, particularmente, de Irmã Maria Igna Kewitsch e um grupo de mulheres de Bocholt, as Irmãs puderam comprar um caminhão de milho e distribuí-lo. Receberam também ajuda do Kindermissionswerk de Aachen, para a construção de latrinas. Muitas famílias conseguiram assim, com a construção das mesmas, melhorar as condições de

higiene.

A espiritualidade deverá ser encarnada e inserida. As Irmãs propuseram-se a acolher a Palavra de Deus como graça que nos vem dos pobres. Para isso, iriam ler, rezar, partilhar e testemunhar essa Palavra, a nível pessoal, comunitário e de missão. Compreendiam a comunidade como força de onde se irradiava a sua missão apostólica. As Irmãs dariam continuidade ao serviço 'volante' de formação de lideranças – primeira evangelização.

Quanto à pastoral vocacional, a orientação do Bispo era que em cada paróquia se fundasse um clube vocacional, do qual os vocacionados deviam participar, antes de se definirem ou resolverem ingressar em uma Congregação religiosa. Dava-se ênfase à vocação diocesana para o sacerdócio e à vida religiosa. Não se podia receber vocacionados em casas de religiosos, nem manter casa de formação na diocese, antes de a respectiva Congregação ter completado oito anos de presença no país. Assim, antes de 1998, as Irmãs acompanhavam informalmente as jovens que mostravam interesse, convidando-as a passar os domingos com elas.

As atividades pastorais prosseguiram, abrangendo o nível diocesano e local. Através da pastoral da saúde, foram feitas muitas viagens a Chimoio, levando pessoas doentes ao hospital. Ir. Maria Licelda proferiu muitas palestras sobre saúde preventiva e higiene.

Em 1997, as Irmãs adquiriram 4 terrenos no Bairro Sete de Abril em Chimoio, destinados à construção da futura residência das Irmãs e da casa de formação para jovens vocacionadas.

Durante uma semana de Formação Permanente de Padres e Irmãs da Diocese de Chimoio, com a presença de Dom Francisco João Silota, as Irmãs Maria Nilse e Maria Dirce apresentaram os resultados da pesquisa feita sobre a realidade catequética na Diocese e o conteúdo do Novo Diretório

Catequético de Moçambique. Foram reconhecidos o valor e o amor à catequese. O mês de novembro de 1997, trouxe ainda um benefício especial para a comunidade das irmãs. Instalação de um computador e uma impressora, recebidos de doação do Fundo de Solidariedade da Congregação.

Em 1999 acentuou-se novamente a evangelização, considerando sempre como fundamental a busca de respostas às necessidades básicas da vida do povo: comida, casa, saúde, educação, segurança, conscientizando a pessoa de sua dignidade, de seus direitos e deveres, desenvolvendo uma autoimagem positiva e autoconfiança, em vista da libertação do medo, seja do feiticeiro, como dos antepassados e da guerra. Nesse esforço prosseguiram as atividades já iniciadas nos anos anteriores. No decurso do ano, foram promovidos novamente cursos, retiros e seminários de evangelização e catequese²³.

3.3 Transferência de Marera para Jécua²⁴

O Lar Cristo Rei está situado junto ao complexo de uma antiga Missão em Jécua, constando de uma Igreja, de um Lar masculino e feminino, de uma Escola, de um posto de saúde, uma residência das Irmãs, uma casa inabitada que pertencia aos Franciscanos. Nos arredores, encontra-se uma aldeia com aproximadamente 800 moradores. A Paróquia é constituída de

23 O Centro Polivalente de Formação continuava como 'volante'; experiência considerada muito boa pelas irmãs.

24 No final do ano de 1999, antes de sair de Marera, as irmãs fizeram uma avaliação do trabalho dos primeiros 6 anos a serviço da Diocese de Chimoio. Reconheceram que foram anos de inventar, construir, recriar, experienciar uma metodologia apropriada de trabalho apostólico, tentando responder à realidade social, cultural e eclesial. Agradeceram a Deus por terem acertado no essencial, apesar dos desafios, cumprindo a missão principal de formar lideranças a nível diocesano como Centro Polivalente Volante, tinham viajado do norte ao sul percorrendo a Diocese.

cinco comunidades cristãs. São comunidades vibrantes e de fé²⁵.

Logo depois do Natal, as irmãs partiram com Dom Francisco João Silota para conhecer o seu futuro campo de apostolado. As irmãs Franciscanas Hospitaleira da Imaculada Conceição que cuidavam do internato, ainda não tinham sido informadas da decisão final do Bispo de convidá-las a deixar a casa e a atividade para as Irmãs de Notre Dame. A notícia foi muito dolorosa para todas, de ambas as congregações.

Como é costume na tradição Autee naquela manhã no nosso "mata bicho", contamos a novidade. Rezamos com a comunidade, despedimo-nos, almoçamos na companhia das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora que estavam para receber a casa que nós deixávamos para trás". Ainda no mesmo dia partimos rumo a Jécua. Entardecia quando chegamos. Descarregamos as coisas, ajeitamos o principal, instalamos tão bem quanto possível a capela e acendemos a lamparina do sacrário. Jesus sacramentado estivera conosco, viajara conosco e recomeçava conosco. Isso foi confortador, no misto de

25 Em vista da falta de clareza de quem assumiria os custos da construção e administração do Centro Polivalente de Marera, e alguns impasses, pedimos ao Bispo a saída dela dessa atividade e nos prontificamos para assumir uma paróquia com um trabalho de inserção com o povo.

No dia 24 de dezembro de 1999, o Bispo Dom Francisco João Silota, visitou as irmãs em Marera. Ir. Nilse se encontrava sozinha em casa. Depois de elogiar o trabalho das Irmãs em sua Diocese, comunicou que já havia encontrado padres e irmãs para substituí-las no Centro Polivalente de Formação. Disse ainda: "O vosso trabalho a nível de Diocese terminou. Vós sois uma Congregação docente". O Bispo ofereceu o internato feminino Cristo Rei, em Jécua a 15 km da fronteira com o país do Zimbábwe e a 80 km de Chimoio. A atividade no internato teria início no dia 1º/2/2000. Convidou as Irmãs para colaborar na pastoral da Paróquia de Jécua. Além disso, seu desejo era que se interessassem pela Escola Secundária. Ele concluiu a sua visita com a proposta: "Ou Jécua ou abandonar a Diocese".

Ainda na mesma tarde, o Bispo enviou um fax para o governo provincial em Passo Fundo, comunicando a sua decisão. Primeiramente, esta notícia causou grande impacto. Todavia, após alguns dias, o governo provincial informou ao Bispo que decidira aceitar a nova atividade.

sentimentos em que vivíamos”. Em Marera, a comunidade paroquial soube da saída das Irmãs para Jécua somente no dia da partida²⁶.

Conforme previsto, a Comunidade Mai A Murungu assumiu a responsabilidade pelo internato feminino “Lar Cristo Rei”. Além disso, na paróquia, assumiram a coordenação da Catequese e o acompanhamento da liturgia, um círculo bíblico, a formação de líderes para o trabalho de saúde e medicina natural e o envolvimento de mães em cursos de costura, bordado e culinária. Estas atividades tiveram continuidade e se consolidaram, sendo ainda outras acrescentadas, tais como: Participação da Comissão Justiça e Paz, Pontifícias Obras Missionárias em especial a Infância Missionária.

3.3.1 Internato

No início, o Lar²⁷ contava com 50 internas de 11 a 25 anos de idade, provenientes das dez Províncias do País. Frequentavam da 5ª a 11ª classes. Depressa este número foi aumentando até 80 internas. As irmãs descobriram que os pais das jovens queriam um ambiente sadio para as filhas onde fossem educadas para a vida.

Mas havia muitos problemas, embora, a maioria das jovens mostrasse grande resistência ao trabalho. Mas aos poucos, começaram a apreciar a possibilidade de aprender a bordar e costurar. Era preciso estar de plantão dia e noite, durante os 7

26 Por isso, organizou um programa de despedida oficial para mais tarde, a 09 de abril. Nesse dia, as seis zonas da paróquia estavam representadas. As Irmãs escreveram: “...Houve celebração da Eucaristia, louvando a Deus pela vida que juntos vivemos nestes seis anos. Ofertas, discursos e um almoço festivo complementaram o ato religioso. Somos agradecidas a Deus e ao povo pela vida que nos ensinaram a viver, pelo apoio que sempre nos deram, pela busca e caminhada conjunta. Foi nossa primeira amada e inesquecível experiência africana”. Novo desafio, novo trabalho pastoral, nova língua agora Chimanica.

27 Para LAR entenda-se internato.

dias da semana. Isto exigiu muita renúncia, muita morte interior ao longo do ano. Problemas de água, luz, gás, ciclone, enchente, estragos na casa, goteiras, doença das internas. Furtos na horta e na machamba²⁸, fuga de meninas do internato, desentendimentos, dificuldade de criar um mínimo de hábitos de convivência, de responsabilidade, de respeito pelo bem comum, de cumprimento do horário, era pão nosso de cada dia.

No dia 19 de fevereiro, as irmãs iniciaram o seu trabalho na paróquia, numa reunião de catequistas das cinco comunidades da zona de Jécua. A chuva era intensa. De três comunidades poucos puderam vir, pois tinham que atravessar o rio com água até a cintura. Para fazê-lo, deviam tirar a roupa, segurá-la perigosamente sobre a cabeça e, aos trambolhões, atravessar a correnteza das águas. Na outra margem tornavam a vestir-se e prosseguir a caminhada.

No domingo seguinte à chegada das irmãs, na Celebração da Eucaristia a paróquia Cristo Rei fez a acolhida oficial das Irmãs de Notre Dame e das internas, com a oferta de produtos da terra. Foi emocionante, pois deveras eram ofertas dos pobres. Talvez alguns não comeram naquele dia para poderem oferecer algo. Fevereiro é ainda a época de fome. Assim as irmãs sabiam o que significava cada espiga de milho verde, cada batata doce, cada ovo, oferecidos com generosidade e alegria.

Causa das malárias constantes era a época das enchentes, com muitas águas paradas e a falta de rede mosquiteira nas janelas do Lar. Passada a chuva e colocada a rede mosquiteira, os casos de malária prosseguiam seu ritmo normal de poucos casos.

Para as internas, a chuva torrencial, a falta de água e de energia eram até divertidas, pois não sendo possível trabalhar na horta, podia-se andar à procura de água em algum pântano ou riacho para tomar banho, lavar roupa e fazer a limpeza no

28 MACHAMBA equivale à roça, lavoura.

internato.

Naquele mês, iniciou também um grande trabalho de recuperação do pomar, o qual estava parcialmente destruído e totalmente coberto de um verdadeiro matagal. Foram meses de trabalho de limpeza, construção de uma cerca, depois, lavrar e plantar 110 árvores frutíferas.

Os principais objetivos do Lar Cristo Rei, como também do internato masculino conforme proposta do Bispo, Dom Silota, são:

1. Oferecer a possibilidade de estudo aos mais desfavorecidos da Província de Manica, ou melhor, da Diocese de Chimoio;
2. Formação integral da pessoa humana²⁹.

3.4 Projetos e ações pastorais

A missão da Congregação Notre Dame consolidou-se em terras africanas, nesses vinte e cinco anos, mediante o dinamismo das Irmãs Missionárias que, incessantemente pensaram, organizaram e realizaram diversos e sólidos projetos, elencados abaixo

3.4.1 Construção de escolas Comunitárias em Marera

Grande benefício para a educação das crianças, dos arredores de Marera, são as Escolas Comunitárias, cujos professores e material foram pagos com recursos vindo da Alemanha. A insistência dos pais era para que seus filhos tivessem educação

²⁹ O bispo Silota sempre insistia sobre a necessidade de auto sustento da obra, através da machamba. Disso surgiram as seguintes sugestões: 1) Apresentar um relatório anual ao Bispo Dom Silota; 2) Reduzir os gastos de energia; 3) Aumentar as horas de trabalho na machamba; 4) Não aceitar mais meninas de outras províncias e, sim priorizar as mais desfavorecidas de nossa província, ou seja, aquelas que não têm onde estudar. Como ajuda para o auto sustento do Lar Cristo Rei, foi aumentada a área dos animais, restaurado o chiqueiro e construído um galinheiro e abrigo para cabritos.

primária. Foi limpado um espaço debaixo de uma árvore, onde os alunos estudavam sentados na grama. Eram crianças de 6 a 14 anos de idade, que deviam ser alfabetizadas aprendendo a ler, a escrever e as quatro operações fundamentais. Enquanto isso os pais recolhiam estacas e outro material e, construíram uma escola-barraca, com material do local. Foram construídas as Escolas de Muconde, Chirinda Canheza e Muconje. Quando as irmãs saíram de Marera, haviam deixado construídas essas escolas de alvenaria para acolher 200 a 400 crianças, graças à ajuda da Alemanha, à boa vontade do povo e ajuda de algumas organizações não-Governamentais.

3.4.2 Poços em Jécua

Em Jécua, com a ajuda do povo e doações da Alemanha, as irmãs empenharam-se logo a solucionar o problema da água potável, providenciando a construção de poços. Em reunião o povo junto com o seu régulo, entenderam que pagariam a bomba do poço. Dessa forma, foram feitos cinco poços. Este acontecimento favoreceu a aproximação do povo com as irmãs, criando boas relações. Já em 2001, em Muzongo, foi solenemente inaugurado o primeiro poço, com a invocação dos antepassados e o pedido da bênção de Deus, após comentar os acontecimentos bíblicos em referência ao tema dos poços.

No bairro dos professores, Ir. Maria Emilia presidiu a inauguração do poço, com o mesmo ritual. Aí o povo escolheu o nome de "Poço de Abraão". O terceiro poço foi feito, além da planície, para beneficiar os moradores daquela região. Mais outros dois foram construídos, sendo um para a Escola Secundária de Jécua e o outro para o internato feminino Cristo Rei. Assim, cinco poços estavam construídos, beneficiando os moradores das regiões e criando laços de união.

3.4.3 Promoção da Mulher

A mulher, especialmente no interior, ainda é muito submissa, dominada pelo marido e pelos homens em geral. A grande maioria é analfabeta. Existe, em nível de país, um grande empenho pela emancipação da mulher. Logo as irmãs perceberam que havia um grande trabalho nessa área. Irmã Maria Nilse se dedicou a isso. Em Marera, em 3 comunidades, surgiram grupos de mulheres. Após uma sondagem da realidade, esperanças e necessidades das mulheres e jovens surgiu a ideia de fazer pão para vender e, assim ter um fundo para ajudar nas despesas da casa. Foram feitos fornos com tambores e, cada grupo, prosseguiu, com a aprendizagem da confecção do pão. Enquanto a massa crescia, aproveitava-se o tempo para a aprendizagem da leitura e da escrita e a preparação de remédios caseiros.

Em Jécua, segundo a tradição cultural do povo maniquense, nas sextas-feiras, não se trabalha na machamba. É uma homenagem aos espíritos dos antepassados da região. Aproveitando este legado cultural, as organizações dos mais diferentes tipos, também a Igreja, aproveitam este dia da semana para encontros e reuniões. As Irmãs também o fizeram, reunindo nas sextas-feiras mulheres e jovens, iniciando com cursos de costura, bordado e tricô.

Em 2001, Dom Silota nomeou três Missionários de Guadalupe para formar uma comunidade em Jécua. Este evento trouxe grande benefício para os internatos, à comunidade e às Irmãs, pois teriam missa semanal no internato, na comunidade.

No ano de 2003, em vários municípios, formaram-se pela primeira vez alunos da 10ª classe. Em toda a Província havia apenas duas escolas secundárias completas: em Chimoio e em Jécua. O Governo encaminhava os estudantes para estas duas escolas, onde poderiam concluir os estudos da 11ª e 12ª classes. Seis municípios foram direcionados para Escola de Jécua que

não estava preparada para acolher tantos alunos, faltando salas e professores. Esse foi também o motivo da exagerada procura de vagas no internato.

A falta do número suficiente de pessoas preparadas levou os professores e a Irmã Maria Emilia à busca de livros e de orientação para a elaboração de planos de curso. Essa situação precária continuou ainda até 2004.

3.5 Fundação em Chimoio – Bairro Sete de Abril

A Congregação das Irmãs de Notre Dame, sonhara há muito tempo ter uma casa própria, próxima à cidade de Chimoio. Foi então comprado um terreno no bairro Sete de Abril. Ao saber da vinda das irmãs, o povo vibrava dizendo: *Agora temos a nossa Missão*. A 19/01/2001, chegaram as primeiras Irmãs com a mudança. Já nos primeiros dias, o Pe. Francisco Charles Sinate, então pároco na Soalpo, a que pertence o bairro Sete de Abril, veio celebrar a primeira Santa Missa, na capela, sendo então, acesa a lamparina do Santíssimo. Seguiu a bênção das duas casas. Os doze operários da construção participaram dessa celebração e bênção. Quando as Irmãs visitaram os vizinhos, logo estavam rodeadas de crianças felizes em poder acompanhá-las. Revezavam-se para que todas pudessem segurar a mão das irmãs. No domingo, na celebração da Palavra de Deus, na capela de São Francisco de Assis desse Bairro, as Irmãs foram apresentadas à comunidade. Apesar da chuva, a igrejinha estava lotada. Chamou atenção nessa pequena comunidade a participação de todos na liturgia e no canto. Estavam muito bem motivados e preparados, fruto do esforço de boas e corajosas lideranças.

As atividades deste primeiro ano, no Bairro Sete de Abril, podem ser resumidas em: animação vocacional, encontros e retiros vocacionais, participação na Comissão de vocações na diocese, participação no Conselho Paroquial, formação de

ministros da Eucaristia, catequese e formação de catequistas; pequenas comunidades cristãs; visitas às famílias; acolhida de visitas e hospedagem de padres e irmãs. Mais tarde, foram acrescentadas estudo de inglês e Shona e, pastoral da Infância Missionária. Realizavam-se cursos, encontros, retiros; houve também muita entreatajuda com outras congregações. A comunidade também se integrou ao trabalho de educação no Seminário Santo Antonio dos Freis Franciscanos.

3.6 Vocações - Formação inicial

Na festa da Anunciação do Senhor de 2004, três jovens foram acolhidas oficialmente como candidatas à vida religiosa da Congregação das Irmãs de Notre Dame. Antes da missa as candidatas receberam a Bíblia, a medalha de Santa Júlia, uma Capulana e camiseta branca, como distintivo de candidata. À celebração Eucarística seguiu um almoço festivo, na Casa de Formação. Daí em diante essas jovens começaram a morar nessa casa. Foi muito especial comemorar a festa do SIM de Maria com essas três jovens. As irmãs escreveram sobre este fato: *"Temos esperança e queremos acreditar no processo formativo nesta cultura tão diferente e pedir ao Bom Deus muito discernimento e confiança"*³⁰.

Devido ao contexto histórico da Educação do País torna-se compreensível a necessidade de um período mais longo para a jovem decidir a sua vocação. Até o fim da Colonização, em 1975, era recusado à maioria do povo nativo o acesso à escola. Somente depois da independência, a possibilidade de estudo, sem discriminação estendeu-se a todos e à iniciação cristã. Assim, somente em 2004, tornou-se possível abrir a porta da

30 Já em maio, reuniram-se algumas jovens por dois dias, na Casa de Formação. Os trabalhos das irmãs com a juventude na diocese são frequentes e bastante participados. Também isso dá esperança de vocações para o futuro. Nesse processo são necessários paciência histórica, perseverança e discernimento.

casa de formação para receber as primeiras formandas³¹.

O Plano de Formação foi elaborado com base no da Província da Santa Cruz de Passo Fundo e no de Tanzânia, contudo tomando em consideração a tão diferente realidade local. A falta de base acadêmica e de iniciação na vida cristã dificultam o processo da formação.

A questão cultural é um grande desafio. As irmãs procuram animar a promoção vocacional, sendo uma presença alegre e bondosa, vivendo o carisma e testemunhando a bondade de Deus. Irmã Maria Irene Kunzler se dedicou esmeradamente na comissão diocesana das vocações, ajudando encontrar novas formas de promoção e cultivo das vocações.

O dia 13/05/2006 marcou o ingresso no postulante das três primeiras candidatas moçambicanas: Joana Francisca Ngirase, Cacilda da Conceição Caetano Miguel Antonio e Lavenesse Jone Nazuo. As Irmãs esmeravam-se em preparar um ambiente acolhedor e festivo. A presença da Ir. Araci Maria Ludwig, aumentou ainda mais a alegria geral e todas as Irmãs da Província da Santa Cruz estavam unidas às felizes postulantes numa corrente de oração contínua por elas e por mais vocações.

3.7 Iniciativas e Eventos

De acordo com o desejo do Bispo, as Irmãs integram a maioria das Comissões Pastorais Diocesanas. Irmã Maria Nilse foi convidada para participar da comissão de elaboração do catecismo da diocese. É uma grande dificuldade encontrar catecismos para as diferentes etapas do catecumenato e catequese.

O engajamento da Irmã Maria Irene Kunzler na Comissão das Vocações foi muito valioso. Com esmero, em nível de Diocese, em paróquias, capelas, famílias e grupos de jovens por

31 Até então, a casa servira para hospedagem, férias, retiros e encontros.

meio de palestras, encontros, entrevistas e retiros, a irmã incentivou a animação vocacional. Os frutos em breve começaram a aparecer por meio de jovens vocacionados, candidatos ao sacerdócio e da fundação do Seminário Menor Diocesano de Jécua.

Ir. Maria Cecília Giacomolli fez surgir um panorama novo e encantador na Evangelização, iniciando com o Movimento da IAM, Infância e Adolescência Missionária. Dezenas de crianças foram motivadas com seu lema “Criança ajuda e evangeliza criança”. O movimento expandiu-se em quase todas as paróquias da Diocese, como uma forma de evangelização e desenvolvimento do Espírito Missionário.

Desde o tempo de Marera, a atividade da Ir. Maria Licelda Giacomolli significou um bem imenso no campo da saúde. A Irmã iniciou a assim chamada horta da saúde, semeando e plantando, com as lideranças, as mais variadas e possíveis plantas medicinais. Realizou muitos encontros de grupos de líderes, em várias paróquias. Implantou a medicina natural, preparando agentes. Três dessas agentes percorriam, de bicicleta, as comunidades levando remédios caseiros e outros medicamentos, recebidos da MEDEOR, da Alemanha, por intermédio de Irmã Maria Igna Kewitsch, snd, de Mülhausen, e de um grupo de mulheres da paróquia de Bocholt.

O trabalho da construção de latrinas foi intensivo para conscientizar o povo sobre a higiene e o benefício de condições sanitárias. A irmã Licelda abriu uma farmácia de ervas, em Jécua com os medicamentos mais necessários para casos de urgência. Realizava exames de bioenergética³². A Irmã Licelda fazia parte da Comissão Diocesana de saúde, percorrendo muitas paróquias.

32 Com isso, a Irmã salvou muitos doentes que voltavam desenganados dos hospitais. “Ide e curai os doentes”, mandato assumido pela missão das Irmãs de Notre Dame em Moçambique.

A Irmã Maria Emilia contribuiu no fortalecimento da espiritualidade dos sacerdotes, através de reflexões e retiros. Esse apostolado é muito valorizado na Diocese. Além disso, a irmã prestou valiosos serviços na Comissão de Justiça e Paz em defesa dos direitos humanos, junto ao povo. Na educação, empenhou-se incansavelmente na formação da juventude, em especial, no Lar Cristo Rei e na Escola Secundária de Jécua, onde exerceu a função de Presidente do Conselho de Educação de 2004 a 2006³³.

Com a saída da Escola Secundária Pública de Jécua, a população viu-se ameaçada. Aos poucos, Dom Francisco João Silota, Irmã Emília e o Pe. Joaquim Toris se empenharam em organizar a Escola Comunitária da Missão de Cristo Rei de Jécua. As atividades iniciaram com alguns professores contratados pela escola e outros pelo governo, dois agentes de secretaria e duas serventes. A abertura oficial foi no dia 23/01/2012³⁴.

Em setembro de 2008, Ir. Maria Emilia Welter foi nomeada pelo sr. Bispo para acompanhar os refugiados Zimbabwanos que vieram para a cidade de Manica. O número aproximado era de 200 pessoas.

33 Chegam mais missionárias. Desta vez as Irmãs Tania Maria de Andrade e Irmã Maria Bernardete Fengler. Com alegre entusiasmo, se integram neste novo mundo, através de uma necessária enculturação. Ambas ficaram em Jécua. Desenvolveram atividades manuais com as internas, como crochê, tricô, ponto cruz, costura a mão. Sem demora conquistaram as jovens. Estas estimavam muito as irmãs, especialmente por seu espírito jovial e alegre.

34 Foram nomeados Irmã Maria Emília Welter como diretora, Pe. Joaquim Toris Acosta como Diretor Adjunto Pedagógico (DAP) e o Professor Calton Arminio como coordenador Pedagógico. A Escola iniciou com 4 turmas: Três da 8ª classe e uma de 11ª classe. Todas as classes funcionam com as disciplinas gerais de ensino de Moçambique, com acréscimo da disciplina de Valores Humanos para as 8ª, 9ª e 10ª classe e Cultura Religiosa na 11ª e na classe 12ª classe, Psicopedagogia.

4 Nova atividade em Dombe

Em 2006, a pedido do Bispo D. João Francisco Silota, a comunidade de Chimoio iniciou um novo apostolado, no campo social e da saúde em Dombe. A paróquia está situada na região montanhosa, a 120 km de Chimoio. A ela pertencem 20 comunidades, todas muito distantes e de difícil acesso. Poucas delas podem ser alcançadas de carro; as outras de bicicleta, a pé e/ou de canoa.

Irmã Maria Licelda foi liberada para, naquela localidade, trabalhar na saúde e vivendo na comunidade da “Fazenda da Esperança”. Quando tinha oportunidade e necessidade acompanhava o Padre John O’Donoghue, missionário irlandês da Sociedade dos Missionários da África, às regiões mais distantes para orientação e formação de mulheres para a saúde³⁵.

35 A Irmã relata de suas viagens de ida e volta a Dombe: “Às 7 horas, saí de Chimoio, numa condução sem janelas. Era um frio insuportável. A minha cabeça e corpo apanhando todo o vento! Tentei proteger-me com minha sacola para não esfriar o meu coração. Lembrei-me então de Santa Júlia e cantei baixinho; ‘Santa Júlia dos sapatos rotos dos pés incansáveis’... Animei-me mais, pois sabia quem estava à minha espera, quando chegasse em Dombe. Eram aidéticos, crianças subnutridas, queimados, cortados, com febre, malária, etc. Depois de uma hora, cheguei em Sussundenga, gelada e coberta de poeira, onde no carro do padre John, segui viagem até Dombe. Subimos e descemos montanhas. Ao pé de uma montanha, visitamos a comunidade chamada Chinda, passando por caminho péssimo, esburacado atravessamos um rio por cima de dois paus. Primeiro, o Padre desceu e entrou no rio para ver se dava passagem. Eu fiquei no carro, rezando à Santa Júlia e São José. Durante a celebração Eucarística, começou a chover forte, para o povo é sinal de bênção. A irmã escreveu ainda: “Durante os 35 anos que trabalhei em hospitais não vi o que estou vendo aqui, no dia a dia, deste povo sofrido e necessitado. Todos os dias, uma senhora e eu atendemos de 30 a 40 pessoas, os mais doentes. Caminham horas para aqui chegar. Passam no Posto de Saúde e, depois vêm aqui para a Missão. Estou feliz em poder fazer esta nova experiência e de fazer o trabalho que Jesus fez”.

5 Formação e Primeira Profissão Religiosa

Em maio de 2008 aconteceu em Marera, a 3ª Conferência internacional Notre Dame da África com o tema: “A espiritualidade das irmãs de Notre Dame na cultura Africana”. Ir. Maria Sujita, a superiora geral, fez a abertura de uma forma brilhante. As irmãs presentes eram em número de 28, vindas dos 4 países das missões na África: Tanzânia, Quênia, Uganda e Moçambique. Estiveram presentes as superiores provinciais responsáveis por estas missões³⁶. Dom Francisco João Silota celebrou a Santa Missa de abertura. Na homilia, animou a Congregação para a continuidade da missão neste país, e agradeceu o trabalho das Irmãs de Notre Dame em Moçambique.

Em maio de 2010, houve a primeira Profissão Religiosa de nossas duas Irmãs Moçambicanas, Irmã Maria Cacilda da Conceição Miguel e Irmã Maria Lavenesse Jone Nazuo. A cerimônia realizou-se na Paróquia da Soalpo, em Chimoio. A superiora provincial de então, Ir. Maria Lori Steffen, recebeu os votos em nome da superiora geral.

As irmãs procuraram, ao longo dos anos, integrar-se nas atividades diocesanas e se aprimorar na formação permanente e específica. Irmã Maria Irene Kunzler iniciou a Escola de Formadores em Maputo. Foi o primeiro Curso promovido pela CIRM CONFEREMO NACIONAL com a duração de 3 anos.

Outro momento histórico, em 2013, foi a viagem de nossas candidatas para fazer o postulante e o noviciado em Arusha Tanzania³⁷.

36 Ir. Maria Odete Weschenfelder do Brasil foi convidada para ser a tradutora na Conferência.

37 As jovens Ema Virginia Euclides Argumassa, de Quelimane. Finita Pedro Farnela de Munhinga - Sussundenga. Turesse Villiard Linado de Chicuéia - Machipanda, iniciaram o postulante em Arusha, Tz. A partir desta data a formação à Vida Religiosa Consagrada Notre Dame seria em Arusha, na Tanzânia, sede da Congregação de Notre Dame, na Tanzânia. A formação seria em nível de África.

Em 23 de março de 2013, foi inaugurada uma nova casa, perto da Escola Notre Dame Mwana Une Rukariro, para as aspirantes. Neste dia também foi o ingresso oficial das aspirantes e candidatas.

6 Acidente e morte

Em inícios de janeiro de 2016, Irmã Maria Bernardete e Irmã Maria Imelda Hübner, retornam do Brasil. Irmã Imelda Hübner vai com a juniorista Lavenesse Jone Nazuo para Nairobi, a fim de participar da preparação aos votos perpétuos, junto com as junioristas da Delegação Geral do Espírito Santo na Tanzânia e Quênia. Irmã Bernardete Fengler, no entanto, volta para Chiomoio e Jécua, sendo buscada com o carro de Jécua em que estavam Irmã M. Emília Welter e o motorista da comunidade.

No caminho para Jécua, de carro, as irmãs sofrem acidente e as duas irmãs, Bernardete e Emília, ficam feridas e são internadas no Hospital de Chimoio. Irmã M. Bernardete não resistiu e faleceu no dia 20 de janeiro de 2016. Foi um choque muito grande para todas as missionárias e para a Congregação inteira. A Irmã voltara do Brasil com planos e sonhos, mas Deus em seus desígnios decidiu diferente.

Irmã Maria Bernardete Fengler é a primeira irmã de Notre Dame, enterrada em terras africanas. Confiamos em sua intercessão para a perseverança e novas vocações religiosas e sacerdotais.

7 Consolidação da presença Notre Dame em Moçambique

Um marco para celebrar os 20 anos de presença em Moçambique, 2013 e 90 anos de presença no Brasil, a Congregação das Irmãs de Notre Dame, fundou a Escola Notre Dame Mwana Une Rukariro. A celebração realizou-se nas dependências da Escola, no bairro Sete de Abril. De fato, foi um

dia de louvor por podermos oferecer, já por 20 anos, nossos dons missionários a favor do povo Moçambicano.

O evento, para a comemoração dos 25 anos de nossa presença, em Moçambique, é a nova missão iniciada em 10 de janeiro de 2018, em Gorongosa. A celebração dos votos perpétuos da Irmã M. Cacilda, irmã nativa moçambicana, celebrada em novembro foi um outro evento celebrativo dos 25 anos de presença Notre Dame em Moçambique.

7.1 Nova missão em Gorongosa

A partir de novembro de 2017, iniciaram negociações para a abertura de uma nova missão em Gorongosa, na Província de Sofala, Arquidiocese da Beira. Várias viagens foram feitas para acompanhar a reforma da casa e as conversas com os padres da Paróquia sobre as atividades a serem assumidas no Internato feminino daquela missão.

No dia 10 de janeiro de 2018, foi iniciada a nova comunidade, chamada Irmã Maria Ignatia, em Gorongosa, na missão de Cristo Rei. Três irmãs foram destinadas para esta missão, Irmã M. Irene Kunzler, Imelda Hübner e Ester Marie Moisés Eduardo Mudzenguerere. Além das Irmãs, o bispo diocesano, Dom João Carlos Hatoa Nunes, de Chimoio, acompanhou as irmãs ao seu destino, na Diocese da Beira.

No segundo ano de presença da comunidade Notre Dame, a missão já se ampliou com o pedido e insistência do Bispo Arquidiocesano Dom Claudio Dalla Zuana, para as irmãs assumirem, em 2019, a administração e direção dos Internatos masculino e feminino e da Escola da missão. Antes esta direção e administração estava sob o cuidado do Pe. Abilio Patrício Januário.

Uma das primeiras dificuldades enfrentadas foi o incêndio em uma das alas do internato feminino. Graças a Deus ninguém

se feriu, mas o prejuízo material foi muito grande. As irmãs e internas receberam muitas doações, inclusive dos funcionários do Parque Nacional de Gorongosa, que fica ali perto.

7.2. Missão e desafios

A missão Notre Dame em Moçambique continua com grande esperança e ao mesmo tempo desafios múltiplos. A sustentabilidade de pessoas e financeira é um deles. As Irmãs brasileiras são poucas, as nativas agora em número de 10, mas sem a devida formação acadêmica, para atuar na missão principal - EDUCAÇÃO E SAÚDE, EVANGELIZAÇÃO E FORMAÇÃO INICIAL. Como em toda a parte, as Irmãs de Notre Dame, trabalham para o seu próprio sustento. Um dos maiores desafios é adotar o estilo de vida do novo país. Por estilo de vida entende-se a expressão da cultura, dos princípios, da tradição e da realidade existencial, conforme proposta da diocese.

As solicitações pastorais do Bispo significam desafios, tais como:

- Insistência na necessidade do estudo de línguas, de provérbios populares e, mesmo de piadas que manifestam a filosofia e o senso de humor, como meios de penetração na alma africana.
- Promoção das “Pequenas Comunidades Cristãs” ao semear a Boa Nova.
- Formação adequada de lideranças leigas.
- Aumento e melhoria da pastoral em geral: A pastoral da Catequese social e outras. Daí o imenso desafio do número insuficiente de irmãs para tantos setores, sobretudo, a falta na Saúde curativa e preventiva.
- Número limitado de Irmãs que se possam dedicar à promoção humana sobretudo da mulher, incluindo costura,

culinária e puericultura. A mulher e a criança não têm “rosto” e muitas vezes, são abandonadas, sem direitos nem a satisfação das necessidades fundamentais da vida.

- Urgente necessidade de mais professores, especialmente a partir da aprovação do governo para o funcionamento das escolas particulares.
- Analfabetismo gritante.
- Fruto de um contexto de guerra e colonialismo deixou as pessoas fechadas e desconfiadas.
- Falta de água potável e de alimentos básicos para a sustentabilidade do povo e famílias.
- Muitos dos desafios iniciais da missão, em 1993, continuam ainda hoje. Em toda a parte, somos solicitadas para novos postos de trabalho. Nossas forças nem sempre alcançam o solicitado.
- O problema das malárias reincidentes preocupa a todas. Desde o início, as irmãs dizem que esta é uma das cruces que acompanha a missão e a vida das missionárias.

Referências bibliográficas

ANAIS das Irmãs de Notre Dame. Arquivos da Casa Provincial. Passo Fundo (desde 1993 até 2018). Os Anais são escritos por várias pessoas, ao longo dos anos.

JAEGER, Irmã Maria Boaventura. Manuscrito sobre a História em Moçambique, por. s/d.

Relatos orais dos povos nativos e da experiência das Irmãs de Notre Dame em Moçambique.

FRAGMENTOS PARA UMA TEOLOGIA DA MISSÃO¹

Paulo Suess*

Resumo: Na "Teologia da Missão" está imbutida a busca do sentido e da racionalidade da missão hoje. Mesmo se a maior parte da humanidade se salva sem "nossa" missão, ela faz sentido porque ela faz parte da identidade dos discípulos e discípulas de Jesus ("natureza missionária"). O compromisso com a esperança da ressurreição, que nela está sendo refletido e vivido, está vinculado com a esperança dos pobres e a relevância para os outros. "Teologia da Missão" e presença missionária nas periferias do mundo, em face do sofrimento desnecessário, da existência do mal e da ameaça da vida, são teodicéia, defesa da existência de Deus como última instância de justiça num mundo marcado por injustiças estruturais. Integramos em nosso anúncio missionário as contingências da natureza e as ambivalências da humanidade, que dificultam, mas não impossibilitam, de falar de Deus-Amor, numa Igreja que se declarou "advogada da justiça dos pobres" (DAP 395, 533). Sem o anúncio da justiça da ressurreição não haverá justiça para os que morreram injustiçados. As lutas históricas antecipam a credibilidade desse anúncio e, ao mesmo tempo, são lutas pelo reconhecimento do incógnito de Deus na vida e no rosto dos pobres e dos outros.

Palavras-chave: Natureza missionária. Universalidade contextual. Unidade plural. Gratuidade. Esperança.

1 Este texto é a versão abreviada de "Teologia da missão" em: G. Labonté/J. Andrade (Orgs.), *Caminhos para a missão. Fazendo missiologia contextual*. Brasília: Centro Cultural Missionário, 2008, p.149-190. Obs.: Este texto, por ser já publicado, não vai seguir a metodologia bibliográfica desta revista, mas no formato original, isto é, como foi já publicado.

* Possui graduação em Teologia pela Universidade de Muenchen (1964) e doutorado em Teologia Fundamental pela Westfaelische Wilhelms-Universitaet Muenster (1977), Alemanha. Foi professor na antiga Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP) no curso de pós-graduação em Missiologia e foi assessor do Conselho Missionário Nacional (Comina). De 1996 a 2000, e de 2000 a 2004 era, respectivamente, vice-presidente e presidente da Associação Internacional de Missiologia (IAMS). Atualmente é assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), e professor convidado de várias instituições acadêmicas nacionais e internacionais, atuando principalmente nas seguintes áreas: missiologia, história, cultura, religiosidade popular, pastoral.

Nos caminhos da missão encontram-se pedras e questionamentos. Podemos transformá-los nas seguintes perguntas: 1) A missão ainda faz sentido, se a maior parte da humanidade se salva sem ela? 2) Quais são os eixos de uma Teologia da Missão que possam fundamentar o discurso missionário? 3) Qual é o compromisso da esperança, que anunciamos, com a esperança dos pobres?

1 Argumentos

1.1 A “natureza missionária”

Depois de Aparecida, a Igreja convoca novamente os batizados para assumirem seu discipulado em regime de urgência (DA 289, 368, 518). Essa mobilização missionária não deve ser considerada como algo extraordinário nem prerrogativa de uma ou outra Igreja local ou de setores pastorais específicos, porque ela brota, como o Vaticano II lembrou, da “natureza missionária” da Igreja. O argumento da “natureza missionária” precede qualquer atividade missionária. É um argumento interno da Igreja para afirmar a sua razão de ser e, através dela, a necessidade e a continuidade do paradigma missionário. Não é propriamente um argumento para convencer um interlocutor a se converter ao cristianismo. Essa natureza missionária, segundo o Decreto *Ad gentes*, faz parte da normalidade e da razão de ser eclesial: “A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (AG 2).

Depois do Concílio, os documentos latino-americanos (SD 12, DAp 347) retomaram essa afirmação fundamental. Aparecida, na “Terceira Parte” de seu texto conclusivo, dedicado ao agir pastoral, desenha uma Igreja que vive “em estado de missão” (DA 213). Também as “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010” colocaram

na sua parte central o sonho do discipulado missionário “numa Igreja em estado permanente de missão” (DGAE 47-101). Os textos insistem em devolver a cotidianidade missionária à Igreja em todas as suas instâncias. Também o discurso teológico deve ser marcado pela natureza missionária da Igreja, e representa não uma disciplina entre outras, mas um eixo central de todas as matérias teológicas. A Teologia da Missão é, ao mesmo tempo, teologia fundamental e pastoral, discurso nuclear de radiação e discurso prático-performativo.

Na “natureza missionária” trata-se de uma segunda natureza dos batizados, de uma natureza recriada pela redenção, portanto, de uma natureza analógica. Os cristãos participam dessa nova natureza pela nova ordem do ressuscitado, que envia seus discípulos como missionários aos “confins do mundo”. Em virtude de seu batismo receberam a vocação de fazer toda humanidade participe dessa nova natureza. A ordem da redenção é um dom para os outros. No coração da redenção está o imperativo da doação. A “natureza missionária” é esse imperativo da doação. Para os cristãos, “ser”, “dever” e “vir a ser” são inseparáveis.

A “natureza missionária” da Igreja em si não é uma “questão disputada” ou negociável. Em seus desdobramentos, em sua mediação e prática histórica, porém, ela é sujeita a discernimentos, discussões e negociações, como é facilmente verificável ao compararmos os escritos de José Anchieta com o diário de Vicente Cañas, martirizado, em 1987, como defensor do povo Enawene-Nawe, no rio Juruena/MT². A “natureza missionária” é “essência” num sentido metafórico, porque é “princípio” e como tal, faz, ontologicamente, parte das origens. Historicamente, a natureza missionária pertence ao tempo da Igreja e é vivida por santos e pecadores. A missão tem a sua *origem* na missão do Deus trinitário (“missão de Deus”) e sua

2 Paulo SUESS, Eles vieram para salvar almas, em: *História Viva*, Edição Especial temática n.2 (A Igreja Católica no Brasil), p.9-15, aqui 10s.

finalidade na salvação da humanidade: “Para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). E essa missão se prolonga pelo envio dos discípulos por Jesus ressuscitado no Espírito Santo: “Como tu (Pai) me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo” (Jo 17,18). Por ser das origens, portanto, por ser “princípio”, e por não excluir ninguém, dirige-se a todos com o projeto, que Jesus nos revelou, com o Reino de Deus.

A identidade entre Jesus histórico e Jesus ressuscitado é marcada pelas suas chagas nas mãos e em seu lado aberto pela lança. O Ressuscitado “mostrou-lhes as mãos e o lado, e os discípulos exultaram por verem o Senhor” (Jo 20,20). Jesus de Nazaré, o “Enviado do Pai” (Jo 20,21), “assumiu toda a natureza humana” (AG 3). A natureza missionária da Igreja encontra a sua identidade nessa origem do envio e assunção da natureza humana. A identidade de Jesus pré e pós-pascal aponta para a identidade da missão dos discípulos e para a natureza missionária da Igreja que, segundo S. Paulo, tem como núcleo querigmático o escândalo e a loucura de “Cristo crucificado” (1Cor 1,23). Pobres sinais marcam a trajetória da comunidade missionária: o vazio, a abertura, a partilha, a ruptura, a caminhada, a cruz e a hóstia sagrada. O presépio e o sepulcro estão vazios; a porta do cenáculo está aberta, a genealogia de Jesus, interrompida pelo Espírito. A expulsão de Jerusalém marca o início da missão. A Igreja essencialmente missionária não tem pátria nem cultura. Ela é serva, peregrina, hóspede, instrumento, sinal, sacramento.

1.2 Conteúdos

As razões que fundamentam a “natureza missionária” da Igreja em favor da continuidade da missão fazem parte da fé e da esperança dos cristãos. Acreditamos que no princípio era o Verbo e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio e em vista

do Verbo (*logos*) de Deus encarnado (Jo 1,1s), que é o braço estendido de Deus para a humanidade. O mundo existe porque Deus, trino e uno, é amor, e por ser amor se comunicou através de sua Palavra Eterna e habitou entre nós. O mundo e sua história foram de antemão criados em vista dessa autocomunicação da palavra de Deus encarnado. Comunicação essa que se tornou graça redentora devido à sua ligação a um fato posterior à criação que, com a devida previdência, chamamos “pecado original” e que é a afirmação da liberdade humana. Liberdade só existe onde há escolha, nesse caso, a escolha entre o bem e o mal. Na modernidade, essa possibilidade de escolha inscrita na condição humana é chamada de “ambivalência”, “dialética” e “contradição”.

A liberdade é vivida em todas as dimensões da existência, no encontro com o mundo e o próximo, nas lutas históricas e na vida corriqueira de cada dia. Pelo uso/abuso dessa liberdade, abriu-se na história do mundo e da humanidade uma brecha entre “natureza” e “natureza redimida (graça)” e, por conseguinte, entre o que foi tradicionalmente chamado de “história profana” e “história de salvação”. Ambas as histórias não coincidem mais.

Mas essa brecha não configura duas histórias separadas, porque o mundo e a história, como um todo, nunca perderam totalmente o DNA da graça embutido na criação. Ademais, a graça performativa do Verbo encarnado não recuou – não estabeleceu um muro – diante do chamado mundo profano. A rigor, não podemos separar as duas histórias e Deus nos fala e salva, de maneira distinta, numa e na outra, ou melhor, numa pela outra.

A base da razão profunda do discipulado missionário é a fé num Deus-Amor. Agora essa fé precisa prestar contas de sua coerência, ou seja, de que está de acordo com os dons que afirma serem de Deus. Um desses dons divinos é a inteligência,

que possibilita explicar a lógica interna da nossa salvação. Para um interlocutor não-crente, que vive os acontecimentos históricos a partir de uma contingência irreduzível, essa lógica não passa de uma construção humana ou de um mito religioso. Não existe uma necessidade forçosa de assumir este ou aquele credo. A propensão para este ou aquele credo que pode conduzir à “conversão” e à assunção de um entre muitos credos, se essas já não forem determinadas pelo nascimento, emerge, geralmente, não da superioridade doutrinal, mas da atração vivencial dos seus representantes: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres” (EN 41).

1.3 Discernimentos

A história de salvação é uma história de libertação. Já as imagens bíblicas, que nos falam da criação do mundo, mostram isso: a criação do mundo do caos, o discernimento entre trevas e luz, e a libertação do barro pelo espírito. Nos grandes mistérios dessa história, lembramos um longo processo, no qual Deus realiza sua missão libertadora na aproximação ao seu povo, no dom de Alianças, na libertação da humanidade da escravidão. Os escritores bíblicos nos mostram que a relação entre Deus e a humanidade está sempre ameaçada pelas rupturas de uma liberdade que não respeita seus limites nem a vocação, os dons diferentes do outro. Nunca, porém, se produziu uma ruptura definitiva entre Deus e a humanidade. A desgraça de Babel se reverteu, através de Abraão, homem da fé e do caminho, em graça, bênção e promessa para a humanidade (Gn 12).

A libertação é um processo de criação, de discernimento e de assunção de um destino novo. No Verbo encarnado, o Deus criador se contextualiza como Emanuel, como 'Deus Conosco', prometido ao longo da história de Israel, que representa todos

os povos (Is 7,14; Mt 1,23; 28,20). A aproximação de Jesus-Emanuel culmina na doação redentora de sua vida e no dom da Nova Aliança na justiça definitiva da ressurreição. O caminho que conduz a humanidade ao Pai e supera dispersão e confusão passa pela encarnação do Filho. Ele é o mediador e doador da Nova Aliança (Hb 9,15; 12,24) e do caminho para uma nova humanidade (Jo 14,6).

A história de salvação acontece na história de cada povo e grupo social. Ambas as histórias não são idênticas, mas tampouco separáveis. Salvação é o dom de Deus que vem ao nosso encontro desde a criação do mundo e, de uma maneira nova, por sua encarnação. Salvação é seu advento infinito no amor, escatológico e ao mesmo tempo histórico. Por colocar a pessoa humana na sua plenitude, a graça da salvação pode historicamente ser apenas experimentada por pequenos instantes de antecipação, como um relâmpago que rasga o céu.

Para não carregar a proposta de uma "Teologia da Missão", que de uma ou outra maneira envolve teologia e economia da graça, com a longa história do "tratado da graça", distingo apenas entre a "graça original", primeiro dom de Deus ligado à criação, e a "graça histórica", proveniente da encarnação de Jesus Cristo. A "graça original" tem seu contraponto, ainda que de peso inferior, no "pecado original". A primeira graça nunca foi totalmente destruída. Como razão do "pecado original" imaginamos a liberdade das pessoas que, mesmo depois do pecado original e de pecados pessoais, continuam, como a história de Israel mostra, destinatários e interlocutores de Deus. Há muitos graus e maneiras de acolher esse primeiro chamado e de viver essa "graça original".

Com a encarnação de Jesus, Filho de Deus, uma parte da humanidade, a que não pertence ao cristianismo, continua "apenas" com a "graça original" e implícita. A outra parte, os cristãos, por causa de sua fé, recebe, através de Jesus Cristo, de sua palavra e de seus sinais, de sua cruz e ressurreição, e, mais

tarde, pela atualização das palavras e dos atos de Jesus na vida sacramental da Igreja, uma graça nova. Chamarei essa graça, que tem data histórica para os destinatários, mas que é essencial em seu efeito, transmitida pela encarnação, de “graça histórica”, por ter a sua raiz reflexiva e efetiva na encarnação histórica de Jesus Cristo.

Portanto, a “graça original” é a presença universal (geográfica e temporal) da vontade salvífica de Deus, cujo amor precede todas as obras e decisões humanas e se faz presente através de mediações históricas. Com a mediação definitiva e universal da graça de Deus por Jesus de Nazaré, a “graça original” se torna, para os cristãos, de uma maneira muito específica “graça histórica” e, sob o signo da revelação, história de salvação explícita.

Para facilitar o anúncio missionário podemos dizer: a “graça original” é a graça genérica que todos, também os não-cristãos, recebem, e a “graça histórica” é a graça específica daqueles que acolheram a cruz de Cristo, a sua palavra e os sacramentos da Igreja. Pela “graça original” e pela “graça histórica”, também a chamada história profana, marcada pelo “pecado original”, é inseparavelmente permeada pela história de salvação, não obstante a autonomia e liberdade das pessoas. Deus pode-nos falar, e de fato nos fala, pela chamada história profana através de “sinais do tempo” (GS 11a; PT 39ss). Pelo entrelaçamento de ambas as histórias, Jesus nos adverte de que encontraremos na história, até o juízo final, trigo e joio (Mt 13,24-30).

1.4 Opções do Vaticano II

O “pecado original”, que depois de Copérnico, Darwin e Freud sofreu múltiplas reinterpretações, segundo Tomás de Aquino, não deve ser visto como ruptura entre o plano de criação e de redenção: “O direito divino, que tem a sua origem na graça, não suspende o direito humano, que é de ordem

natural³. O Vaticano II e as discussões missiológicas posteriores ao Concílio explicitaram alguns princípios importantes do Evangelho numa nova perspectiva para o mundo de hoje:

- a) “O Salvador quer que todos os homens se salvem” (LG 16; 1Tim 2,4). Segundo o plano de salvação, a vida eterna é para todos.
- b) “Os que ainda não receberam o Evangelho se ordenam por diversos modos ao Povo de Deus” (LG 16).
- c) “O plano da salvação abrange também aqueles que reconhecem o Criador” (LG 16), muitas vezes, em religiões não-cristãs que “refletem lampejos daquela Verdade que ilumina todos os homens” (NA 2b). De ninguém, que procura “o Deus desconhecido em sombras e imagens, Deus está longe” (LG 16a).
- d) Todos “que sem culpa ignoram o Evangelho de Cristo e Sua Igreja, mas buscam a Deus com coração sincero e tentam, sob o influxo da graça, cumprir por obras a Sua vontade conhecida através do ditame da consciência, podem conseguir a salvação eterna” (LG 16). “Deus pode por caminhos d’Ele conhecidos levar à fé os homens que sem culpa própria ignoram o Evangelho” (AG 7a).
- e) A liberdade religiosa é um direito da pessoa humana e um pressuposto da missão. “Em assuntos religiosos ninguém seja obrigado a agir contra a própria consciência, nem se impeça de agir de acordo com ela” (DH 2a). O uso diferente dessa liberdade é a prova de sua existência.
- f) A real possibilidade da salvação em Cristo sem conhecimento do Evangelho e a necessidade da Igreja (dos sacramentos, da evangelização explícita) para essa salvação não se excluem (RM 9, DI 20b).

A missão nos tira da esfera da necessidade, onde os benefícios são avaliados pelos custos. O que realmente vale na

3 Tomás de Aquino, *Summa Theol.*, II/2, q.104, art.6; II/2, q.10, art.10.

vida não tem preço e não pode ser lançado num balanço comercial. A missão nos coloca na racionalidade da gratuidade, na qual a multiplicação dos dons e dos pães passa pela doação radical.

2 Eixos

A Igreja peregrina e missionária foi fundada na festa de Pentecostes, festa do dom da Lei no Sinai para os judeus, e para os cristãos, festa do dom da lei do novo mandamento, portanto de uma nova ética e prática. Nesta festa os discípulos e discípulas foram enviados em missão na unidade do Espírito Santo. O Cenáculo é o novo Sinai. A partir de Pentecostes, a comunidade eclesial aprendeu que sua tarefa é formar, convocar e enviar servos do Reino e testemunhas da ressurreição.

A fundação da Igreja na festa de Pentecostes lembra-nos de cinco dimensões de sua natureza missionária. Essas dimensões, que dão os contornos de seu “estado de missão”, fundamentam também a “Teologia da Missão”: *contextualidade, universalidade, pluralidade, unidade e gratuidade.*

2.1 Contextualidade

A contextualidade da missão tem dimensões históricas, culturais e sociais. A história insere a Igreja num processo dialético de despojamento e enriquecimento. A inserção da Igreja na modernidade e sua aproximação aos pobres pelo Vaticano II não foram tranquilas. Décadas antes do Concílio observam-se na Igreja Católica diversos movimentos pastorais e teológicos que perceberam a orfandade eclesial no mundo moderno. Como se situar nesse mundo entre isolamento e *aggiornamento*? Como traduzir os artigos de fé, os sinais de justiça, as imagens de esperança e as práticas de solidariedade para os interlocutores do mundo moderno? Esses movimentos

assumiram atitudes de aproximação ao povo, sobretudo aos pobres como “dimensão constitutiva de nossa fé” (DA 257) inserida na realidade da vida concreta⁴. Os posteriores paradigmas da inserção e inculturação nasceram da percepção da distância sociocultural entre Igreja e povo, e da vontade evangélica de estar perto dos pobres e dos outros. No Concílio uniram-se setores provenientes desses movimentos e setores do Terceiro Mundo, que procuravam articular *profundidade teológica, proximidade sociocultural e simplicidade material* da Igreja⁵. A contextualização enriqueceu as expressões litúrgicas e teológicas, sem ameaçar a unidade.

A contextualidade da missão tem seu fundamento teológico na proximidade de Deus ao longo de toda a história de salvação e no seguimento de Jesus, que em virtude da encarnação se aproximou da humanidade (GS 22). O Deus da história da salvação judeu-cristã é um Deus próximo ao seu povo. No dizer de Santo Irineu, Deus está próximo de cada pessoa humana através de suas duas mãos estendidas, que são o Filho e o Espírito Santo⁶. A mediação histórica e contextual do projeto de Deus faz da história e do contexto um sacramento de sua presença. A missão inserida no coração da história e cultura de cada povo “é um imperativo do seguimento de Jesus e é necessária para restaurar o rosto desfigurado do mundo” (SD 13b). A analogia entre a encarnação de Jesus de Nazaré e a proximidade contextual fez a reflexão missiológica cunhar o paradigma da inculturação. Com a inculturação, a Igreja se torna “um sinal mais transparente” e “um instrumento mais

4 Entre as inovações pré-conciliares configuram: Charles de Foucauld com sua opção pelo outro; Joseph Cardijn com sua opção pelos operários e a fundação da JOC; a Ação Católica com seu método da ‘revisão da vida’ (ver-julgar-agir); os sacerdotes operários; os movimentos litúrgico e bíblico.

5 Procurei reconstruir o tortuoso caminho do paradigma da missão no Vaticano II em: SUESS, P., *Introdução à Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 2007, p.118-138.

6 IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1997, V, 6,1.

apto” (RM 52) para anunciar o Evangelho, não como uma alternativa às culturas, mas como a sua realização profunda.

2.2 Universalidade

Existem duas dimensões opostas da universalidade: a universalidade da opressão e a universalidade da libertação. A universalidade como hegemonia, pela qual um poder político, econômico ou cultural se sobrepõe sobre os outros, se opõe a universalidade das causas dos pobres e dos outros que se procuram libertar dessa hegemonia. A aliança dos outros com os pobres é anti-hegemônica. A universalidade como hegemonia produz a exclusão de grandes parcelas da humanidade do progresso e bem-estar social. A universalidade das causas e alianças visa à participação de todos na gestação dos bens da humanidade.

Nessa perspectiva da universalidade das causas do Reino, a reflexão da Teologia da Missão acompanha a missão universal da Igreja cuja prática se operacionaliza através de diferentes siglas como “missão *ad gentes*”, “missão *inter gentes*” e “missão além fronteiras”⁷. Por sua universalidade, todas essas causas representam os desafios missiológicos de uma comunicação intercultural com os diferentes: com saberes populares e laicos, com experiências religiosas, com temporalidades diferentes (tempos lineares e circulares), com geografias diferentes (projetos locais, regionais, internacionais), com hierarquias diferentes (ancestrais, patriarcais, comunitárias, funcionais, democráticas), com visões e valores diferentes face à produtividade econômica⁸. Só com um adeus a uma visão teológica monocultural, regional e descontextualizada se consegue dar conta dessa complexidade da natureza missionária.

7 Veja o significado das diferentes siglas em: Paulo SUESS, *Introdução à Teologia da Missão*, l.c. p.202-208.

8 Boaventura de Sousa SANTOS, *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*, p.17-49.

No discurso teórico e prático da Teologia da Missão trata-se de um discurso universalmente contextualizado. É importante com a universalidade (não-exclusão, participação de todos, confins do mundo) não esquecer as diferenças dos contextos. Não existe algo mais contextualizado e mais universal que o sofrimento dos pobres. No equilíbrio articulado entre o universal e o contextual está a possibilidade de uma comunicação em favor das múltiplas causas embutidas na causa do Reino. A solidariedade, que é universal, deve ser construída a partir do rio e da rua do próprio vilarejo. O projeto hegemônico, que impõe valores, objetivos e horizontes regionais, é o inimigo da universalidade contextual. A universalidade contextual dos pobres pressupõe o longo caminho da construção de um projeto comum. Sem esse projeto, mediado por valores universalmente concordados como justiça, solidariedade, igualdade, liberdade, participação e tolerância, também os projetos históricos de cada grupo étnico-social perdem a característica de uma "causa" que pode ser defendida por todos.

O universal "tanto mais promove e exprime a unidade do gênero humano quanto melhor respeita as particularidades das diversas culturas" (GS 54). A universalidade cresce com a proximidade que é "cognitiva" em sua memória, "sensitiva" em seu olhar e em sua escuta, e "emocional" em sua compaixão. Universalidade e proximidade estruturam os paradigmas da inculturação e da libertação. A meta da inculturação é a libertação, e o caminho da libertação é a inculturação. O paradigma da libertação visa à não-exclusão, portanto a participação de todos, a universalidade da justiça, da solidariedade e do amor. Os esforços pela libertação ganham profundidade com seu enraizamento contextual. A universalidade do horizonte das causas do Reino pode ser entendida como alternativa aos meta-discursos que emergem da globalização econômica (competitividade, lucro-benefício,

consumismo), como articulação de múltiplos projetos de vida, que une a responsabilidade universal, pelo conjunto da humanidade e do planeta Terra. O anúncio e a prática universal do amor maior e o anúncio do Reino como “libertação do cativo da corrupção” (Rm 8,21; LG 9), por ser anti-sistêmico, é para todos.

2.3 Pluralidade

O discurso teológico, que reivindica validade universal, surgiu no interior de culturas e/ou civilizações hegemônicas que se consideravam universais. Esse discurso teológico se impôs como discurso único, legítimo e verdadeiro, mas comunicação e discursos são eventos e ações culturais e, como tais, particulares. Nos territórios culturais quase tudo é particular: o universo simbólico de sentido, as produções materiais e as normas para a convivência social. Culturas são projetos específicos de vida.

O Vaticano II permitiu, através de novos tópicos como “Igreja local”, “contextualização”, “inserção” (inculturação), “diálogo”, repensar muitos pressupostos da universalidade da Igreja. Cresceu a certeza de que na antes chamada teologia universal se tratava apenas de uma teologia regional, porém hegemônica. Em seguida surgiram novos discursos teológicos a partir de determinados contextos socioculturais, como as teologias de origem afro, as teologias de libertação, as teologias do diálogo inter-religioso e as teologias índias. A unidade da teologia e da fé só poderá ser, como a unidade da Igreja, uma unidade pentecostal na diversidade do Espírito Santo. O lugar teológico da comunicação universalmente contextualizada da fé é Pentecostes.

As múltiplas respostas das culturas não são um acidente de percurso, mas devem ser positivamente interpretadas como participação na criação do mundo. E, nesse mundo, povos e

indivíduos defendem sua identidade sempre em contraste com a alteridade. Desse contraste nasce o imperativo da pluralidade em unidade. Essa unidade não é a da metafísica ou ontologia do gênero humano, mas a unidade construída através da razão, da verdade, do sentido último presentes em múltiplos projetos de vida que se manifestam em múltiplas vozes. A vida é gerada não no encontro consigo mesmo, mas no encontro com os outros. A emancipação da uniformidade identitária que ocorre através das culturas não deve ser confundida com contextualismo fechado ou com relativismo arbitrário.

Da pluralidade das culturas emerge, muitas vezes, a necessidade de assumir a realidade religiosa plural. O próprio cristianismo se tornou um fenômeno plural. Convivem nele práticas pré-modernas e coloniais com práticas e teologias que assumiram criticamente alguns dos pressupostos da modernidade. Sob o pretexto de que na Igreja deveria ter lugar para todos, assiste-se hoje na mesma Igreja o crescimento de teologias de cunho fundamentalista e pentecostalista ao lado de teologias e práticas que se apóiam nos paradigmas do diálogo, da inculturação, da presença testemunhal e da libertação. O pluralismo como tal se tornou um fenômeno interno e externo ao próprio campo da prática missionária e da reflexão missiológica. O pluralismo na Teologia da Missão tem, portanto, duas vertentes: uma relacionada ao plural das teologias que ameaça criar pastorais sem rumo, outra ao plural das culturas vividas por nossos povos. O que deve unir a prática missionária é o respeito e a assunção da alteridade como um pressuposto interno da própria mensagem de redenção do cristianismo (LG 13b, GS 22b, AG 3b, Puebla 400).

A Teologia da Missão se empenha na construção de uma hermenêutica da alteridade. Seu pressuposto epistemológico é a presença de Deus no mundo além da Igreja. Por isso, busca pontos de convergência e constrói pontes. Com Tomás de Aquino pode-se afirmar: A corrupção do pecado não

corrompeu o essencial do mundo, que continua respirando sua origem divina⁹. É uma hermenêutica de continuidade entre a ordem da graça (o Evangelho de Jesus Cristo) e a ordem da criação (o outro não-batizado).

As especulações metafísicas, herança da filosofia grega, foram cedo assumidas pelo cristianismo. Reduziram a realidade a *uma* origem e/ou uma substância. Se o Uno representa a realidade, o múltiplo carrega em si deficiências do "ser". O múltiplo representa a depravação do Uno. O monogenismo bíblico induziu a ler a realidade humana em chave de *degeneração* (causada pelo pecado original) e *rebeldia* contra a lei de Deus, inscrita na natureza e na ordem cosmológica imutável; em chave de *perda* (do estado de graça) e de *castigo* (expulsão do paraíso e confusão babilônica), de *desvios* do caminho único traçado por Deus. A história da salvação, as Alianças de Deus com seu povo e o cristianismo como tal têm o sentido de reverter a dispersão, a fragmentação e a confusão. A cristandade foi o último intento global de recuperar a graça perdida pela reconstrução do mundo em sua singularidade. Para os catequistas da conquista e sua teologia inspirada pelo neoplatonismo e pelo monogenismo bíblico, o plural das vozes e dos modos de ser existentes nas Américas representavam um afastamento da verdade única e padronizada nas experiências históricas e expressões culturais da Europa cristianizada.

Depois da assunção pelo Império Romano pós-constantino, o próprio cristianismo assumiu estruturas imperiais, que prevalecem até hoje (estruturas institucionais, liturgias,

9 "Como o natural não dispensa a graça (o sobrenatural!), também a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa. O direito divino, que tem a sua origem na graça, não suspende o direito humano, que é de ordem natural" Cfe. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II/2, q.104, art.6; II/2, q.10, art.10. Para esta questão cfe. SUESS, P., *Liberdade e servidão: Missionários, juristas e teólogos espanhóis do século XVI frente à causa indígena*, in: IDEM, *Queimada e sementeira: da conquista espiritual ao descobrimento de uma nova evangelização*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.21-44, aqui 33.

indumentária). Seria temerário pensar essas aquisições históricas como identidade irreversível da Igreja. Na hermenêutica dos mistérios da fé e na sua inculturação em dialetos contextuais, nenhuma época, nenhuma realização histórica tem a última palavra. Carregamos os mistérios de Deus pela história “em vasos de barro” (2Cor 4,7). Ao acompanhar o Verbo, que se fez carne, na procura de sempre novos dialetos, novas traduções e contextualizações, a hermenêutica evangélica da alteridade dá conta da “natureza missionária” (AG 2) da Igreja. Trata-se de uma única natureza com múltiplos rostos¹⁰.

No pluralismo religioso e cultural trata-se não de uma onda pós-moderna, mas de uma raiz da humanidade. É essa raiz no plural das culturas e religiões é reconhecida pelo Estado constitucional como pluralismo *de fato* e *de jure*. Também as Igrejas e religiões, na sua convivência recíproca no interior do Estado, reconhecem a sua liberdade e alteridade religiosas recíprocas. O reconhecimento explícito da liberdade religiosa pelo Vaticano II, através da Declaração *Dignitatis humanae*, é um dos pressupostos da missão. Na maioria das Igrejas e entre uma maioria dos fiéis, há um consenso de que a alteridade religiosa é irreduzível.

A alteridade religiosa remete ao diálogo inter-religioso. O diálogo, como instrumento de compreensão, respeito e convivência pacífica, no interior de um pluralismo qualquer, tem “sempre um caráter de testemunho, dentro do máximo respeito à pessoa e à identidade do interlocutor” (Puebla 1114). Ele exige, além de convicções próprias e da disposição para um aprendizado recíproco, certas regras: (a) um consenso sobre meios pacíficos de comunicação; (b) o conhecimento e

10 Paulo SUESS. Pluralismo y misión. Por una hermenéutica de la alteridad, in: VIGIL, José María; TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo (Orgs.), *Por los muchos caminos de Dios*, IV, Teología liberadora intercontinental del pluralismo religioso, Quito: Asociación Ecueménica de Teólogos y Teólogas del Tercer Mundo (ASETT), 2006, p.62-76.

reconhecimento de lógicas contextuais e verdades histórica e geograficamente situadas; (c) o reconhecimento recíproco da igualdade entre os participantes do diálogo, independentemente do valor que conferem às suas tradições recíprocas em questão¹¹.

2.4 Unidade

O pluralismo e o diálogo como instrumento transdisciplinar de comunicação têm um horizonte universal, convidativo e responsável diante dos não-participantes do respectivo diálogo. Todos devem participar das discussões das grandes causas da humanidade (justiça, igualdade, solidariedade e paz). A unidade é o varejo da universalidade. Construir a unidade significa derrubar “muros da separação” (Ef 2,14). “Anunciar Boa-Nova aos pobres” significa derrubar um dos muitos muros de separação que a sociedade permitiu construir não só entre países, mas também no interior de cada Estado e pessoa. Ao contar a parábola do bom samaritano (Lc 10,25ss), respondendo à pergunta sobre o que se deve fazer para obter a vida eterna, Jesus propõe derrubar não só o muro étnico entre samaritanos e judeus, entre mestiços impuros e judeus puros, o muro clerical entre sacerdotes e leigos, mas também o muro entre seita marginalizada e religião oficial, entre justos e (considerados) pecadores, entre discurso e práxis, entre verdade e amor. Seguir a “falsa” religião dos samaritanos não impede, segundo a parábola, fazer o certo diante de Deus. O certo e decisivo para a vida eterna não é a pertença ao grupo certo, mas se chama prática da justiça maior e da caridade, articulação da diversidade não-excludente e superação de diferenças exclusivas.

Derrubar muros, marcados pela “corrupção do pecado”, significa recuperar a imagem de Deus nos rostos humanos e a comunicação livre entre iguais e diferentes. Nesse processo que

11 Culturas em diálogo. *REB*, 243 (setembro 2001): p.602-621.

religa a ordem da redenção à ordem da criação, Jesus histórico e pós-pascal se coloca ao lado da samaritana, do migrante, do leproso, do pobre, da outra e do pecador. Ele constrói unidade a partir da assunção e da articulação da humanidade mutilada em seus contextos e nos confins dos seus mundos. Nesse chão concreto da encarnação e com as opções que pressupõem, a fé não cede espaço a ideologias interclassistas. Diante das “feições sofredoras de Cristo” nas feições da humanidade em “situação de extrema pobreza” (Puebla 31ss), onde o despojamento da encarnação e redenção assume sua relevância histórica e salvífica, caem também outros muros, o muro entre diálogo inter-religioso e testemunho da fé, entre evangelização explícita e implícita, entre evangelização e sacramentalização.

O Vaticano II nos fala de uma maneira nova da pertença à “católica unidade do povo de Deus”: “A ela pertencem ou são ordenados de modos diversos quer os fiéis católicos, quer os outros crentes em Cristo, quer enfim todos os homens em geral, chamados à salvação pela graça de Deus” (LG 13d). A missão colabora com tarefas específicas nesses três níveis. *Ad intra* trabalha a identidade da fé e a pertença dos fiéis católicos à Igreja Católica. O trabalho *ad intra* se desdobra na prática de sua responsabilidade *ad extra*, que não visa à integração corporativista dos outros na Igreja Católica, mas a partilha dos dons que cada um recebeu a serviço dos outros (LG 13c) e da construção da paz universal. O pluralismo religioso é expressão da “católica unidade do povo de Deus”, que é unidade no Espírito Santo. Ele é o “princípio de unidade” (LG 13a). A Igreja Católica faz parte da “católica unidade”, mas não é idêntica à ela. Também os outros crentes em Cristo e a humanidade pertencem a essa “católica unidade”. A justiça da ressurreição não é privilégio de uma ou outra denominação cristã. Pela vontade salvífica universal de Deus “devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério

pascal" (GS 22). Os outros caminhos de salvação e as outras religiões não são complementares ao caminho proposto por Jesus Cristo. A complementaridade aponta para "deficiências". A alteridade não é complementar à identidade, mas a sua condição de ser.

A unidade definitiva entre os cristãos e a humanidade como um todo deve ser vista num horizonte escatológico. O que era ontem considerado "idolatria", "heresia", "fetichismo" ou "perfidia", hoje, no interior da Igreja Católica, é cortejado como religião com "lampejos daquela Verdade que ilumina a todos os homens" (NA 2b). Em outros textos do Vaticano II, as religiões não-cristãs são consideradas uma "preparação evangélica" (LG 16, EN 53), "pedagogia para Deus" (AG 3a) ou "sementes do Verbo" (AG 11b, LG 17). Os tópicos da preparação do Evangelho nas culturas não-cristãs e da procedência nelas de tudo o que é bonito, bom e verdadeiro do Espírito Santo é lugar comum na tradição católica (AG 15; 17; GS 22,5; 26,4; 38; 41,1; 57,4). Transitórias não são as religiões não-cristãs, mas a nossa compreensão delas. "A ortodoxia", afirmou a Comissão Teológica Internacional ainda em 1972, "não é um consentimento a um sistema, mas a participação de uma caminhada da fé"¹². Quando nos assalta a vontade de arrancar todo joio da história, o Evangelho nos lembra do horizonte escatológico da colheita (Mt 13,24-30). Continuamos como enviados do Pai e seguimos ao carpinteiro de Nazaré, que veio para abrir portas.

2.5 Gratuidade

No mundo competitivo e excludente, onde tudo vale somente pelo seu preço de mercado, a missão está vinculada à derrota do reino da necessidade ("custo-benefício") e à recuperação de um espaço e projeto alternativos de não-

12 L'unité de la foi et le pluralisme théologique, I.c., Preposição IV.

mercado e gratuidade. A comunidade missionária confia na atração de seu testemunho gratuito. Seu "marketing" dispensa propaganda e armas. Os espaços de gratuidade inerentes ao cristianismo são espaços de resistência contra lugares feitos territórios de lucro. O lucro particulariza e privatiza. O mercado não é para todos.

Em Aparecida, a Igreja se autodenominou "casa dos pobres" (DA 8, 524). Seu espaço é um lugar alternativo que está configurado pela gratuidade da cruz de Jesus de Nazaré e da experiência pascal dos seus discípulos. Essa gratuidade da cruz não é o prefácio da história de libertação e emancipação, mas seu eixo permanente: "O amor de doação plena, como solução para o conflito, deve ser o eixo cultural 'radical' de uma nova sociedade" (DA 543). "Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho" (DA 31). A Igreja "casa dos pobres" é uma Igreja pobre. Dos pobres recebe o dom da gratuidade e a proximidade do Espírito Santo, que é Deus no gesto do dom, "pai dos pobres" (*Sequência de Pentecostes*) e "protagonista da missão" (RM 21b).

Nos trâmites da justiça, a Igreja não é juíza entre as partes, mas "advogada da justiça dos pobres" (DA 395, 533). Ela é parcial. Defende uma parte do processo. Essa é a sua missão pneumatológica, ser "consoladora", "intercessora" e "advogada": introduzir e representar o "Espírito da Verdade" (Jo 14,17) que vem do Pai, e dá testemunho contra "o pai da mentira", que perturba a ordem social. O Espírito Santo é Espírito da Verdade, não por causa de uma doutrina certa, uma lei perfeita ou uma moral superior, mas porque nele acontece a verdade na geração da vida: na prática do novo mandamento e da justiça maior em favor dos pobres.

Desde o Vaticano II, a Igreja Católica teceu um fio condutor para sua ação missionária, que esclarece a dimensão

mais profunda de sua "natureza missionária": a opção preferencial pelos pobres. Essa opção é preferencial porque deve "atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais" (DA 396). A "natureza missionária" tem a sua origem na "Missão de Deus", que é missão do Verbo encarnado, "que esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo" (Fl 2,7), e do Espírito Santo enviados aos pobres: "Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo" (DA 393). No Espírito Santo, o filho do carpinteiro foi confirmado "Filho bem-amado", por ocasião de seu batismo no Jordão. Por ele foi conduzido "ao deserto para preparar-se para sua missão" (Mc 1,12s; DA 149). Nele foi ungido Messias "para evangelizar os pobres" (Lc 4,18). Depois de sua ressurreição, Jesus enviou seus discípulos para pregar, na força do Espírito, a Boa Nova do Reino (DA 276). Todo envio em missão acontece no Espírito Santo.

Qual é o significado dessa aproximação preferencial aos pobres que na teologia fez cunhar um programa eclesiológico-pastoral resumido nas palavras "Igreja dos pobres"? O Papa Paulo VI, que procurou transformar os documentos do Vaticano II em realidade pastoral, declarou na abertura da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín, que aconteceu em Bogotá:

a Igreja se encontra hoje diante da vocação da Pobreza de Cristo. (...) A indigência da Igreja, com a decorosa simplicidade de suas formas, é um testemunho de fidelidade evangélica; é condição, algumas vezes imprescindível, para dar crédito à própria missão; (...) representa um exercício, que aumenta a força da missão do apóstolo.

A estrutura dessa Igreja dos pobres é trinitária. Ela, que é "Povo de Deus", "Corpo do Senhor" e "Templo do Espírito Santo" (LG 17), nasce e renasce nas comunidades pelo impulso

do Espírito Santo e “se edifica como Igreja de Deus quando coloca no centro de suas preocupações não a si mesma, mas o Reino que ela anuncia como libertação de todos” (DGAE/1995, n. 64). Na memória eucarística, a comunidade cristã lembra a gratuidade de sua salvação e atualiza, na memória do lava-pés, as razões de seu serviço, que se insere numa lógica que subverte as relações de dominação (Mc 10,42ss). Agradecer na consciência da libertação recebida como dádiva e servir no cumprimento da nova ordem (“entre vocês seja diferente!”) são dimensões estruturantes de sua missão. O dom não dispensa o próprio esforço e os nossos esforços não dispensam a graça: “A vida é presente gratuito de Deus, dom e tarefa que devemos cuidar (...)” (DA 464).

A gratuidade impulsiona necessariamente à simplicidade institucional. Somente estruturas leves permitem pensar em gratuidade. Estruturas pesadas são muito caras. Uma Igreja a caminho é uma Igreja simples e transparente. O caminhar no Espírito é um caminhar desarmado e despojado. Conversão e transformação autênticas tornam as pessoas mais simples. E a simplicidade representa também uma resposta à complexidade cada vez mais especializada do mundo. “Quando vos mandei sem bolsa, sem mochila e sem calçado, faltou-vos, porventura, alguma coisa?” (Lc 22,35).

A gratuidade, microestruturalmente vivida na contra-mão do sistema capitalista, aponta para a possibilidade de um mundo para todos, mas também para desconexões sistêmicas, mudanças de mentalidade e estruturas eclesiais. O Espírito Santo, que é dom e que dá vida, vive no Verbo encarnado, na Palavra cumprida na cruz e na ressurreição. Ele, que é a vida do Verbo, vive também conosco na Palavra de Deus cumprida na fidelidade à sua missão na partilha do pouco que temos, nas causas do Reino que defendemos.

3 Nosso compromisso com a esperança

Os macrodiscursos de hoje são discursos sobre o capitalismo sem alternativa, sobre o fim das utopias e da história, e sobre o progresso científico como crença emancipatória sem limites. São discursos híbridos de auto-salvação. Esses discursos geram, segundo a respectiva classe social e a constituição psíquica de seus protagonistas, um transtorno bipolar entre euforia e depressão. Para os pobres, a lógica do capitalismo, do crescimento predatório, a ideologia do progresso e a ridicularização do imaginário utópico causam sofrimento e exclusão. Onde se encontram hoje as articulações com perspectivas e sujeitos internos que apontam para transformações? O paradigma “revolução” está desgastado e, no mundo globalmente administrado por empresas transnacionais e interpretado pela mídia dominada pelo capital, os paradigmas “produção” e “trabalho” são cada vez menos capazes de parar os processos socialmente destrutivos. As vítimas dessa lógica de expropriação não nos cobram soluções técnicas, mas participação na gestação da própria ação missionária da Igreja, que poderia tornar-se um ensaio para transformações mais amplas; nos cobram sinais de justiça e razões de esperança.

A esperança nasce quando as vítimas aprendem a falar, agir, organizar; quando os discípulos-missionários se fazem presentes no meio do povo, rejeitam o próprio protagonismo e abrem mão das vantagens de sua classe social, acompanham os processos de organização, ajudam a expulsar o sentimento da incapacidade e se empenham em transformar os desejos alienantes em esperança histórica¹³. Esperança tenho hoje. Justiça haverá amanhã. O apóstolo nos exorta a “estar sempre prontos a dar a razão da nossa esperança, (...) com mansidão e respeito” (Pd 3,15s). Contudo, não somos nós que produzimos o novo, mas o novo não será jogado aos nossos pés, sem nossa

13 José COMBLIN, *O caminho*. Ensaio sobre o seguimento de Jesus, p.13-75.

participação. Tampouco podemos prognosticar o mundo novo que esperamos. Assumimos com os pobres, que são arautos da esperança, a pobreza semântica da nossa esperança e do nosso saber a respeito da forma concreta do futuro esperado.

O Deus conosco é sempre o Deus que caminha à nossa frente e ao nosso encontro. Ele é o futuro absoluto para a humanidade. A esperança, que é a força interior da fé, permite confiar no Deus sempre maior e no futuro prometido por Ele. Pela esperança somos capazes de compreender o incógnito de Deus não como ausência ou abandono, mas como a sua condição de ser.

Esse Deus, que ouve o grito dos pobres, que está conosco no centro dos conflitos, nos envia em missão à periferia do mundo para que não haja mais centro nem periferia. Ao envio precede a convocação ao êxodo. Ele nos chama a sair da escravidão. Essa escravidão se desdobra em múltiplas formas de servidão e submissão. Na origem de cada servidão está o seqüestro da memória dos pobres. A experiência do êxodo e a recuperação da memória são fundamentais para o anúncio missionário. A missão que se propõe ser e anunciar “boa notícia aos pobres” procura, necessariamente, desintegrar-se do sistema que produz o sofrimento dos pobres, procura desintegrar o sistema e, positivamente, recuperar a memória dos oprimidos. Deus, que convida ao êxodo, também põe fim ao exílio. Zacarias (“o Senhor é memória”), o profeta pós-exílico, promete libertar “os cativos da esperança (...) da cisterna onde não há água” (Zc 9,11s). Os cativos da esperança serão areia nas entranhas do sistema alicerçado na exclusão, exploração e nos privilégios de poucos (DA 62). Ao mesmo tempo, procuram ser óleo nas transformações em curso que beneficiam a todos.

O anúncio do “evangelho da paz” (Ef 6,15) nos conflitos socioculturais e econômicos, que são conflitos de *reconhecimento* da alteridade e *redistribuição* dos bens acumulados, é evangelização explícita. O reconhecimento, que visa ao

reconhecimento da dignidade humana universal, se fundamenta no ser humano, criado segundo a semelhança e imagem de Deus. As lutas pela redistribuição dos bens da terra e da igualdade de direitos se baseiam no querigma da filiação divina que nos faz reconhecer a todos como irmãos, portanto, como iguais. Somente a acolhida da “graça histórica”, que é o evento de Jesus Cristo, nos faz compreender o amor de Deus como dom absoluto a serviço do menor dos nossos irmãos. Neles e no encontro com eles se antecipa misteriosamente a promessa última do “evangelho da graça”, que é a visão escatológica (“*visio beatífica*”) de Deus, face a face (Mt 25,31ss). A missão é o querigma que testemunha o “evangelho da graça” na história, testemunha que o fim último dessa graça é a visão de Deus, e que este fim último já está presente nas feições sofredoras dos homens e mulheres do mundo inteiro (LG 8c, GS 88a, DP 31, DA 402). Eles não são apenas, pela ordem de criação, a imagem genérica de Deus, mas, pela ordem de salvação, já antecipadamente o incógnito de Deus neste mundo, são imagem de Jesus Cristo, que há de vir julgar os vivos e os mortos.

A Igreja da América Latina e do Caribe está diante de três alternativas: (a) amedrontada, enterrar os muitos talentos que recebeu (Mt 25,14ss), (b) se inserir ao sistema capitalista e propor pequenas melhorias ou (c) intervir com sinais de justiça no mundo injusto e lançar as sementes do Reino. A Igreja de Aparecida, que encontrou a sua continuidade no magistério do Papa Francisco, assumiu essa intervenção e ruptura como serviço aos pobres. Ela prometeu não apenas ser advogada dos pobres, mas a sua casa. Como casa dos pobres, a Igreja será casa de esperança. E na esperança, amplia o espaço de sua tenda (Is 54,2). Segundo uma antiga tradição de Israel, o Messias virá quando todos tiverem um lugar à mesa do pão e da palavra. Quando será isso e onde? A Igreja pode ser o lugar dessa mesa, hoje. Tudo pode ser diferente e será.

Referencias Bibliográficas

AQUINO, Tomás de. *Summa Theologica*, II/2, q.104, art.6; II/2, q.10, art.10. Para esta questão cf. SUESS, P., Liberdade e servidão: Missionários, juristas e teólogos espanhóis do século XVI frente à causa indígena, in: IDEM, *Queimada e sementeira: da conquista espiritual ao descobrimento de uma nova evangelização*. Petrópolis: Vozes, 1988.

COMBLIN, José. *O caminho*. Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. L'unité de la foi et le pluralisme théologique, l.c., Preposição IV. 1972.

IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1997, V, 6,1.

Culturas em diálogo. *REB*, 243 (setembro 2001): p.602-621.

SANTOS, Boaventura de Sousa, *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SUESS, Paulo. Eles vieram para salvar almas, in: *História viva*, Edição Especial temática n.2 (A Igreja Católica no Brasil), p.9-15.

_____. *Introdução à teologia da missão*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Pluralismo y misión. Por una hermenéutica de la alteridad, in: VIGIL, José María; TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo (Orgs.), *Por los muchos caminos de Dios*, IV, Teología liberadora intercontinental del pluralismo religioso, Quito: Asociación Ecuémica de Teólogos y Teólogas del Tercer Mundo (ASETT), 2006, p.62-76.

“EU SOU UMA MISSÃO NESTA TERRA”

A missionariedade como elemento fundamental da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo

Ivanir Antonio Rampon*

Lucas André Stein**

Resumo: O presente artigo visa contribuir para a reflexão a respeito da missionariedade como elemento fundamental da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo. A crise civilizacional moderna colocou em xeque as bases em que se sustenta a civilização ocidental. Ela é uma crise profunda, que nasce na espiritualidade. Toda pessoa é espiritual. Espiritualidade é o conjunto de convicções que dão sentido à vida. Como cristãos, a nossa espiritualidade se funda na pessoa de Jesus Cristo, na sua relação íntima com o Pai, no seu ministério e no seu seguimento. A relação de Jesus com Deus está no seio da Trindade, que é, em si mesma, missão, pois abre-se à criação, auto doando-se para a realização plena desta. Tanto o Pai, quanto o Filho e o Espírito Santo realizam a sua obra e nos convidam a tomar parte dela. Para melhor assumi-la é preciso desenvolver a mística, a relação com o Mistério, que se revelou como amor missionário em Jesus Cristo. A missão faz parte do ser de Deus, da vida e obra de Jesus e da razão de ser da Igreja. O Papa Francisco, na *Evangelii gaudium*, reflete sobre alguns pontos da vivência da missão como espiritualidade, sendo uma das suas fontes. Elencamos três aspectos: o encontro com Jesus Cristo; a alegria do Evangelho; e a presença no meio do povo.

Palavras-chave: Missão. Espiritualidade. Papa Francisco. *Evangelii gaudium*.

* Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1996), e, em Teologia pela Itepa Faculdades (2000), mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2004), doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (2011), com tese sobre “O caminho espiritual de Dom Helder Camara”. Coordenador de Pastoral da Arquidiocese de Passo Fundo e Prof. da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas.

** Diácono transitório da Diocese de Erechim. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades.

Introdução

A missão cristã foi compreendida de várias formas ao longo dos séculos. Muitas vezes foi encarada somente como uma atividade *ad extra*, aos não-cristãos. Consistia em aumentar o número de membros da Igreja, salvando as suas almas. Com o passar do tempo e com o avanço da reflexão teológica, a missão passou a ter um lugar central na atividade da Igreja. O Concílio Vaticano II, no Decreto *Ad Gentes*, a definiu como "essência da Igreja"¹. Hoje, muito se fala de missão contextual, inculturação do Evangelho, "Igreja em saída", entre outros termos, que servem para indicar que a Igreja precisa redescobrir-se na missão continuamente, renovando-se, a fim de responder aos desafios de cada época.

Em meio a uma crise mundial no campo ético, econômico e político, vemos que a sua razão mais profunda é uma crise de espiritualidade. As pessoas, de modo geral, não buscam mais bases sólidas para fundamentar as suas vidas. Esta é uma grande oportunidade para os cristãos repensarem a missão e enfatizarem o seu caráter espiritual: todos somos chamados a cooperar na instauração do Reino de Deus, que é vida plena para todos.

Neste sentido, propomos alguns elementos para a reflexão da missão como parte fundamental da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo. De início apresentamos algumas ideias fundamentais de espiritualidade a fim de iluminar a questão. Depois voltamo-nos para o mistério do próprio Deus Trindade, que é missão em si mesmo, e na forma como cultivamos a nossa relação mística com Ele. Por fim, elencamos três elementos que consideramos básicos para a vivência da missão como espiritualidade: o encontro com Jesus; a alegria do Evangelho; a vida entre o povo.

1 Cfe. AG 2.

1 A espiritualidade como sentido da vida

Vivemos em uma época de crise de projetos, das chamadas grandes utopias da humanidade. Parece que não há mais um grande futuro para a humanidade: todos fomos “engolidos” pelo neoliberalismo, que parece ter conquistado o mundo com sua lógica produtivista e consumista. O modo como concebemos a vida igualmente foi influenciado. Cada vez mais parece vazia de sentido, pois está limitada aos ganhos no trabalho, às possibilidades de crescimento profissional e à realização no possuir coisas e pessoas. No fundo, passamos por uma grande crise de espiritualidade. Diante disto, a fé cristã se questiona: o que podemos fazer? Como não deixar morrer a memória de Jesus Cristo e o seu sonho, que é a realização do Reino de Deus? Tentemos encontrar algumas luzes para este dilema.

1.1 O que é espiritualidade?

Nós, seres humanos, somos seres corporais e espirituais, formados de “matéria e espírito”, se afirmava em outras épocas, levando ao problema do dualismo, em que se identificava o corpo com o material, passageiro e sem valor verdadeiro, e a alma como o imaterial, eterno e mais valioso. Esta antropologia está sendo superada para dar espaço à uma compreensão mais orgânica e integrada do ser humano. Corporal e espiritual não estão separados, mas intrinsecamente unidos, completando-se um ao outro. Logo, a espiritualidade não pode ser compreendida fora da experiência corporal da vida humana. Todo o nosso ser humano está vinculado a ela. A espiritualidade (do latim *spiritus*), diz respeito ao mais profundo do nosso ser, àquilo que nos faz ser o que somos, não na constituição física, mas no plano existencial. Diz o Pe. Luís Mosconi:

[...] espiritualidade vai além de rezas, devoções, celebrações e Missas. É um estilo de vida e esse estilo eu o vivo no cotidiano. Espiritualidade se vive: no ônibus, na estrada, em casa, na rua, no trabalho, no sindicato, nas lutas populares, nas relações sociais, na escola, na prefeitura, no falar, no ver, no julgar, no agir, em tudo.²

A espiritualidade, portanto, diz respeito à vida concreta de cada pessoa e ao modo como se relaciona com as outras pessoas e os demais seres. É o que dá sentido ao nosso modo de ser. Assim afirmava Dom Franco Masserdotti, um místico-missionário do nosso tempo: "Hoje, entende-se por 'espiritualidade' o estilo fundamental e a orientação dinâmica com os quais se enfrenta a vida, envolvendo-se na história em relação com Deus, as pessoas e a sociedade. É mundo das atitudes e opções mais consistentes"³.

Todo ser humano, mesmo que não se identifique com uma religião específica ou não creia em nenhum deus, possui espiritualidade, pois procura ideias e meios para dar sentido àquilo que faz. Nós, cristãos, possuímos uma espiritualidade específica e bem situada no tempo e na história e precisamos fortalecê-la continuamente.

1.2 A espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo

Vimos que a espiritualidade é o conjunto de convicções que orientam a vida de uma pessoa, seja crente ou não, não se identificando, necessariamente com rezas e devoções. Mas então, como seria uma "espiritualidade cristã"? Ao longo dos séculos se desenvolveram inúmeras formas de concebê-la. Em consonância com o tema da missão, preferimos abordar a chamada "espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo",

2 Luís MOSCONI, *Santas missões populares: uma experiência de evangelização voltada para as massas*, p.97.

3 Franco MASSERDOTTI, *A missão a serviço do Reino: meditações de espiritualidade missionária*, p.19.

também chamada “espiritualidade do Reino de Deus” e “espiritualidade da libertação”. Para conhecê-la melhor, temos que nos reportar àquele que é a razão do cristianismo: o próprio Jesus de Nazaré. Jesus era um ser humano integral e é o Filho eterno do Pai, segunda Pessoa da Santíssima Trindade, vindo ao mundo para salvar a humanidade, redimindo-a do pecado e realizando a sua plena comunhão com Deus. Ele se encarnou verdadeiramente, ou seja, assumiu toda a condição humana. Logo, também possuía espiritualidade. Os textos bíblicos não falam explicitamente em “espiritualidade”, mas em “vida segundo o Espírito”. Afirma o Pe. Mosconi:

Nesse sentido, Jesus tinha muita espiritualidade: deixou-se conduzir pelo Espírito do Pai, no cotidiano da vida e nos momentos das grandes decisões (cf. Lc 3,21; 4,1.14). Na hora da despedida, comunicou o seu Espírito aos discípulos: “Recebam o Espírito Santo...” (Jo 20,22). As primeiras comunidades mais autênticas eram aquelas que se deixavam conduzir pelo Espírito de Jesus (cf. At 4,31; 13,2), até o ponto de dizer: “Decidimos, o Espírito Santo e nós...” (At 15,28)⁴.

Jesus é o modelo primordial do ser cristão, por isso “espiritualidade cristã é viver o dia a dia conforme o Evangelho de Jesus. É ter os mesmos sentimentos e posturas de Jesus, como o apóstolo Paulo lembrava à comunidade de Filipos”⁵. Jesus não pautou a sua vida em sua realização individual, mas tudo reportou ao seu Pai, com quem vivia em profunda união. Ele viveu plenamente as relações fundamentais, que são a base da espiritualidade de todos os seres humanos, como indica o Pe. Ivanir A. Rampon:

4 Luís MOSCONI, *Santas missões populares: uma experiência de evangelização voltada para as massas*, p.6.

5 *Ibidem*, p.96.

Cabe-lhe cultivar três tipos de relações: de adoração para com Deus, de zelo administrativo-criador para com a natureza, de fraternidade e sororidade para com os homens e as mulheres. Quando tais relações são pervertidas, ocorre então a idolatria, a exploração, a opressão. Jesus de Nazaré viveu a plenitude relacional para com Deus, com a natureza e com os irmãos⁶.

No centro de sua espiritualidade estava o Reino de Deus, do Deus que é o *Abbá* – o Paizinho querido –, que é o Deus da vida, da justiça, da solidariedade, desmascarando os ídolos que trazem a morte, muitas vezes travestidos de belos sentimentos religiosos. Por isso, a espiritualidade de Jesus não parte de cima para baixo, não é a espiritualidade do poder, do prazer e da riqueza. Ela parte dos pobres, dos últimos, daqueles que eram tidos como os impuros e malditos pelo sistema religioso, que legitimava a sua exclusão. São eles os preferidos de Deus, aqueles que possuem melhores condições de viver a espiritualidade do Reino de Deus. “Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3), é o mesmo que dizer “felizes os que não pautam a sua vida pelas riquezas, mas se despojam de tudo para melhor servir a Deus e aos irmãos”.

2 Deus é missão

Depois de refletirmos alguns elementos do que é espiritualidade e de espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo, nos deteremos a refletir o Mistério do próprio Deus, que se doa continuamente à sua criação, para compreendermos a origem da missão cristã e a sua ligação com a espiritualidade.

6 Ivanir Antonio RAMPON. *Ecologia e espiritualidade: para uma terra onde corre leite e mel* (Ex 3,8), p.16.

2.1 A missão nasce da Trindade

A fé cristã professa que Deus não é um ser solitário, que dá voltas em torno de si mesmo. Ele é a unidade indissolúvel de três Pessoas divinas, cada uma diferente da outra e intrinsecamente relacionadas entre si, de modo que são um só Deus. Este Deus não está parado, fora da criação. Ele a “abraça”, sustenta, cuida e guia. Dizem Bevans e Schroeder: “muito mais que algo emocionante e que vale nossa adoração e amor, Deus é um Movimento, um Abraço, um Fluxo – mais pessoal do que jamais poderíamos imaginar –, alguém que está sempre e em todo lugar presente na criação de Deus”⁷.

Deus não está fora do mundo, mas o abarca na sua infinitude, por isso se faz presente em cada ser, que o revela. Ele é unidade e relação e nós, seres humanos, fomos criados assim à sua imagem: também somos seres individuais e igualmente pessoais, relacionais. Por ser dinâmico e por “derramar-se” sobre a sua criação, podemos dizer que “Deus é missão”. “Não é que Deus *possui* uma Missão, mas ele *é* Missão. Isso é o que Deus é em sua mais profunda natureza: um amor difuso, criando livremente, redimindo, curando, desafiando essa criação”⁸. Como Deus é missão, também nós, seres humanos, somos missão, sendo feitos participantes da missão das três Pessoas divinas. Diz o decreto *Ad gentes*: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2).

O Pai é o princípio de toda a vida, da Trindade e da Criação. Pelo seu amor, gera eternamente o Filho, e, com e por Ele, “expira” o Espírito Santo, e nos chama a participar da sua obra criadora, redentora e santificadora, assumindo a missão de

7 Stephen B. BEVANS; Roger P. SCHROEDER, *Diálogo profético: reflexões sobre a missão cristã hoje*, p.25.

8 *Ibidem*, p.27.

cuidar do Jardim com o qual nos presenteou e que nós, pelo pecado, estamos destruindo. Recebemos dele uma missão cuidadora, co-criadora.

Por isto a humanidade tem a grande vocação de colaborar com o Deus da vida. Uma colaboração contínua para que essa vida cresça no mundo. [...] A tarefa de fazer com que cresça a vida deve acontecer na solidariedade, partilha e justiça. O mundo é a grande casa, na qual todos os filhos e filhas de Deus Pai vivem felizes e se querem, em harmonia entre si e com a natureza⁹.

O Filho, que se fez carne na pessoa de Jesus de Nazaré, veio ao mundo justamente para nos libertar do pecado que gera o rompimento de relações com Deus, com o nosso semelhante, com a criação e conosco mesmos. Ele é o primeiro enviado do Pai e designa-se a si mesmo como o unguído para uma missão usando as palavras do profeta Isaías: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor" (Lc 4,18s). Jesus é aquele que cumpre a missão redentora, de resgatar-nos do pecado e de nos conduzir ao Reino de seu Pai. "Esse é o Reino de Deus, a grande paixão de Jesus, o sentido de sua missão na terra: 'Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância' (cf. Jo 10,1-18)"¹⁰. Seguir o Caminho de Jesus é pôr-se à serviço, com desprendimento total, inclusive da própria vida (cf. Lc 9,23-26), colocando-se do lado dos que sofrem as maiores consequências do pecado: os pobres e excluídos. É um caminho de cruz e de ressurreição.

Por fim, recordamos do Espírito Santo, presente na criação

9 Franco MASSERDOTTI, *A missão a serviço do Reino: meditações de espiritualidade missionária*, p.10.

10 *Ibidem*, p.13.

desde o início do mundo, levando-a à sua consumação. Ele foi explicitamente pelo Filho (cfe. Lc 24,49; Jo 20,22) no dia de Pentecostes, afim de animar e sustentar a missão do anúncio do Reino de Deus por meio da Igreja nascente. “O Espírito é o protagonista de toda a missão eclesial” (RM 21). A missão do Espírito Santo e à qual Ele nos suscita é a da santificação de toda a humanidade, que consiste na sua contínua humanização. Ele nos conduz à superação de todas as escravidões, que impedem a vida em comunhão com Deus e com toda a criação. “Nós, que somos a Igreja e somos o novo povo de Deus a partir do batismo e da força do Espírito de Jesus ressuscitado, temos a grande vocação de limpar o lixo da história, a fim de que haja vida abundante para todos”¹¹. Sem a abertura ao Espírito Santo, a evangelização é reduzida a um programa meramente humano, “[...] pode-se dizer igualmente, que ele é o termo da evangelização: de fato, somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo, com a unidade na variedade que a mesma evangelização intenta promover na comunidade cristã” (EN 75).

Portanto, afirmamos a dinamicidade missionária da própria Santíssima Trindade, que está constantemente vindo ao encontro da sua criação, auto doando-se a ela, a fim de que possa participar da vida divina, que é a consumação do Reino de Deus, centro da espiritualidade de Jesus. Para sustentar a sua espiritualidade, Jesus cultivava a sua relação de amor com o Pai. Para vivermos a espiritualidade do seguimento de Jesus, necessitamos cultivar continuamente a nossa relação com Deus Trindade, a nossa experiência de amor com aquele que é Amor, que é o Mistério mais profundo. Este cultivo se dá através da *mística*.

Mística refere-se ao modo como nos relacionamos com o Mistério. Para, nós cristãos, consiste na forma como cultivamos

11 *Ibidem*, p.13.

o nosso amor a Deus pelo seu Filho, Jesus Cristo. Esta relação de amor com Ele, alimenta a nossa espiritualidade, que, como a de Jesus, precisa ter como centro a vivência e o anúncio do Reino de Deus. A mística cristã, portanto, precisa ser uma mística missionária, ou seja, que nos faça viver a missão do próprio Deus Trindade. Como afirma o Pe. Paulo Suess: "Mística missionária é mística cristã. A missão não é uma tarefa entre outras, mas a essência da vida cristã. A mística é a energia vital dessa missão. Com essa energia, a missão assume a tarefa de transformar o mundo e revelar o Reino"¹².

A mística missionária é a mística do movimento, não da estaticidade. É mística que se põe de joelho diante do Mistério para permanecer em pé diante da realidade e que se põe a caminho, na vivência e anúncio do Reino de Deus. A mística missionária é mística do caminho:

No cristianismo, o Caminho representa um paradigma fundamental. É caminho de libertação, salvação, redenção. Jesus de Nazaré apontou para esse caminho e se fez caminho. Para seus seguidores, esse caminho, que é caminho de libertação, é um processo intrinsecamente ligado à história. Por isso, os caminhos nunca são totalmente perfeitos ou imperfeitos. O caminho mais bonito é aquele que nos conduz a uma nova visão da realidade; é o caminho da conversão que transforma Saulo, após ter caído por terra, em Paulo (cf. At 9,1ss), que chama Zaqueu, o cobrador de impostos, para descer da árvore (cf. Lc 9,1ss), e Pedro, Tiago e João para descer do Tabor e novamente assumir o chão concreto do seguimento. A vida pública de Jesus de Nazaré foi uma vida "a caminho"¹³.

Jesus só pode ser encontrado e experienciado no caminho, pois Ele se fez Caminho. Este caminho é a missão a qual somos enviados como seus discípulos. Aquele que cultiva a sua relação

12 Paulo SUESS, *Introdução à teologia da missão: convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino*, p.73.

13 *Ibidem*, p.75.

com Jesus não pode ficar parado, olhando somente para dentro da Igreja. Precisa assumir o modo de vida dele, a sua espiritualidade, fazendo-se missionário do Reino de Deus como Ele mesmo foi. Como viver esta espiritualidade hoje? É o que pretendemos apresentar a seguir.

3 A missão: fonte da espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo...

A espiritualidade do seguimento de Jesus é espiritualidade missionária, que se faz no caminho, na escuta, na proximidade com as pessoas. No Papa Francisco, nós temos encontrados estes elementos bastante vivos e atuantes. Com seu chamado a uma "Igreja em saída", desde o início do seu pontificado, Francisco reflete a reforma da Igreja não a começar pelas estruturas, mas sim pela espiritualidade, por aquilo que sustenta o nosso ser cristão e o ser Igreja.

"Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isto estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar" (EG 273), escreve Francisco na *Evangelii gaudium*. Deste escrito, tiramos vários elementos que corroboram para uma espiritualidade missionária, ou melhor, para encarar a missão como espiritualidade, tanto para o missionário quanto para o missionado.

... a partir do encontro com ele...

O primeiro elemento de uma espiritualidade missionária é o encontro com Jesus missionário do Pai. Ele viveu completamente envolvido pelo Mistério Trinitário, referindo toda a sua obra ao Pai e movido pelo Espírito Santo. Deus-Missão foi a razão do existir de Jesus. Nós, cristãos temos como ponto de partida para a nossa missão a experiência trinitária no encontro com Jesus. O *Documento de Aparecida*, resgatado pelo

Papa Francisco, afirma: "O discípulo experimenta que a vinculação íntima com Jesus no grupo dos seus é participação da vida saída das entranhas do Pai, é formar-se para assumir seu estilo de vida e suas motivações (cfe. Lc 6,40b), seguir sua mesma sorte e assumir sua missão de fazer novas todas as coisas"¹⁴.

E Francisco escreve na *Evangelii gaudium*:

A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, se torná-la conhecida, que amor seria? [...] A melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordarmos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta¹⁵.

É o amor à pessoa de Jesus que gera verdadeiros discípulos missionários, imbuídos do espírito de autodoação, a fim de torná-lo conhecido e amado em todas as partes do mundo, a fim de que o Reino de Deus seja vivido e transforme as pessoas, as sociedades, os povos e nações. O Evangelho é o relato do amor que se fez carne, que assumiu a condição humana e, na simplicidade da relação com Deus e com os irmãos, iniciou um processo de renovação da vida, a partir da graça de Deus. É este amor que serve de sustento para a espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo, como relata o *Quarto Evangelho*: "Dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13,34s). O amor do cristão é missionário, não egoísta; comunicativo e não fechado em si mesmo. Ele

14 DAp 131.

15 EG 264.

fundamenta-se no ser de Jesus, como diz Francisco:

Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e cotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. [...] Às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho dá respostas às necessidades mais profundas das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno¹⁶.

O encontro com o Jesus real, do Evangelho, do Caminho, dos sinais e dos momentos de intimidade com o Pai é o fundamento da espiritualidade missionária dos cristãos e da Igreja. Somente bem fundados nele, podemos viver e anunciar o Reino de Deus.

... com a alegria do evangelho...

A temática da alegria perpassa o ministério do Papa Francisco. É a alegria que vem do Espírito Santo, não dos resultados numéricos da missão. No capítulo V da *Evangelii gaudium*, *Evangelizadores com espírito*, o Papa diz no primeiro parágrafo:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. [...] Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus¹⁷.

O Espírito de Pentecostes, o Espírito da Missão, deve transfigurar todo o ser do cristão e da Igreja, para que sejam

16 EG 265.

17 EG 259.

anunciadores mais fiéis, verdadeiras testemunhas da ressurreição e do advento do Reino de Deus. É ele que funda e move a Igreja, capacitando os missionários para o encontro com os mais diferentes povos. Ele suscita o diálogo e a leva a deixarem o medo para trás, lançando-se ao mundo, a começar por Jerusalém. É o Espírito da Alegria.

A alegria tem sempre uma dimensão de extravasamento, de comunicação: quem se alegra quer comunicar de algum modo o motivo profundo de sua felicidade para que também os outros possam se alegrar. [...] A alegria de que falamos aqui é alegria espiritual, que abraça psique e sentidos, mas vai além de ambos, pois atinge e expressa o mistério do homem¹⁸.

A alegria espiritual é comunicativa, abre-se aos demais, não se fecha sobre o próprio gozo. Quer tornar as outras pessoas também alegres, porque também descobriram o sentido profundo de suas vidas, através de uma espiritualidade missionária e libertadora, no seguimento de Jesus Cristo. Para suscitar tal alegria espiritual são necessárias propostas místicas autenticamente cristãs. Por isso, o Papa ressalta:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração¹⁹.

A alegria é elemento indispensável da missão entendida como espiritualidade. Ela nasce do encontro com Jesus e se fortalece na vida em comunidade, na vida partilhada e doada pela vida de todos, especialmente dos pobres, excluídos e descartados da sociedade.

18 Alfredo Sampaio COSTA, *Anunciar com alegria: aspectos espirituais da Evangelii gaudium*, p.151.

19 EG 262.

...no meio do povo.

Por fim elencamos este terceiro elemento. Não pode haver missão sem povo. Afirma o Papa Francisco: "A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo"²⁰. O Povo de Deus confia nele e espera a sua libertação, anunciada e testemunhada por aqueles que foram transformados pelo encontro com o amor que vem do Pai por meio de Jesus Cristo, e que são alegres por serem discípulos missionários. Segundo Alfredo Sampaio Costa: "A alegria que Jesus sente é inseparável dessa vida nova que ele vai trazendo para os seus irmãos e irmãs e que vai se tornando uma parte integral nas suas vidas - à medida que vai curando, ensinando, perdando, encorajando, chamando, liderando, abençoando"²¹.

Jesus foi um homem do povo e nos quer desempenhando nossa missão junto ao povo. O Espírito Santo forma e anima o Povo da Nova Aliança a fim de que seja instrumento do Reino de Deus, povo de sacerdotes, profetas e reis. No contato com as pessoas do povo, percebemos nelas os traços do próprio Jesus: a simplicidade, o coração aberto, a humildade, a confiança no Pai. Também percebemos os traços que revelam a influência do pecado: o egoísmo, a autossuficiência, a arrogância, a adoração dos ídolos. O povo clama para ser evangelizado, por uma espiritualidade que dê sentido pleno a suas vidas, que as liberte das diversas escravidões que as mantém submissas. Esta evangelização começa pelos últimos membros do povo, aqueles que são chamados de "pobres".

Francisco repreende: "Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros"²². E diz mais adiante:

20 EG 268.

21 Alfredo Sampaio COSTA, *Anunciar com alegria: aspectos espirituais da Evangelii gaudium*, p.154.

22 EG 270.

"Só pode ser missionário quem se sente bem procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros"²³. Tocar os pobres em suas necessidades reais nos revela os caminhos a tomar na missão, pois foram os caminhos do próprio Jesus, que chamou a todos, a começar pelos pecadores. Muitas vezes temos a tentação de impor ao povo ao qual somos enviados em missão, as nossas ideias e desejos. Vemo-los com o olhar que parte da nossa realidade e não da realidade deles. Contra esta postura, declara Francisco:

Está claro que Jesus não nos quer como príncipes que olham desdenhosamente, mas como homens e mulheres do povo. Esta não é a opinião de um Papa, nem uma opção pessoal entre várias possíveis; são indicações da Palavra de Deus tão claras, diretas e contundentes, que não precisam de interpretações que as despojariam da sua força interpeladora. Vivamo-las *sine glossa*, sem comentários. Assim, experimentaremos a alegria missionária de partilhar a vida com o povo fiel de Deus, procurando acender o fogo no coração do mundo²⁴.

Conhecer os pobres de perto, sentir as suas angústias e aflições, como Iahweh viu o sofrimento do povo escravo no Egito e ouviu os seus clamores (cf. Ex 3,7), é o primeiro passo para uma missão libertadora. A missão entendida como espiritualidade, no seguimento de Jesus Cristo, deve nos levar a isto, a romper as barreiras que impedem um contato mais pessoal com o povo, com os pobres. Ela precisa romper muros e preconceitos a fim de ver as pessoas como elas realmente são e não a partir de nossas cabeças já formadas. Devemos querer o bem do povo, clamando e trabalhando por justiça a favor dos mais pobres. Somente assim, seremos realmente missionários e não apenas propagandistas de doutrinas religiosas.

23 EG 272.

24 EG 271.

Conclusão

Concluindo brevemente este artigo, gostaríamos de citar o Pe. Paulo Suess, que aponta critérios básicos para uma vivência da missão no cerne da experiência espiritual cristã:

Em todos os nossos empreendimentos missionários devemos-nos perguntar se cabem no presépio e na cruz de Cristo. Fomos visitados e redimidos nos lugares mais insignificantes do mundo. O seguimento de Jesus não nos promete prosperidade. Redenção e libertação não estão sob a pressão de ritos mágicos ou sacrificiais. Fomos redimidos na gratuidade da cruz. O Ressuscitado nos prometeu a paz, e não melhorias graduais, prosperidade e progresso. Cruz e ressurreição visam à reorganização das relações humanas na lógica do dom, do perdão, da gratuidade e da justiça. Ressurreição é sinônimo de justiça definitiva, o fim da opressão e da humilhação; é emancipação como igualdade e reconhecimento; vida sem fardos desnecessários, de cabeça erguida e rosto descoberto, revelado, face a face²⁵.

Missão é assumir o ser de Jesus, sua espiritualidade, que tem como centro o Reino de Deus. É viver o amor radical, que convida ao encontro, à alegria, ao povo, sinais da grande festa que celebram os já redimidos junto de Deus e que nos juntaremos nós e toda a criação no final dos tempos, cantando o “cântico do Cordeiro” (cf. Ap 15,3-4).

Referências bibliográficas

- BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. *Diálogo profético: reflexões sobre a missão cristã hoje*. Trad. Joachim Andrade. São Paulo: Paulinas, 2016.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução “École Biblique de Jérusalem”. São Paulo: Paulus, 2002.
- RAMPON, Ivanir Antonio. Ecologia e espiritualidade: para uma terra onde corre leite e mel (Ex 3,8). *Caminhando com o Itepa*, ano 21, n.72. março/2004. Passo Fundo: ITEPA, p.9-27.
- 25 Paulo SUESS, *Impulsos e intervenções: atualidade da missão*, p.11-12.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2008.

COSTA, Alfredo Sampaio. Anunciar com alegria: aspectos espirituais da *Evangelii gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. p.147-161.

MASSERDOTTI, Franco. *A missão a serviço do Reino: meditações de espiritualidade missionária*. São Paulo: Paulus, 1996.

MOSCONI, Luís. *Santas missões populares: uma experiência de evangelização voltada para as massas*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1996.

PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Evangelii gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

SUESS, Paulo. *Impulsos e intervenções: atualidade da missão*. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. *Introdução à teologia da missão: convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MISSÃO DE REORGANIZAR UMA COMUNIDADE NO ESQUEMA PAULINO

*Ademir Rubini**

*Ivanir Antônio Rodighero***

*Elizen Lisbôa Moreira****

Resumo: Viver em comunidade é um dom de Deus conquistado na disposição dos irmãos e irmãs que se abrem à partilha na mesa da Palavra e da Eucaristia. Nessa abertura acontece a acolhida aos mais pobres e necessitados. Deus que se dirige de muitas maneiras aos seus filhos e filhas se faz presente de modo privilegiado na comunidade. O desafio é ser comunidade em meio ao contexto sociocultural em que vivemos marcado pelas características do individualismo. Há, no entanto, muitas comunidades eclesiais, que hoje se encontram em um necessitado processo de reavivamento. A criatividade do Espírito Santo, através da atuação de uma Igreja em saída, há de fortalecer estas comunidades através de processos formativos e celebrativos, bem como suscitar novas comunidades unidas em torno da bandeira do Reino de Deus.

Palavras-chave: Comunidade. Apóstolo Paulo. Missão. Formação. Lideranças.

1 Considerações iniciais

Este trabalho, caracteriza-se como relato de uma experiência pastoral numa comunidade periférica e tem por finalidade analisar o modo como esta está retomando sua caminhada. A

* Doutor em Teologia. Área de concentração: Bíblia, pela Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RS. Presbítero da Diocese de Chapecó/SC. Professor da Itepa Faculdades na disciplina de Cartas Paulinas.

** Mestre em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo. Diretor e professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades. Presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo.

*** Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades e Bacharel em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier – Ilibe em Passo Fundo/RS.

partir disso, pretende-se fazer paralelos com alguns aspectos paulinos expressos nas cartas autênticas de Paulo e da tradição posterior como dos Atos dos Apóstolos quanto ao modo de ser e de se organizar em comunidade. Ao perscrutarmos os aspectos socioculturais, econômicos e religiosos do tempo em que se vive, nota-se um determinado “esfriamento”. Da mesma maneira, pergunta-se como reagrupar as forças e encontrar novas lideranças para reavivar e alimentar a comunhão e a participação. E nisso, um desafio é refletir acerca da mística e da espiritualidade, bem como da formação que precisa ser fomentada a quem faz parte de uma comunidade de fé ativa, não somente das lideranças, mas de todos seus participantes.

2 Situando a comunidade São Francisco de Sales

A comunidade São Francisco de Sales está localizada numa região periférica da cidade de Passo Fundo. O bairro tem uma formação recente, em torno de vinte anos. Com objetivo de realocar famílias que procederam de regiões de maior vulnerabilidade, muitas residências foram construídas com recursos de programas municipais.

Quando não havia comunidade eclesial formada, a participação nas missas ocorria em uma comunidade próxima. A comunidade São Francisco de Sales iniciou com a missa e a catequese nas casas, nos anos 2000. Havia a presença e residência dos religiosos Oblatos de São Francisco de Sales. Isso porque perto dali estava o Seminário desta congregação. De tal maneira, pelo que se ouve através dos relatos, a comunidade sentia-se animada pela presença dos religiosos. Com o tempo, uma senhora participante da comunidade decidiu doar parte de um terreno para a construção de uma Igreja. Um senhor também doou parte de um terreno, mas com uma condição, a Igreja seria construída por ele com os materiais provenientes de uma casa que ele havia desconstruído. Os integrantes da

comunidade queriam que a Igreja fosse construída junto à rua e ele, por sua vez, quis construí-la nos fundos do terreno.

Mais tarde começaram roubos de objetos básicos da estrutura da Igreja, por exemplo, porta, janelas, fios e canos. E não se podia fazer nada. A estrutura ameaçava ruir e, então, o pároco na época decidiu derrubá-la para que não causasse risco às pessoas. Novamente tudo voltou como antes e, hoje, a comunidade não mais usufrui de um espaço próprio para suas reuniões. Diante desse contexto, com um grupo reduzido foram retomados os encontros, as celebrações e catequese no ambiente domiciliar. Quando me inseri na comunidade já haviam passado cinco meses desta realidade. Ou seja, essa foi a situação em que encontrei a comunidade.

3 Os primeiros passos de retomada da comunidade

Iniciei meu estágio pastoral nessa comunidade no início do ano de 2018. Na retomada encontrei as lideranças desanimadas, divididas e sem perspectivas. Tornava-se necessário “reavivar o dom de Deus” (2Tm 1,6). Iniciei fazendo visitas e, no primeiro dia, já foi realizada uma celebração. O combinado foi de que em três sábados no mês se faria uma celebração da Palavra e num sábado, missa. Fiz algumas visitas acompanhado por lideranças da comunidade. Contudo, diante das dificuldades destas pessoas prossegui sozinho. Contava, porém, com indicações das pessoas eu visitava. Nessas visitas se fazia a oração e bênção da casa. O ambiente familiar é um espaço propício para conhecer e compartilhar da realidade das famílias, ouvir um trecho da Palavra de Deus, rezar reavivando o seguimento a Jesus Cristo. Em uma dessas visitas conheci uma família na qual um menino precisava iniciar a catequese. Por sorte, sua irmã havia sido crismada num tempo recente e dispôs-se a ajudá-lo. Fizemos um levantamento e convidamos mais crianças. No princípio elencamos seis, porém somente duas iniciaram o

processo.

Nas visitas às famílias, compartilham-se experiências de vida, colocando-as nas mãos do bom Deus. Cada família tem sua história, alegrias e dificuldades que junto são vivenciadas. A época em que vivemos conflitua-se com experiências anteriores e com as projeções para o futuro. Há muitos que não apostavam na família e em seu comprometimento. Na sociedade consumista regida pelo mercado, o protótipo para a família feliz é aquele que desfruta de todas as mordomias e luxos da modernidade.

O fenômeno da globalização parece dar a impressão de que até as camadas sociais que usufruem de poder aquisitivo mais baixo buscam igualar-se ao modo de vida dos abastados, mesmo que essa "igualdade" signifique apenas ir ao Shopping ou outros grandes centros e consumir produtos de marca. Nisso, são escondidas sob o verniz da globalização gritantes desigualdades. Devido a busca desenfreada pela realização e satisfação pessoal, a dimensão ética e moral da sociedade e da Igreja fica relegada ao segundo plano. A falta de interesse em vínculos comunitários em grande parte origina-se dessa problemática.

4 A experiência do apóstolo Paulo: impulso para sua missão

Vale recordar o que escreveu o papa emérito Bento XVI na Encíclica *Deus Caritas est*, n.1 "ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo".

Saulo, o perseguidor, no caminho de Damasco (At 9,1-19; 22,4-16; 26,9-18) teve uma experiência que deu rumo diferente à sua história. Em sua queda (At 9,4; 22,7; 26,14), ficou sem defesa. Quando uma grande luz o envolveu (At 9,3), Saulo ficou cego por três dias. Quem era o líder precisou ser

conduzido pela mão (At 9,8). Abriu-se então um caminho à sua conversão, para entregar-se ao Senhor por inteiro! Em Paulo, “a experiência do Jesus Cristo ressuscitado, feita perto de Damasco, o levou a uma nova interpretação de Deus, do mundo e da existência, e uma interpretação que o levou a uma orientação de vida radicalmente modificada”¹. O fiel observador da Lei (Fl 3,6; At 22,3), zeloso pelas tradições paternas (Gl 1,14)², fez a experiência da gratuidade de modo que não mais colocou sua segurança na observância da lei, mas no amor de Deus por ele (Gl 2,20-21; Rm 3,21-26). O nascimento em Jesus Cristo na vida de Saulo ou de outra pessoa, promove novas relações:

A vida em Cristo inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo para progredir, o gosto de trabalhar e de aprender, a alegria de servir a quem necessita de nós, o contato com a natureza, o entusiasmo dos projetos comunitários, o prazer de uma sexualidade vivida segundo o Evangelho, e todas as coisas com as quais o Pai nos presenteia como sinais de seu sincero amor (DAP 356).

Saulo precisou passar pelo que chamaríamos de catequese de iniciação à Vida Cristã. Segundo Mesters, a experiência que Paulo fez de Jesus foi processual e contou com a ajuda de pessoas bem concretas: Estevão (At 7,55-60), Ananias (At 9,17), Barnabé (At 9,27; 11,25; 13,2; 1Cor 9,6), Eunice e Lóide (2Tm 1,5), Timóteo (Rm 16,21; 1Ts 3,2,6; 1Cor 16,10; 1Tm 1,2), Pedro, Tiago e João (Gl 2,9), Febe, a diaconisa (Rm 16,1), o casal Priscila e Áquila (At 18,2,18; Rm 16,3; 1Cor 16,19), Lídia (At 16,14-15.40) e outros tantos³.

Estando ainda em Damasco Saulo começou a anunciar a Boa Nova e encontrou resistência junto aos judeus. Isso o levou

1 Udo SCHENELLE, *Paulo: vida e pensamento*, p.31.

2 Carlos MESTERS, *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*, p.20.

3 *Ibidem*, p.33.

a fugir para evitar a morte (At 9,20-25). Tendo ido para a Arábia, ficou lá por três anos (Gl 1,17). Segundo o livro dos Atos dos Apóstolos, tendo ido a Jerusalém, a comunidade não o acolheu. Contudo, Barnabé apresentou-o aos apóstolos (At 9,26-28). Em seguida, um novo conflito fez com que saísse de Jerusalém. Foi para Tarso (At 9,29-30). Nove anos depois, Barnabé o chamou para trabalhar em Antioquia, onde judeus e pagãos conviviam em harmonia (At 11,19-26). Dessa forma, Saulo, também chamado Paulo (At 13,9), foi iniciado e preparado para a missão. Percebemos a grande importância de várias pessoas, de comunidades que fizeram parte de sua vida sendo instrumentos de Deus.

5 A inserção e organização de Paulo

Não raro ao falar em evangelização, em Igreja viva, se pensa em grandes multidões. Deveras, multidões procuravam Jesus. Mas ele também fazia questão de dar atenção especial a cada pessoa em particular, por exemplo, nas visitas. Ele não se desligava deste aspecto. Poderíamos dizer que o Apóstolo Paulo seguiu esta linha. A Igreja nascente é *domus ecclesiae* (Igreja nas casas). Ele visitava, ficava algum tempo no lugar e constituía comunidade. Feito isso, partia para fundar outra comunidade. Tempos depois visitava a comunidade por ele fundada.

Chama a atenção a inserção de Paulo nas realidades. Ele era um trabalhador que não buscava ser peso para ninguém (1Cor 4,12; 1Ts 2,9b). Na concepção da época, o ideal de realização era não fazer trabalho braçal. Isso era encargo dos escravos, aos homens livres só cabia filosofar, meditar ou fazer pregações. Paulo quebrou esse modelo. Assim ele ajudou a resgatar a dignidade do trabalho, mesmo que lhe fosse possível viver de doações, uma vez que “o operário é digno de seu salário” (1Tm 5,18b). Contudo, ele preferiu outro caminho, mesmo que isso o levasse a viver com dureza a combinação entre pregar e o

tempo de trabalho para a sobrevivência.

Tudo poderia convergir a que Paulo fosse um homem que ia se dar bem no mundo greco-romano. Nascido na metrópole de Tarso, com escolas filosóficas, mercados de escravos, festivais de cultura e esporte, ele era assim um homem de cultura urbana⁴. Mesmo que fosse perito e observador fiel das leis judaicas, conhecedor das culturas, Paulo compreendeu que sua vida foi transformada não por seus próprios méritos, mas pela graça. O conhecimento que ele possuía, inclusive da Filosofia, ajudou-o no processo de evangelização. O que antes era usado para a promoção da perseguição e morte, agora o é para a liberdade (Gl 5,1). A sua vida foi ressignificada, ele não perdeu sua identidade de judeu, ao contrário, agora conseguiu ver em Cristo a realização das promessas.

Por ocasião da primeira viagem, Paulo não se deteve por muito tempo em um mesmo lugar, mas, seguia de cidade em cidade criando comunidades. A partir da segunda viagem, ele retornava às comunidades, fundadas por ele e sua equipe missionária e, ao mesmo tempo, continuava anunciando em outras cidades e criando novas comunidades, contudo, permanecendo mais tempo em cada uma delas. Em Corinto ficou “um ano e seis meses” (At 18,11). A terceira viagem foi bem diversa da primeira, pois foi direto para Éfeso (At 19,1.8-

4 Profundamente marcado pela cultura urbana, a linguagem de Paulo expressava-a: “Ele fala, por exemplo do arquiteto (1Cor 3,10-17), dos espetáculos nas arenas (4,9; compare com 2Cor 4,8-10), do pedagogo (1Cor 4,15), da compra (resgate) de escravos no mercado (1Cor 6,20; 7,23; Gl 3,13; 4,5; Rm 3,24). Em seus escritos estão presentes as competições esportivas, elemento bastante estranho à cultura judaica da época (atletismo: 1Cor 9,24-27; Fl 3,13-14; 2Tm 4,7; pugilato: 1Cor 9,26b). Toma como comparação o soldado (armado: Ef 6,10-17; vencedor 2Tm 4,7); fala dos instrumentos musicais (1Cor 14,7-8); conhece a parada militar dos generais vencedores e sabe que o povo a aprecia (2Cor 2,14-16). Toma como exemplo as “colunas” de feitos memoráveis dos chefes de Estado para falar dos próprios “feitos” dos quais se orgulha (2Cor 11,23-28; compare com a Coluna de Trajano no centro histórico de Roma” (José BORTOLINI, *Libertar Paulo! Vida pastoral*, ano 49 - n.260, p.7).

10), fixando-se lá por três anos (At 20,3). Desta forma, o método é outro: irradiar a Boa Nova desde um lugar de referência (At 19,10.26), de maneira que as viagens serviam para visitar e confirmar as comunidades já existentes (At 18,23; 20,2). Existia uma opção consciente que fundamentava todo este trabalho:

Quanto a mim, foi através da Lei que eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui morto na cruz com Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim (Gl 2,19-20).

O apóstolo Paulo prezava pela ajuda de colaboradores. Alguns destes encontram-se citados em Atos e nas cartas. Pode-se dizer que

Paulo deve ser visto como alguém que soube coordenar energias e talentos, mesmo quando estava preso (cf., por exemplo, a carta aos Filipenses; 2Tm 2,9). E nessa tarefa, as mulheres não estavam ausentes. O texto mais eloquente nesse sentido é Rm 16. Ai são citadas 11 mulheres, das quais Paulo reconhece o esforço e a dedicação⁵.

Paulo, buscando animar e confirmar as comunidades, motivava que as mesmas superassem o isolamento, percebendo a ligação que tinham com as demais comunidades. As seguidas viagens a Jerusalém, o envio de mensageiros (Cl 4,10; 1Cor 1,11; 16,10.12.17-18; 1Ts 3,2.6), cartas e a coleta (2Cor 8,1-9,15) são maneiras que ajudavam atingir o objetivo de uma Igreja solidária e missionária.

A partir de sua segunda viagem, de modo especial, começou a comunicação por cartas, as quais eram lidas nas reuniões da comunidade (1Ts 5,27), e pedia que também fossem enviadas

5 José BORTOLINI, *Libertar Paulo! Vida pastoral*, ano 49 – n.260, p.10).

para outras comunidades. Além de acompanhar Paulo nas viagens e ajudar na fundação das comunidades, a equipe missionária contribuía na escritura das cartas, completando a evangelização, resolvendo dúvidas e conflitos que surgiam nas comunidades. Segundo Mesters, “quase sempre Paulo escreve as cartas junto com os companheiros de missão. Eles aparecem ao lado dele na saudação inicial e nas lembranças finais. Parece até que discutiam entre si o assunto antes de escrever”⁶.

6 Uma rede de comunidades solidárias

O projeto das comunidades paulinas era promover a reconciliação. Era continuar a obra de Jesus Cristo, que eliminou todas as barreiras. É por isso que, em seu modo de ser, nestas comunidades procurava-se superar qualquer forma de preconceitos discriminatórios, promovendo a acolhida, a unidade e a integração, inclusive quanto a gênero e classe: “de fato, vocês todos são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo” (Gl 3,26-28; Rm 10,12; 1Cor 12,13). Cada comunidade se reunia em uma casa, ao redor de uma mesa, onde o pão era partilhado com todas as pessoas, quem tinha trazia para partilhar e quem não tinha vinha para receber pão com dignidade. E Paulo não tolerava qualquer discriminação na Ceia do Senhor (1Cor 11,17-34). A discriminação era um escândalo, “fazem mais mal do que bem” (1Cor 11,17). A ceia era o maior reflexo da prática da igualdade, da solidariedade. Era o Reino já presente no meio do povo. Era o projeto de Deus em sua concretude para toda sociedade.

Nas viagens missionárias promovidas pelas comunidades,

6 Carlos MESTERS, *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*, p.42-43.

ficam evidentes outros aspectos da estratégia pastoral de Paulo e de seus colaboradores e colaboradoras. Sua intenção era de fundar comunidades nos grandes centros urbanos do mundo greco-romano. Desse modo, Paulo não tinha em vista de imediato as cidades menores e as aldeias do interior. O anúncio da Boa Nova nesses lugares seria tarefa das comunidades fundadas nas cidades mais importantes. A estratégia da equipe de Antioquia, portanto, era atingir os grandes centros. Estes se encarregariam de levar a missão às cidades menores e aldeias no seu entorno, constituindo uma rede de comunidades interligadas (1Ts 1,7-8). Em boa medida, essa estratégia se deve à compreensão escatológica de Paulo. Como ele imaginava que a irrupção do Reino definitivo estava próxima, era necessária muita pressa em anunciar a Boa Nova no maior número de cidades possível (1Ts 4,13-5,11).

Por um lado, Paulo investia na organização de comunidades que viviam unidas por fortes laços de comunhão e de solidariedade. A celebração da ceia do Senhor (1Cor 11,17-34) era o fundamento ético para o comportamento cristão. Celebrar a ceia implicava na vida e vice-versa. Nas palavras de Boring: "A ética cristã não é uma questão de obedecer regras, mas de fazer a vontade de Deus. Esta é uma questão de discernimento permanente de caso para caso, e não prescrições que podem ser conhecidas com antecedência"⁷. Por isso junto com o batismo (1Cor 12,13; Gl 3,27-28), a ceia do Senhor era o maior gesto visível da pertença à comunidade.

Por outro lado, Paulo também investia na rede de pequenas comunidades fraternas, solidárias, experimentando novas relações (Gl 3,28) e novos valores (Gl 5,22-23), superando os antivalores que escravizavam (Gl 5,19-21; Rm 1,28-32; 1Cor 6,9-11). Apresenta o projeto de Jesus livre do legalismo. A verdade da Boa Nova por ele anunciada consistia

7 M. Eugene BORING, *Questões introdutórias do novo testamento e escritos paulinos*, p.515.

essencialmente em uma nova prática. É a comunhão de mesa. Nas *igrejas domésticas*, não havia espaço para discriminações. Ao redor da mesa da comunidade, viviam-se a igualdade e a partilha. Segundo o costume dos judeus, não era permitido tomar refeições com os gentios, para não haver contaminação com aqueles que eram considerados impuros (At 11,3; Gl 2,12). Dessa forma, essa nova prática denunciava e subvertia o sistema das cidades greco-romanas que estavam organizadas sobre a exploração dos mais pobres e tendo como primeiro objetivo acumular riquezas para poucos.

Nessa prática sem discriminações, revelava-se a essência do projeto missionário de Paulo. Por um lado, está a opção pelas nações, “pois fomos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres” (1Cor 12,13). Por outro, não há mais privilégios para ninguém, uma vez que a nova justiça de Deus acolhe gratuitamente e sem exclusão. Deus nos acolhe sem condições prévias porque nos ama incondicionalmente.

Se as *casas* ocupavam um lugar especial na organização de comunidades cristãs em geral, então convém frisar que, na estratégia paulina, a organização de *igrejas domésticas* desempenhava um papel ainda maior. Neste sentido destacaram-se as comunidades nas casas de Priscila e Áquila, tanto em Éfeso (1Cor 16,19) como em Roma (Rm 16,5). Pode-se ainda conferir a existência de comunidades nas casas de Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã (Rm 16,15), de Filemon e Ápia (Fm 2), de Ninfa (Cl 4,15) e de Lídia (At 16,15.40). Essa forma de ser Igreja era essencial, juntamente com a mesa da partilha que acontecia nessas casas. Certamente elas também se tornavam uma espécie de lar para quem não tinha casa para viver dignamente.

A crença de Paulo que fundamentava essa prática de superação de todas as divisões, dentro e fora da comunidade, é sua fé monoteísta, sua fé na unicidade de Deus, na unicidade do

senhorio de Jesus e na unidade do seu corpo. O monoteísmo tem na sua base o princípio ético da igualdade entre todos os povos, entre todas as pessoas.

Depois de fundadas as *igrejas domésticas*, Paulo e sua equipe seguiam em missão para outras cidades aonde a Boa Nova ainda não havia chegado. Quando podia, visitava pessoalmente as comunidades que fundara. Ou então, enviava colaboradores seus, a fim de completar o anúncio do Evangelho da liberdade.

As cartas que Paulo enviava para as comunidades eram frequentes. Como vimos, essas cartas eram copiadas e serviam também para serem lidas em outras comunidades. Dessa forma, passando de mão em mão, chegaram até nós. Nelas, Paulo recuperava os fundamentos da fé e procurava refletir sobre temas e problemas em relação às comunidades, tais como: o modo de proceder como cristãos (Rm 12,1-15,13), formação de grupinhos (1Cor 3), desequilíbrios afetivos (1Cor 5), processos contra irmãos na fé (6,1-11), sobre o uso do corpo (6,12-20), acerca do casamento (7,1-40), relacionamento entre cristãos e pagãos (8,1-11,1), sobre as mulheres na Igreja (11,2-16), problemas na mesa da Ceia do Senhor (11,17-34), sobre os dons do Espírito Santo (1Cor 11-14), acerca da ressurreição de Cristo (1Cor 15), relacionamentos na família (Ef 5,21-6,9), a vinda do Senhor Jesus Cristo (1Ts 4,13-5,11), trabalhar e fazer o bem (2Ts 3,16-17), os falsos ensinamentos e a verdadeira riqueza (1Tm 6,2b-10).

7 As comunidades como corpo de Cristo exercem o poder serviço

Embora se diga no livro de Atos que Paulo estabelecia *presbíteros* (anciãos) nas comunidades que fundava (At 14,23; 20,17), nenhuma vez aparece essa função de liderança nas suas cartas autênticas (Rm, 1-2Cor, Gl, Fl, 1Ts e Fm). Atos foi escrito nos anos 85-90, quando já estava em andamento uma

lenta institucionalização das comunidades de herança paulina. No entanto, certamente já havia, nos tempos de Paulo, a função de presbítero nas comunidades cristãs de origem judaica na Judeia (At 11,30; 15,2.4.6.22.23; 16,4).

A proposta paulina de vivência comunitária estava baseada no coletivo, no serviço à comunidade. Não é por acaso que Paulo insistia em descrever as comunidades como corpo, isto é, onde todos os seus membros são interdependentes. É mais. A comunidade mesma era a presença de Jesus Cristo, pois ela era seu corpo. Todos os seus membros participam do corpo de Cristo pelo batismo (1Cor 12,13; Gl 3,27-28) e pela ceia eucarística (1Cor 10,16-17; 11,17-34). Nenhum deles pode querer se sobrepor a outros. Por um lado, Paulo valorizava o pluralismo, a diversidade de funções na comunidade unida. Por outro, ele também queria mostrar que a organização na comunidade deve ter como princípio o exercício de poderes compartilhados, sem hierarquia ou centralização (Rm 12,3-8; 1Cor 12,12-28). Nessa perspectiva, as diferenças são entendidas, acolhidas ou ressignificadas. O que não pode haver em uma comunidade são as desigualdades.

Como pôde-se perceber ao ler os textos citados, Paulo prefere chamar as lideranças de suas comunidades de apóstolos, de profetas, de encarregados da assistência, do governo, etc. Mais do que ser donos das comunidades (1Cor 1,12), são as lideranças que pertencem às comunidades (1Cor 3,22-23). Sua função é assumir a *diaconia* (serviço) de Deus e das comunidades (1 Cor 3,5; cf. Rm 16,1), ser colaboradores e colaboradoras de Deus (1Cor 3,9), a serviço de Cristo e na administração dos mistérios de Deus (1Cor 4,1). Paulo entendia o exercício do poder como *diaconia*, como *ministério*, como *serviço*.

Fl 1,1 e Rm 16,1 revelam que o cargo de *diácono* e *diaconisa* era reconhecido por Paulo. Em Fl 1,1, a palavra está no plural, dando a entender que era toda uma equipe de diaconia. Tinham também o encargo do anúncio da Palavra, mas

sobretudo do atendimento das necessidades materiais das comunidades. Em Rm 16,1-2, Paulo nos informa que Febe exercia esse ministério. Ela era diaconisa e protetora, isto é, ajudava as comunidades. Foi ela quem levou a carta aos romanos, onde iria preparar a viagem missionária que Paulo pretendia fazer à Espanha (Rm 15,24.28).

Em Atos 20,28, Lucas coloca na boca de Paulo o termo *episcopos* (bispos, supervisores, guardiões) para se referir às lideranças da comunidade de Éfeso. Em suas cartas, somente as lideranças das comunidades de Filipos são chamadas de bispos junto com os diáconos (Fl 1,1). Como em Atos, também aqui a palavra está no plural, sugerindo uma equipe de pessoas encarregadas pela supervisão, pelo bom funcionamento das comunidades.

Os evangelhos sinóticos (Mt, Mc e Lc) e Atos dos Apóstolos reservam o título de *apóstolo* (enviado) aos Doze. No entanto, Paulo em suas cartas atribui esse título para si (Rm 1,1; 1Cor 1,1; 2Cor 1,1...). E mais, ele amplia o círculo de pessoas a quem reconhece esse ministério. Andrônico é chamado de apóstolo. E Júnia é apóstola eminente convertida a Jesus antes mesmo da conversão de Paulo (Rm 16,7).

O que nos chama a atenção, ao analisar a organização das comunidades paulinas, é que Paulo insiste no exercício do poder-serviço, valorizando todas as funções, sem discriminar nenhuma. Aliás, as mais insignificantes, muitas vezes, são as mais necessárias (1Cor 12,22). Em todas as funções, podemos encontrar tanto homens como mulheres exercendo o episcopado, o apostolado e o diaconato (Fl 1,1; Rm 16,1.7). Além disso, ainda não havia a hierarquização dos diferentes ministérios. Esse processo surgirá aos poucos nas comunidades no período da segunda geração de cristãos, isto é, a partir dos anos 70, estabelecendo-se com mais força já na terceira geração, a partir do ano 100, como atestam as cartas a Timóteo e a Tito.

Paulo mantém uma autoridade sobre as comunidades que fundou, porém, como a de um pai e de uma mãe para com seus filhos (1Ts 2,5-12; 1Cor 4,15; Gl 4,19). Depois de organizada a comunidade, era uma autoridade exercida à distância, uma vez que não está presente no dia-a-dia das comunidades. Para a vida cotidiana, confia no dinamismo do Espírito. É dele a missão de manter a unidade (1Cor 12,13). Pois, “ao dizer que o corpo é um templo e que o espírito de Deus habita nele, Paulo transfere a presença de Deus do templo físico, o centro de pureza, para os fiéis para a comunidade à qual eles pertencem”⁸.

Será que, em certos meios, ainda hoje Paulo continua sofrendo alguma dose de marginalização pelo fato de ter confiado muito no Espírito Santo como a autoridade máxima nas comunidades? Ou por reconhecer cargos oficiais tanto em homens quanto em mulheres? Ou por valorizar o exercício de muitos dons nas comunidades, sem organizar uma hierarquia? Ou ainda pelo fato de ter promovido a unidade mais pelo Espírito do que pelo poder centralizado, por doutrinas ou ritos litúrgicos unificados?

8 Perspectivas para a evangelização nas pequenas comunidades de periferia

Destacamos como força motriz para uma Igreja missionária o aspecto formativo. Não só no ato de formar comunidades, mas tendo a preocupação e o cuidado em formá-las em seu cotidiano. Essa era uma constante preocupação de Paulo. Segundo João Batista Libânio, toda formação eclesial apoia-se no tripé básico: palavra de Deus, vida sacramental e prática da caridade⁹.

Vivendo em uma cultura individualista e consumista é

8 Alan F. SEGAL, *Paulo, o convertido*, p.272.

9 João Batista LIBÂNIO, Formação dos discípulos missionários. In: *Vida Pastoral* – maio-junho 2008 – ano 49 – n.261, p.29.

preciso apostar em um trabalho onde as pessoas possam compartilhar mais de si, tendo como meta em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6,33). Enquanto a “moda” é cada um para si, comunicando-se de longe como se estivesse perto, investindo na imagem como se fosse o principal, e, vendo o outro ser humano como inimigo, as atitudes de uma comunidade de fé e vida precisam posicionar-se contra a corrente. Das relações intensificadas e celebradas entre os membros de uma comunidade, precisa esta mesma estar integrada com outras comunidades sendo uma nova paróquia toda missionária. No entanto, é preciso considerar que com a crescente urbanização, com destaque ressaltando-se as periferias, a Igreja não tem conseguido acompanhar e se fazer presença satisfatória nestes lugares. Se entrar nestes locais com a mentalidade e com as estruturas tradicionais, será difícil o êxito na missão. O desafio é ser Igreja “em saída”, disposta a encarar as novidades, não levando estruturas prontas, mas em primeiro lugar compartilhando da alegria do Evangelho. É por isso que para cada situação caberá bem o tripé ver, julgar e agir.

Paulo evangelizava desde o mundo urbano, em cidades significativas da época, formando e animando comunidades, que depois irradiavam a Boa Notícia a outras pessoas. O *Documento de Aparecida* traz presente a necessidade de reanimar os processos de formação de pequenas comunidades. Acredita-se que nestas comunidades há uma fonte segura para as diversas vocações a que o Senhor chama: ao sacerdócio, à vida religiosa e à vida leiga de pessoas engajadas no apostolado. E ainda, através de pequenas comunidades se conseguiria chegar ainda mais perto dos afastados, dos indiferentes e aos que estão descontentes ou com ressentimentos da Igreja (DAp 310). Nesse sentido, o *Documento de Aparecida* orienta ainda: “se desejamos pequenas comunidades vivas e dinâmicas, é necessário despertar nelas uma espiritualidade sólida, baseada na Palavra de Deus, que as mantenha em plena comunhão de vida

e ideais com a Igreja local e, em particular, com a comunidade paroquial” (309). Aqui, relembramos a dinâmica de proximidade do Apóstolo Paulo com as comunidades por ele fundadas e as relações das mesmas umas com as outras, com destaque à solidariedade através das coletas.

Nos dias atuais, é preciso em certo sentido, considerar as demandas que surgem através da subjetividade:

ela apresenta muitas e sucessivas mudanças, provocadas por novos conhecimentos e descobrimentos da ciência e da técnica. Assim se desvanece a imagem única do mundo que oferecia orientação para a vida cotidiana. Recai, portanto, sobre o indivíduo toda a responsabilidade de construir sua personalidade e plasmar sua identidade social (DAP 479).

De outra maneira, é preciso cuidado com o aspecto positivo da subjetividade:

a pastoral não pode reduzir-se a serviços individuais e espontâneos, e os cristãos têm a missão de despertar nos homens e nas mulheres o gosto pela partilha de vida e de destino. Um cuidado eficaz nas questões subjetivas das pessoas deve levá-las a descobrir os valores da vida em comum¹⁰.

Diante de uma desafiante realidade que apresenta uma sangria de católicos e a cultura contemporânea sendo hostil aos valores cristãos, “tudo começa com a experiência profunda de encontro pessoal com Jesus Cristo, fonte da verdadeira vida. Daí brota o seguimento, alimentado pela Palavra, pela vida sacramental e pela prática da caridade”¹¹.

A partir da contextualização da comunidade São Francisco de Sales, mas tendo em vista a realidade mais ampla e a

10 Manuel GODOY, Paróquias renovadas à luz de Aparecida, In: *Vida Pastoral*, ano 49 - n.261, p.16.

11 João Batista LIBÂNIO, formação dos discípulos missionários. In: *Vida Pastoral* - maio-junho 2008 - ano 49 - n.261, p.31

perspectiva paulina na fundação e formação das comunidades, elencamos alguns tópicos que podem nos ajudar na reconstrução de uma comunidade. Alguns destes elementos, outros já apareceram no texto. Agora, porém, os colocamos como síntese mais sistemática agregada com outros elementos:

1 – Visitas

a – *ouvir a leitura que as pessoas fazem da realidade local, da comunidade e da sociedade.* Esse é um passo imprescindível, para se formar comunidade e, por consequência, para que os encaminhamentos e decisões sejam compartilhados entre os envolvidos. Diferentemente de outros tempos, em que apenas abrindo as portas da igreja os fiéis vinham até ela, atualmente a Igreja é chamada a sair. Não só abrir as portas do templo, mas as portas do coração. Poder-se-á criar ou fortalecer a pastoral da visitação. Isso porque as visitas são um meio privilegiado para a evangelização. Nelas se pode estabelecer laços, ouvir alegrias e tristezas, rezar juntos, partilhar da Palavra e dar os devidos encaminhamentos. Em fidelidade ao Evangelho, os visitantes precisam dar atenção especial aos sofredores, aos excluídos e marginalizados: doentes, enlutados, prisioneiros, aos mais pobres, os famintos, os sem-chão, os sem-teto e outros tantos. O contato pessoal, feito através das visitas, possibilita, na conversa, na escuta e na oração, que cada pessoa seja o visitador ou o visitado seja evangelizado de modo muito próprio, bem especial.

b – *reavivar a fé e provocar o recomeço da comunidade.* Geralmente uma comunidade que não está ativa, não o é por falta de lideranças, pois sempre há potenciais. São talentos que precisam ser descobertos, sejam pessoas que exerciam liderança e que, por algum motivo, se afastaram do meio eclesial. Sem dúvida, o desafio é o de suscitar novas lideranças.

c – *adesão ao seguimento de Jesus Cristo.* Se faz importante o encontro pessoal e comunitário nas orações e celebrações como

motivação impulsionadora da missão. O seguimento a Jesus Cristo implica em comportar-se no hoje da história como Ele se comportou, assumindo a bandeira do Reino de Deus. É enfrentar as adversidades lutando para que todos tenham vida em abundância (Jo 10,10)¹². A vida em abundância é a busca pela fraternidade vivendo novas relações: o exercício da não violência (Mt 5,9); a luta em favor da justiça (Mt 5,10); a opção pelos pobres e pelas vítimas (Lc 6,20); o cuidado do enfermo e do fraco (Lc 7,21).

2 – Espaço de celebração

a – *reencontro com Jesus Eucarístico*. O encontro com Jesus na Eucaristia é força que alimenta e motiva a comunidade. Em torno da mesa da Eucaristia celebra-se a vida em suas alegrias e esperanças, dores e angústias (GS 1).

b – *reconciliação com os irmãos*. Na comunidade, muitas vezes podem se explicitar desafios na convivência. Afinal, as diferenças existem e são muitas. Mágoas e ressentimentos são força contrária a uma vida de comunhão e participação. Por isso, na comunidade o perdão precisa ser uma prática constante (Mt 18,22). As celebrações e encontros de grupos de famílias, círculos bíblicos, de oração, etc., podem ser meios provocadores para uma abertura sincera ao perdão. A Igreja promove além do sacramento da reconciliação de forma permanente, a preparação para o Natal, a vivência com intensidade do tempo quaresmal até a chegada da Páscoa.

c – *espaço de oração*. Para quem segue a Jesus, a fé se faz oração em perseverança, como na parábola da viúva insistente

12 Nesse sentido, segundo Aparecida, a paróquia é chamada a uma missão especial: "A imensa maioria dos católicos de nosso continente vive sob o flagelo da pobreza. Esta tem diversas expressões: econômica, física, espiritual, moral, etc. Se Jesus veio para que todos tenhamos vida em abundância, a paróquia tem a maravilhosa ocasião de responder às grandes necessidades de nossos povos. Para isso, tem que seguir o caminho de Jesus e ser a boa samaritana como Ele" (DAp 176).

(Lc 18,1-8), “uma fé que se alimenta do desejo da sua vinda. E na prece experimentamos a compaixão de Deus que, como um Pai, vem ao encontro dos seus filhos cheio de amor misericordioso”¹³. A oração é um meio privilegiado de encontro com Deus, na qual o orante tem a oportunidade, não de mudar a maneira do pensar e agir de Deus, mas de, com a graça, bondade e misericórdia dEle, mudar a sua forma de vida.

3 – Processo de formação

a – *conhecer mais a pessoa de Jesus e o ser Igreja*. Há muitos cristãos que depois de uma catequese básica não tiveram mais oportunidade de formação. Por isso, somos desafiados a retornar à vida de Jesus, a ler os Evangelhos outra vez e a reencontrarmos com o Reino de Deus. Mas para que isto aconteça precisamos no aqui e agora recuperar o sentido do que Jesus de Nazaré fez e ensinou, inspirado na centralidade do Reino de Deus.

b – *pensar sobre a missão - fomentar uma consciência missionária*. A Igreja em sua gênese é missionária. A comunidade de fé, esperança e caridade (LG 8) é instrumento eficaz para ajudar nesse processo de encontro com Cristo. Isto porque a missão da Igreja, Corpo de Cristo, é viver e anunciar a alegria do Evangelho. Uma Igreja autocentrada em si mesma não subsiste, enrijece-se.

c – *capacitação para a missão*. A conscientização sobre a missão precisa estar acrescida com uma necessária e bem planejada capacitação de seus agentes. O ambiente massivamente urbano exige renovado ardor missionário. Para tanto, precisamos conhecer sempre mais sobre as cidades. Cada região ou cada bairro pode ter características próprias de modo

13 Papa FRANCISCO, AUDIÊNCIA GERAL, PRAÇA SÃO PEDRO, 25 de maio de 2016. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2016/documents/papafrancesco_20160525_udienza-generale.html. Acesso 31.12.18.

que os métodos e meios não sejam válidos a todos os espaços.

4 – Organização dos serviços

a – *catequese*. A Igreja abraça agora com mais determinação ainda a Iniciação à Vida Cristã. Busca-se assim superar uma evangelização catequética restrita às crianças. A Iniciação à Vida Cristã é um processo de introdução de cristãos ainda não iniciados, seja qual for sua idade, nos diversos aspectos essenciais da vida cristã na comunhão com Jesus Cristo. Abre-se na perspectiva de fortalecer a fé não só dos que buscam a paróquia, mas também aos que estão além de suas fronteiras. Contudo, “não basta ocupar-se de métodos e temas, é preciso encontrar metodologias e processos que permitam desencadear uma conversão nas pessoas e uma mudança na comunidade” (CC 302).

b – *liturgia*. O *Documento de Aparecida* ressalta quanto a liturgia que, “ao vivê-la, celebrando o mistério pascal, os discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos e missionários” (DAP 250). A liturgia precisa fazer parte do cotidiano das pessoas, não ser somente entendida como a liturgia comunitária, mas que essa expresse uma busca constante no todo da vida do cristão.

c – *pastorais*. Vivemos um tempo de uma presença mais afetiva e efetiva da Igreja em ambientes onde houve um certo afastamento, por exemplo, das periferias, dos trabalhadores e suas organizações, dos movimentos sociais e populares, etc. Por outro lado, pastorais como a pastoral do idoso, da saúde, da visita, pastoral da criança, pastoral carcerária, entre outras, precisam ser fortalecidas. Quando uma pastoral atinge seus objetivos, sua missão está concluída e, assim, já não teria motivos para existir, pois poderia ser como que uma estrutura caduca. Mas de acordo com as exigências e necessidades possam ser criadas sob a guia do Espírito Santo quantas pastorais forem necessárias.

9 Considerações finais

Poderíamos dizer que vivemos um tempo especial, um *kairós*. Este tempo, em termos eclesiais, se faz retomando o que estava “parado”, animando e buscando novos horizontes e utopias, contudo, sem perder o objetivo principal que é o seguimento a Jesus Cristo, na busca pelo Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6,33b). O Apóstolo Paulo sabia da importância das comunidades, por isso, incansavelmente buscou fundá-las e dar-lhes formação, orientando-as e cercando-as de cuidado. Apesar dos atuais ventos contrários, apostamos no valor e na importância da comunidade, numa sempre crescente identidade missionária, pois esta é presença e testemunho da vida fraterna. Nosso desejo é que a comunidade seja o meio privilegiado para viver o encontro, a celebração da Palavra e da Eucaristia, a formação e o serviço em favor da vida.

Referências bibliográficas

- A BÍBLIA de Jerusalém: nova edição, revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2015.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas est*. São Paulo: Loyola, 2006.
- BORING, Eugene M. *Questões introdutórias do novo testamento e escritos paulinos*. Santo André/São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2015.
- BORTOLINI, José. Libertar Paulo! *Vida pastoral*. São Paulo: Paulus, Ano 49 n.260, p.6-12, maio/jun 2008.
- CNBB. *Comunidade de Comunidades, uma nova paróquia: A conversão pastoral da paróquia*. Documentos, n.100. Aparecida: Paulinas, 2014.
- CELAM. *Documento de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. Aparecida: Edições CNBB, 2007.
- DWYER, Jane Elizabeth. Experiências de Eclésia em Corinto. *Estudos Bíblicos*, 83, Petrópolis: Vozes, p.63-68, 2004.
- FABRIS, Rinaldo. *Paulo apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- FERREIRA, Joel Antônio. O projeto revolucionário de Gálatas 3,26-28. *Ribla*, 50, Petrópolis: Vozes, p.135-140, 2005.

FRANCISCO, Papa. Audiência Geral, Praça São Pedro, 25 de maio de 2016.

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2016/documents/papa-francesco_20160525_udienza-generale.html. Acesso 31.12.18.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GODOY, Manuel. Paróquias renovadas à luz de Aparecida. *Vida pastoral*. São Paulo: Paulus, Ano 49 n. 261, p. 12-19; jul/ago 2008.

GONZAGA, Waldecir. O Evangelho da ternura e a solidariedade de Gl 4,8-20. *Ribla*, 76, São Paulo: Metodista, p.61-86, 2017.

LIBÂNIO, J. Batista. Formação dos discípulos missionários. *Vida pastoral*. São Paulo: Paulus, Ano 49 n. 260, p. página do artigo início e fim, maio-junho 2008.

MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1991.

RICHARD, Pablo. A prática de Paulo: suas opções fundamentais. *Ribla*, 20, Petrópolis: Vozes, p.92-104, 1995.

_____. O fundamento material da espiritualidade (Rm 8,1-17 e 1Cor 15,35-58). *Estudos Bíblicos*, 7, Petrópolis: Vozes, p.73-85, 1985.

SCHENELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

SEGAL, Alan F. *Paulo, o convertido: Apostolado e apostasia de Saulo fariseu*. São Paulo: Paulus, 2010.

MISSÃO DA PESSOA IDOSA E ENFERMA

Espiritualidade e Protagonismo no Cuidado

*Nilva Rosin**

*Pablo Cechinato de Lima***

Resumo: A presente reflexão é uma tentativa de indicar alternativas de superação para algumas questões que entendemos pertinentes sobre a missão da pessoa idosa e/ou enferma. As constantes instigações do Papa Francisco têm provocado a ação missionária da Igreja. Os cristãos devem ser conscientes de sua missão em vista do cuidado. Partimos do pressuposto de que, independentemente da idade ou condição de saúde, tanto a pessoa que cuida quanto a pessoa que é cuidada precisam ser testemunhas do Evangelho no seu ambiente; bem como, comprometer-se em estado permanente de missão. Assim, as pessoas idosas e/ou enfermas podem sentir-se partícipes da missão, mesmo sendo impossibilitadas de sair de suas casas. A espiritualidade, aliada ao protagonismo do cuidado, produz mudanças no modo como as pessoas assumem a dimensão missionária com amor, compaixão e paciência dando sentido à própria vida e a participação comunitária.

Palavras-chave: Missão. Pessoa idosa. Enferma. Espiritualidade. Cuidado.

Uma das contribuições mais acentuadas e extraordinárias vividas, sobretudo nos últimos anos, são os apelos insistentes e entusiastas do Papa Francisco na dinâmica de uma "Igreja em

* Mestre em Filosofia (PUC-RS). Graduada e Licenciada em Filosofia (UPF/Passo Fundo). Formação em Teologia e Pastoral (ITEPA/Passo Fundo). Foi professora na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI-Erechim) e no Instituto Superior de Filosofia Berthier - Passo Fundo. Coordenação e atuação nos Cursos sobre Envelhecimento Humano, Espiritualidade e Cuidado. Associada à Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo (CDHPPF), Coordenadora do Fórum da Mobilidade Humana de Passo Fundo (FMHPPF) e membro da Congregação das Irmãs São José de Chambéry no Brasil (ISJC).

** Bacharel em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Berthier - Passo Fundo); Bacharelado em Teologia pela Itepa Faculdades - Passo Fundo. Diácono da Diocese de Vacaria.

saída". Este itinerário profundamente missionário mediante o caminhar dos seus discípulos/as missionários/as que, impulsionados/as pela força do Evangelho, assumem o desafio de vivê-lo e significá-lo constantemente nos engajamentos cotidianos. Para isso, a dimensão da espiritualidade missionária é o que anima as vivências e, apesar das limitações físicas, somos chamados/as a ser protagonistas: exercer a missão a partir da dor e do sofrimento e oferecer tempo e oração num sentido profundo e esperançoso pela missão evangelizadora.

1 Olhar sobre a realidade da pessoa idosa

Um fato notável, segundo o censo IBGE 2010 é que, grande parte da população brasileira está inserida em faixas de idade superiores aos sessenta anos. Hoje, vive-se mais embora, nem sempre viver mais, seja sinônimo de viver com saúde e dignidade. Nos dados divulgados por esse instituto de pesquisas socioeconômicas, a população brasileira aproxima-se dos 200 (duzentos) milhões de habitantes¹. Os mesmos revelam também um crescimento populacional de 0,82% de 2018 para 2019. A média de expectativa de vida de um cidadão brasileiro é de 75,8 anos. Estes dados indicam que, nos últimos 10 anos, a população idosa duplicou. Hoje, cerca de 12,5% da população brasileira tem idade acima de 60 anos.

Outro dado a considerar é de que a população católica brasileira, segundo dados do IBGE, caiu de 73,6% (2000) para 64,6% (2010). Mesmo com o aumento da população, a Igreja Católica teve redução significativa nas suas estatísticas. Em fins de 2016, o Instituto Datafolha publicou uma pesquisa mostrando que, em dois anos, 9 milhões de pessoas abandonaram o catolicismo no país. Em 2014, a porcentagem da população que declarava ser católica era de 60%, já em dezembro de 2016 baixou para 50%.

1 BRASIL. www.ibge.org.br. Acesso em 22 de fevereiro de 2019.

A análise das estatísticas acima e a observação da realidade concreta e complexa das comunidades católicas, sobretudo da população idosa e do grande número de pessoas enfermas, revelam que muitas delas necessitam de um atendimento especializado, específico e pastoral. Mencionam-se aqui a pastoral da visitação/acolhida, da pessoa idosa, além de cuidados em tempo parcial ou integral. Vale dizer que estes cuidados ainda carecem de um olhar mais atento por parte dos serviços organizados da Igreja. Levantam-se, então, algumas indagações: nossas comunidades eclesiais se organizam para atender efetiva e afetivamente esta parcela de pessoas cristãs? Que propostas a Igreja Católica oferece a estas pessoas para continuarem se sentindo em missão, alimentando e vivendo a sua fé?

A questão do envelhecimento humano, enquanto ciclo da vida, é natural e inerente a todos os seres vivos. Uma vez nascidos é certo que se morrerá. Umhas pessoas vivem por um período de vida mais longo, outros nem tanto. Mas é preciso garantir condições existenciais de vida para todas as pessoas, sem distinção de religião, raça, gênero ou classe social.

No que tange ao recorte do tema para a nossa reflexão neste artigo, aborda-se o envelhecimento humano enquanto um fenômeno sócio populacional porque esta é uma realidade que, no Brasil ainda não foi pensada como prioridade pelas políticas públicas e mesmo pela Igreja e que agora urge dar-lhe lugar privilegiado no contexto do atendimento à saúde de modo geral.

A Igreja Católica, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), atenta às mudanças culturais cada vez mais rápidas e intensas, compreendeu que não estamos vivendo uma simples "época de mudanças", mas uma "mudança de época". A partir desta constatação, entende que é necessário repensar as estruturas, as concepções e as pastorais iniciando pela mudança de mentalidade e de prática pastoral. A Igreja precisa viver sua essência, ser discípula missionária, ir às

fronteiras do mundo e do conhecimento, cada vez mais e com muita intensidade.

Na Província Eclesiástica de Passo Fundo esse modo de ser missionária motivou o apoio e inserção da instituição eclesial em grupos de pesquisa, como o Observatório de Bioética, que, no Polo de Passo Fundo, estuda e reflete sobre “questões como eutanásia, cuidados paliativos, suicídio assistido, distanásia, testamento biológico, doenças terminais e questões ligadas aos idosos”².

Olhar para a pessoa idosa e/ou enferma exige perceber uma complexidade de relações construídas durante toda a vida, desde sua gestação até a última fase da vida.

2 Espiritualidade e saúde

É importante compreender que a espiritualidade conduz o ser humano à mística, à alteridade e à transcendência.

Nesse sentido, o envelhecimento abrange aspectos biológicos, fisiológicos e psicológicos, que produzem crises existenciais, no entanto esse é um fenômeno normal da vida, assim como todas as fases se tem sua peculiaridade essa última também tem e, normalmente vem repleta de questionamentos sobre o sentido da vida. A superação da crise dessa última etapa necessita de renovação interior. Segundo Silva e Alves (2007) o ser humano encontra-se dividido em vários níveis (físico, mental, social, cultural, ambiental e espiritual), isso porque a integralidade do ser não tem sido respeitada. Como se pode observar atualmente isso ocorre tanto na medicina, com as suas inúmeras especialidades, como nos ciclos do desenvolvimento onde as pessoas não vivenciam cada fase da vida em sua plenitude, o que se repercute na última fase da vida³.

2 <http://www.arquidiocesedepassofundo.com.br/site/node/1703> Acesso em 28 de novembro de 2018.

3 Luiz A. BETTINELLI; Camila P. LEGUISAMO; Marilene R. PORTELLA, (Org.), *Bioética e envelhecimento humano: desafios*. Passo Fundo: Berthier, 2014, p.153-154.

No início do século XXI, quando muitos previam o fim da religião ou seu silêncio, eis que ela explode com uma intensidade surpreendente por parte daqueles que vivem e vão além da crise, ressignificando o sentido de suas vidas. O teólogo alemão Karl Rahner⁴, antes da virada do milênio, afirmou que: “o cristão do futuro ou será um místico ou não será [cristão]”⁵. Com essa afirmação, ele provoca todos os cristãos a encontrarem novos caminhos, a partir da identidade cristã, diante das novas circunstâncias. Neste mesmo sentido o teólogo brasileiro, Leonardo Boff, afirma que as transformações culturais mais importantes deste século se darão na dimensão espiritual da vida humana. Conforme Boff, “a espiritualidade dará leveza à vida e fará que os seres humanos não se sintam condenados a um vale de lágrimas, mas se sintam filhos e filhas da alegria de viver juntos neste mundo, sob o arco-íris da graça e da benevolência divina”⁶. Os cristãos trazem consigo um desejo de esperar todos os que choram, fazendo-os recordar que apesar de toda a lágrima ou sangue derramado, a vida continua vitoriosa, pois é dádiva, dom de Deus. É preciso sempre reforçar que a alegria de viver deve ser maior do que o sofrimento temporário, pois este cessa com a morte da carne, porém a vida em Deus é eterna.

João Batista Libânio também nos ajuda a alargar nossa visão, quando faz uma crítica à confusão feita entre emoção espiritual e espiritualidade. Segundo Libânio, a emoção espiritual reduz a espiritualidade a sentimentos e gostos egoístas, hedonistas, que não alcançam nem a verticalidade profunda da espiritualidade, à Trindade, nem a horizontalidade, o compromisso com os irmãos, especialmente com os mais necessitados. Já a

4 Karl Josef Erich RAHNER (1904-1984) foi um sacerdote católico jesuíta de origem germânica e um dos mais influentes teólogos do século XX.

5 <http://teologia-contemporanea.blogspot.com.br/2008/02/karl-rahner-1904-1985.html> Acesso em 26 de outubro de 2018.

6 Leonardo BOFF, *A cruz nossa de cada dia*. Campinas, SP: Verus, 2003, p.63.

espiritualidade cristã nos conduz verticalmente à sintonia com a Trindade e, conseqüentemente, na horizontal, ao compromisso com os irmãos. Deste modo, “a pessoa sente-se movida internamente como se brotasse dela um desejo de Deus. A fé cristã reconhece tal moção interna e interpreta-a como ação do Espírito Santo no coração humano”⁷.

Para fundamentar a inclinação humana à busca de sentido, Victor Frankl⁸, fundador da escola chamada *Logoterapia*⁹ recorre à antropologia e descreve que

o ser humano sempre aponta para algo além de si mesmo, para algo que não é ele mesmo – para algo ou para alguém: para um sentido que se deve cumprir, ou para um outro ser humano a cujo encontro nos dirigimos com amor. Em serviço a uma causa ou no amor a uma pessoa, realiza-se o homem a si mesmo¹⁰.

Assim, compreendendo essa necessidade antropológica do ser humano, queremos através da espiritualidade cristã [re]significar o sentido da ação missionária tanto aos destinatários da ação quanto aos missionários.

Na Teologia Cristã, compreende-se que cada ser humano possui uma vocação específica, além da vocação universal a santidade¹¹. Descobrir e realizar a vocação específica é caminho seguro para realizar a vocação universal. Viver a santidade e realizar-se vocacionalmente não é um processo simples e

7 Iltonar SIVIERO; Nilva ROSIN, (Org.), *Envelhecimento humano, espiritualidade e cuidado: espiritualidade e missão*. Vol. II. Passo Fundo: IFIBE, 2014, p.42.

8 Viktor FRANKL (1905–1997) médico psiquiatra austriaco, fundador da escola da logoterapia. É também sobrevivente dos campos de concentração nazistas.

9 Logoterapia é uma psicoterapia fundamentada na busca de sentido. É um sistema teórico-prática de psicologia criado pelo psiquiatra vienense Viktor Frankl que se tornou mundialmente conhecido. www.osentidodavida.com.br Acesso em 13 de março de 2019.

10 Viktor FRANKL E., *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. Trad. Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2015, p.15.

11 GE 32.

objetivo, no qual se pode seguir um método e alcançar resultados. É um desafio no qual todo empenho dedicado é recompensado pela satisfação imediata ou longa e esperançosa de sentido.

Há fortes semelhanças entre o que a Igreja Católica compreende por 'vocação' e o que Viktor E. Frankl define por 'sentido'. Para Frankl, cada ser humano é singular, e tal singularidade faz de cada ser humano único e portador de um sentido pessoal. Ele diz que "cedo ou tarde, cada ser humano único morre, e, com sua morte, vão-se também todas as oportunidades irrepetíveis de realização de sentido"¹².

Com isso, queremos reforçar que se os cristãos compreendem o sentido de ser comunidade, como podem agora, na velhice, ser ignorados ou esquecidos pela própria Igreja? A Igreja tem responsabilidade como instituição acolhedora, com seus membros que nela depositaram sua confiança; é mediadora de sentido e doação por uma causa. Ela tem um compromisso ético de pensar relações de cuidado, carinho, afeto, processos formativos e espaços de vivência e integração de fé e vida. Consequentemente, a missão da 'Igreja em saída' carrega um compromisso ético-evangélico de contemplar as periferias, sejam elas geográficas, espirituais ou morais, na perspectiva social e missionária. No que tange à pessoa idosa ou enferma, oferece uma proposta eclesial libertadora ressignificando a vida em todas as suas dimensões.

3 A espiritualidade e a dimensão pastoral-missionária

A dimensão pastoral-missionária, aliada à espiritualidade da Nova Evangelização, impulsiona um movimento apostólico de ser Igreja em permanente saída para as periferias do mundo, onde há desigualdades insustentáveis. A Igreja é convocada,

12 Viktor FRANKL E., *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*, p.73.

através de suas lideranças cristãs (presbíteros, religiosos e religiosas, leigos e leigas), a dar vida às suas ovelhas. Este é o convite insistente e sábio de Jesus: “Eu sou o bom Pastor. O bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas” (Jo 10,11).

Enquanto sujeitos numa “Igreja em saída”, comunidade de irmãos e irmãs, têm funções diferentes a serviço da evangelização. Em Jesus, Deus assume a condição humana e vem habitar entre nós, caminha com seu povo, faz-se povo e lança o convite a todos: “Se alguém quer vir após mim, tome cada dia a sua cruz, e siga-me” (Lc 9,23). Tomar a cruz é assumir a condição humana em cada fase da vida em que a pessoa se encontra: idosa, enferma, jovem ou criança. Para cada ciclo da vida há seus desafios, oportunidades e graças. O Papa São Paulo VI deu grande encorajamento ao protagonismo da ação missionária da Igreja na sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, onde afirma explicitamente: “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar”.

No engajamento pastoral-missionário da visitação às famílias, sobretudo no contato com pessoas enfermas e idosas, não se tem certeza do que se encontra, mas precisa-se ter abertura às situações adversas e deixar-se conduzir pelo espírito de Deus. Agentes de pastoral são sempre surpreendidos pela quantidade de casas visitadas onde habitam pessoas idosas e, não raras vezes, enfermas, que são dependentes de cuidados humanizados. Este é um trabalho missionário. As pessoas são atendidas por familiares, amigos e profissionais. Porém, o que se quer destacar destas visitas, é que muitos dos visitados partilham sua experiência de vida, mostrando que foram pilares fundamentais para a edificação humana-cristã da comunidade. O Papa Francisco anima aos familiares, amigos, voluntários ou profissionais para a bela missão exercida a partir do cuidado:

Exorto-vos a continuar a ser sinal da presença da Igreja no mundo secularizado. O voluntário é um amigo desinteressado, a quem se pode confidenciar pensamentos e emoções; através da escuta, ele cria as condições para que o doente deixe de ser objeto passivo de cuidados para se tornar sujeito ativo e protagonista numa relação de reciprocidade, capaz de recuperar a esperança, mais disposto a aceitar as terapias¹³.

A convivência ou o enfrentamento da enfermidade ou dos limites que acompanham a idade são melhor ressignificados quando a pessoa não se sente sozinha. O simples ato da escuta transforma-se em esperança, o simples visitar transforma-se na certeza de que se é importante para alguém. Os gestos são simples, mas os efeitos são revigoradores. Quando se ama alguém, não se pode controlar o efeito que o amor provoca na pessoa.

Embora muitas destas pessoas se encontrem impossibilitadas de participar presencialmente da comunidade, mesmo assim podem se sentir inseridas nela. É importante lembrar de que muitas dessas pessoas, a seu modo, com seus dons, orações, dízi-mo e, sobretudo, com o testemunho, contribuíram com a comunidade. As ações e práticas voluntárias, tanto na Igreja como na sociedade, são parte da ação missionária.

É desafiador pensar uma proposta pastoral missionária para que as pessoas idosas e/ou enfermas se sintam partícipes da comunidade, embora impossibilitados de saírem de casa. Neste sentido, já existem boas iniciativas e relatos de instituições como, por exemplo, a Pontifícia Obra da Propagação da Fé - que desenvolvem atividades com famílias, juventude, idosos e enfermos, com propostas na perspectiva missionária, juntamente com as outras Obras Pontifícias (Obra da Infância e

13 Papa FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o XXVII Dia Mundial do Doente (11 de fevereiro de 2019). <http://www.cnbb.org.br/divulgada-mensagem-do-papa-para-o-xxvii-dia-mundial-do-enfermo/> Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

Adolescência Missionárias, Obra de São Pedro Apóstolo e Pontifícia União Missionária). É um testemunho missionário!

A tarefa de animar e evangelizar é de toda pessoa que assume levar adiante o projeto de Deus para a humanidade. A Igreja tem uma missão específica de redescobrir continuamente espaços e formas de atuação no anúncio incansável do Evangelho em favor da vida do povo de Deus. Assim, tem contribuído muito na perspectiva de um diálogo aberto e solidário com a humanidade, que está empenhada com o projeto de Deus, que exige discernimento constante para as rupturas e alianças necessárias para a efetivação do projeto de Deus que é seu Reino. Nele reina a justiça e a paz como canta o salmista: "O amor e a fidelidade se encontrarão; a justiça e a paz se abraçarão" (Sl 85,10). Jesus é o mestre da vida, ele é quem nos envia nessa missão. Não temos respostas prontas, temos sim disposição para a conversão constante. Por isso, o diálogo é fundamental, olhando a vida de modo integral.

Olhando para a realidade da pessoa idosa e/ou enferma, descobrimos que há inúmeras possibilidades de viver a missão. Pela força do batismo, a pessoa é chamada a ser missionária. A Igreja estimula o engajamento através das pastorais. É necessário, pois, olhar a pessoa idosa e/ou enferma, não como mera receptora passiva da palavra daqueles que a visitam, mas como alguém que se transforma em protagonista do serviço missionário na Igreja

Betinelli chama atenção de que "a discussão sobre questões de espiritualidade, ligada a um viver saudável e feliz, em populações idosas ainda é pouco discutida, pois persiste uma confusão com o misticismo e religiosidade"¹⁴. Este é um tema que ganhou força na sociedade contemporânea. Pois envolve o imaginário religioso, bem como interpretações e compreensões da vida. O misticismo é apresentado como uma forma mágica

14 Luis BETTINELLI, *Bioética e envelhecimento humano: desafios*, p.155.

de resolver um problema que exigiria um processo maior de discernimento. O conceito de espiritualidade busca contemplar a dimensão processual da cura da enfermidade física, psíquica, espiritual e moral. No que tange à espiritualidade, Boff apresenta um conceito alargado de significado e sentido para a vida humana. Afirma:

A espiritualidade é entendida como algo que produz nos seres humanos uma mudança interior, ela está relacionada com questões do espírito humano, como por exemplo, o amor, a compaixão, a paciência, a tolerância, a capacidade de perdoar, o contentamento, a noção de responsabilidade e harmonia, que trazem felicidade tanto para a própria pessoa, quanto para quem está perto dela¹⁵.

A vivência da espiritualidade ajuda as pessoas a compreender questões relacionadas à sua existência e alimenta a capacidade de transcenderem-na, em busca de sentido para o viver cotidiano. Em se tratando da espiritualidade da pessoa idosa, Batini, Maciel e Finato citam, em seus estudos, que “a espiritualidade aumenta a qualidade de vida dos idosos, diminui o índice de depressão daqueles que convivem com doenças crônicas não transmissíveis, em especial cardiológicas”¹⁶. Silva e Alves reforçam a ideia de uma “espiritualidade como um forte indicador de resiliência na superação das adversidades, como capacidade de encontrar significado na vida a partir da fé”¹⁷. Pessini enfatiza o aspecto do amor e da fé afirmando que,

o amor é importante para a saúde, a harmonia e conexões emocionais são necessidades biológicas que se situam no mesmo nível da alimentação, ar e controle da temperatura. A fé, e a religiosidade, se não forem moralistas, contribuem

15 Leonardo BOFF, apud, BETTINELLI, *Bioética e envelhecimento humano: desafios*, p.157-158.

16 Luis BETTINELLI, *Bioética e envelhecimento humano: desafios*, p.158.

17 *Ibidem*, p.158.

significativamente para o bem estar dos pacientes podendo reduzir a mortalidade de enfermos¹⁸.

Bettinelli deixa um alerta, pois a olhar o sofrimento e a limitação humana à luz da espiritualidade, corre-se sério risco de equivocar-se na sua compreensão, corrompê-la de dom de Deus para castigo divino, implicando de maneira negativa na saúde¹⁹. Corre-se o risco de evocar uma perversa “sensação de abandono e punição por parte de Deus, e este tipo de religiosidade pode estar relacionado a estresse, depressão e mortalidade”²⁰. Conforme Frankl, o sentido da vida é um dom e seu sentido nunca desaparece: “Está fundamentado na vontade do sentido, ou seja, no desejo de descobrir sentido na existência humana e na liberdade da vontade, que significa a liberdade para descobrir este sentido e escolher uma atitude diante do sofrimento”²¹. Frankl conclui que “o sentido da vida se centra na criatividade, na experiência e na atitude”²².

Sendo assim, o desafio pastoral-missionário de cunho espiritual é despertar, tanto na comunidade em geral quanto na pessoa idosa e/ou enferma, a consciência de que não fomos criados para sofrer, mas para amar apesar de toda a dor. O que se propôs nesta pesquisa, nasce de uma Igreja comprometida, atenta e ocupada em oferecer ou favorecer todas as condições necessárias para seus fiéis e todas as pessoas que aceitarem ter qualidade de vida integral.

18 *Ibidem*, p.158.

19 Cf. Luchetti et al., apud, Luis BETTINELLI, *Bioética e envelhecimento humano: desafios*, p.159.

20 Luis BETTINELLI, *Bioética e envelhecimento humano: desafios*, p.159.

21 *Ibidem*, p.164.

22 *Ibidem*, p.164.

4 Idosos e/ou enfermos protagonistas na missão

Por muito tempo manteve-se um olhar acomodado e passivo em relação aos idosos e enfermos como destinatários da missão. Vale salientar que o Papa Francisco, radicalizando a visão do Concílio Vaticano II, que já alertava para uma Igreja servidora e que prima para a comunhão e a cultura do encontro, aponta para um novo comprometimento dos cristãos com uma Igreja viva e atuante: a 'Igreja em saída'. Segundo ele, é possível oferecer a todos condições para viverem mais intensamente a vida de Jesus Cristo, ou seja, para participar de uma Igreja para além de seus muros. Com muita sabedoria e entusiasmo, o Papa Francisco alerta que o amor e a misericórdia nos impulsionam para junto das pessoas pobres e necessitadas. Aliás, este é o convite insistente do Evangelho e deve ser uma das primeiras metas da 'Igreja em saída'. Por isso faz o alerta radical:

Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira, e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema nenhum²³.

A superação do sistema que exclui é missão de toda pessoa humana que assume um compromisso ético-evangélico. Neste sentido, a produção deste texto visou indicar que a pessoa idosa e/ou enferma também tem uma missão importante e pode protagonizar um serviço missionário, não menos transformador, quando em comunhão, sintonia e apoio com os demais grupos ou movimentos que integram atividades

23 Papa FRANCISCO, Mensagem do Papa Francisco aos participantes na XXXII Conferência Internacional sobre o tema: "Enfrentar as desigualdades globais no respeitante à saúde". SÍNODO, 16-18 de novembro de 2017, https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20171118_conferenza-disparita-salute.html Acesso em 28 de novembro de 2018.

pastorais e/ou sociais. Pela fé e oração, essas pessoas são sementeiras de vida e integram a missão na Igreja, família e sociedade a partir da oração e sintonia com o projeto de Deus para a humanidade. Tal proposta brota de uma mudança de mentalidade que postula olhar a pessoa idosa ou enferma como missionário, que oferece sua enfermidade ou limitação em favor da missão local e universal da Igreja. Assim sendo, a pessoa idosa ou enferma, “se converte em missionário sem fronteiras, se faz companheiro de caminho de cada um dos missionários presentes no mundo”²⁴.

As pessoas enfermas e/ou idosas missionárias, que sentem disposição interior de oferecer seu tempo permeado por alegria ou sofrimento, são convidadas a se sentirem parte desta Igreja viva e ativa. Observamos em nossas comunidades e conseqüentemente em nossas paróquias e dioceses que as pessoas idosas são, muitas vezes, as primeiras a desempenharem o serviço missionário na simplicidade e doação gratuita. Oferecem sua oração, seu tempo e seu esforço pela missão evangelizadora; levam a mensagem de Jesus Cristo e dão testemunho com suas próprias vidas.

Nesta entrega generosa, cada pessoa, nas circunstâncias mais particulares que atravessa, vai experimentando com alegria cristã sua realidade e sua dignidade e, ao mesmo tempo em que exerce sua missão como oferta da dor e do sofrimento, expressa a fé transformadora que brota do Evangelho. Imprime com a sua existência um significado profundo e esperançoso que dá o sentido último para a vida humana. Assim, no mais profundo do seu coração vai descobrindo e ressignificando a própria dor e sofrimento, contando com a ajuda e presença dos animadores, a proximidade do amor misericordioso de Deus e sua própria identidade em Jesus Cristo e na força do Espírito Santo que os anima, sustenta e os santifica.

24 DIOCESE DE OSÓRIO, *União de Idosos e Enfermos Missionários*. 27 de outubro de 2018. Subsídio para Visitação Missionária.

5 Considerações finais

Teve-se como intuito com essa reflexão focar um olhar atento à realidade dos irmãos e irmãs cristãos, que até recentemente faziam parte ativa de reuniões comunitárias e que agora se encontram enfermos ou apenas impossibilitados de se deslocarem para os centros de encontros. Diante da constatação de um aumento significativo da população idosa, mas também da diminuição ou ausência mesmo na participação de pessoas nos grupos eclesiais, requer-se um olhar mais atento que permita uma análise dos motivos que levam a este afastamento.

O convite à Nova Evangelização impulsiona a viver a dimensão pastoral-missionária, sobretudo junto às pessoas enfermas e idosas que dependem de cuidados, mas que são, também, testemunhas vivas de que a vida precisa ser ressignificada constantemente, uma vez que há inúmeras possibilidades de viver a missão e a dimensão missionária, parte integrante do compromisso batismal de toda pessoa cristã.

A vivência da espiritualidade causa nas pessoas uma mudança interior gerando atitudes de amor, compaixão, paciência, entre outras, auxilia no discernimento sobre as melhores escolhas para servir o próximo e especialmente a pessoa idosa e/ou enferma. Assim é a Igreja missionária centrada no compromisso ético-evangélico para com a humanidade, protagonizando sempre um serviço missionário transformador, em comunhão com o projeto de Deus para a humanidade.

Conclui-se pedindo ao Senhor da messe que envie discípulos missionários para edificar uma Igreja viva e atuante a fim de que seu projeto se realize conforme os planos de Deus para a humanidade. Que cada missionário possa se dedicar com muita firmeza e perseverança no cultivo das "sementes", para garantir condições de boa colheita e para que cada ser humano seja respeitado em sua dignidade humana. Pede-se que seja propiciado a todos o dom da perseverança, da fidelidade e uma

vida espiritual que conduza na inserção numa santidade vivenciada no tempo e na realidade em que se vive.

Referências bibliográficas

BETTINELLI, Luiz Antonio; LEGUISAMO, Camila Pereira; PORTELLA, Marilene Rodrigues (Org.). *Bioética e envelhecimento humano: desafios*. Passo Fundo: Berthier, 2014.

BOFF, Leonardo. *A cruz nossa de cada dia*. Campinas, SP: Verus, 2003.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*: sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Papa Francisco aos participantes na XXXII Conferência Internacional sobre o tema: "*Enfrentar as desigualdades globais no respeitante à saúde*". Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20171118_conferenza-disparita-salute.html. Acesso em 28 novembro de 2018.

FRANCISCO, Papa. Mensagem do Papa Francisco para o XXVII Dia Mundial do Doente (11 de fevereiro de 2019). Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/divulgada-mensagem-do-papa-para-o-xxvii-dia-mundial-do-enfermo/>. Acesso em 14 fevereiro de 2019.

FRANKL, Viktor E. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor E. *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. Trad. Karleno Bocarro. 1º ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

PAULO VI, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975.

SÍNODO, 16-18 de novembro de 2017. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20171118_conferenza-disparita-salute.html. Acesso em 28 novembro de 2018.

SIVIERO, Iltomar; ROSIN, Nilva (Org.). *Envelhecimento humano, espiritualidade e cuidado: espiritualidade e missão*. Vol. II. Passo Fundo: IFIBE, 2014.

<http://teologia-contemporanea.blogspot.com.br/2008/02/karl-rahner-1904-1985.html> Acesso em 26 de outubro de 2018.

<http://www.arquidiocesedepassofundo.com.br/site/node/1703> Acesso em 28 de novembro de 2018.

<http://www.pom.org.br/idosos-e-enfermos-missionarios/>

A OPÇÃO PELOS POBRES E A EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA NA OCUPAÇÃO IV

*Manuel José de Godoy**
*Moisés Jeremia***

Resumo: a Igreja, inspirada pela Palavra, tem um compromisso concreto perante as realidades de pobreza e de exclusão. Como cristãos e cidadãos, compreendemos a necessidade de ir ao encontro daqueles que mais precisam e assumir com eles a luta pela libertação e pela dignidade para todos. Tal postura de vida exige abertura e sensibilidade interior.

Palavras-chave: ocupação; missão, Reino de Deus, comunidade, pobres.

Considerações iniciais

Vivemos num contexto complexo e marcado por muitas desigualdades. A situação de pobreza e as injustiças resultam de um processo histórico perverso e injustificável que, atualmente, é intensificado pelo projeto capitalista neoliberal. Em função desta realidade cruel e de exílio social, muitas pessoas não têm acesso à terra, à moradia e ao emprego; daí entendemos o motivo pelo qual surgem, em nossos dias, tantas ocupações rurais e urbanas. Neste texto o eixo de análise toma como referência a Ocupação IV, localizada no Bairro José Alexandre Zachia, de Passo Fundo.

A Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja apontam, profeticamente, para a necessidade de optar verdadeiramente pelos pobres, até porque não há verdadeiro seguimento a Jesus sem esse elemento. Como cristãos, somos convidados a transformar positivamente nossa realidade, construindo o Reino de Deus.

* Mestre em Práxis Cristã pela Faculdade Jesuíta-Faje/BH onde leciona e supervisiona os estágios pastorais dos Acadêmicos de graduação em Teologia.

** Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – ITEPA Faculdades. Diácono da Arquidiocese de Passo Fundo.

1 O contexto mais amplo

Há muito tempo as desigualdades existem entre nós. Mesmo que algumas leis assegurem a igualdade para toda a população, na concretude da vida não é isso que acontece. De fato, enquanto muitas pessoas vivem na exclusão, pequenos grupos ostentam privilégios e riqueza. Neste ponto, apenas analisamos brevemente algumas questões ligadas à propriedade e à moradia; entretanto, sabemos que existe uma reflexão ampla e profunda acerca desta temática.

1.1 O problema da propriedade

O acesso à terra e à moradia digna são direitos humanos fundamentais, consagrados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (artigo XXV, item 1) que diz: “toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação”. Esses mesmos direitos foram ratificados pela Constituição Federal de 1988, art. 6º nos termos que seguem: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Entretanto, desde o período colonial a nossa história é marcada por injustiças. A estrutura fundiária do Brasil, segregada e privatista, pouco mudou, seja no passado ou no momento presente. Segundo Camacho, “[...] o Brasil, durante toda sua história, sempre foi controlado por uma aristocracia [...] que utilizou seu poder econômico e político para garantir que a distribuição da terra não fosse feita de maneira igualitária [...]”¹.

1 Rodrigo Simão CAMACHO, *A histórica concentração fundiária do Brasil: estudo de caso do município de Paulicéia/SP*, p.48.

1.2 O problema da moradia

A questão da moradia também é preocupante: segundo dados publicados pela British Broadcasting Corporation (BBC), nosso país tem 6,9 milhões de famílias sem casa e 6 milhões de imóveis vazios⁶. De fato, o modelo de cidade capitalista não compreende um planejamento voltado para as maiorias pobres, que são cada vez mais excluídas dos grandes centros urbanos. Esse sistema perverso e selvagem transforma tudo em mercadoria, inclusive os direitos conquistados com muita luta. Nesse sentido,

Expulsando os mais pobres do centro, os especuladores de terra e empreiteiros veem seus condomínios de luxo, prédios de escritório e outras obras se valorizarem cada vez mais. Mantendo a saúde pública precária, ganham as empresas de planos de saúde; mantendo a educação pública precária, ganham os donos de escolas particulares; mantendo transporte público precário, ganham as grandes empresas de produção de automóveis; e assim por diante [...] ⁷.

É interessante analisar essa lógica a partir do olhar de quem é vitimizado por ela, como no relato a seguir, escrito por membros de um movimento social que luta pelo direito à moradia:

As cidades em que vivemos são divididas por grandes muros invisíveis. De um lado está a cidade dos ricos, onde tudo funciona bem: com muito luxo, universidades, hospitais. Lá, só entramos pela porta dos fundos e pelo elevador de serviço. Do outro lado do muro estão as periferias, onde falta tudo. Aqui, o governo só aparece com a polícia para nos humilhar e reprimir⁸.

6 Fernanda ODILLA, Nathalia PASSARINHO; Luís BARRUCHO. Brasil tem 6,9 milhões de famílias sem casa e 6 milhões de imóveis vazios, diz urbanista.

7 As linhas políticas do MTST. Disponível em: <www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/>.

8 As linhas políticas do MTST. Disponível em: <www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/>.

Infelizmente, grande parte da terra está concentrada nas mãos de poucos grupos familiares, que institucionalizam e perpetuam seus privilégios, enquanto muitos brasileiros estão excluídos do direito de propriedade. O resultado disso é a produção de uma sociedade marcada por conflitos no campo e na cidade, pois “[...] a concentração fundiária [...] causa o desemprego, subemprego, segregação socioespacial, favelização, violência, [...] etc”². De acordo com os dados preliminares do Censo Agropecuário de 2017, 2,4 mil fazendas com mais de 10 mil hectares (100 km² ou 14 mil campos de futebol cada), ocupam mais área produtiva do que 4,1 milhões de pequenas propriedades rurais³. Diversos desses latifúndios, maiores que alguns Estados do nosso país⁴, são completamente ociosos e não cumprem a sua função social. Transformada em mercadoria acessível somente a uma determinada classe, a terra deixa de ser dom de Deus. Além disso, o sistema da monocultura e o uso frequente de agrotóxicos trazem sérias consequências para o meio ambiente e a vida em geral. Segundo Elli Benincá, essa realidade pode ser mudada:

A propriedade não é um dado objetivado e natural. É, sim, uma das mediações utilizadas pelos homens para se relacionarem economicamente entre si. É, portanto, uma “relação”, e, como tal, um produto humano sujeito a transformações e mudanças. O atual modelo de propriedade pode, portanto, ser alterado. Basta que as condições históricas o permitam e que os homens o queiram. Esta possibilidade de mudança na relação “propriedade” assusta a todos quantos usufruem dos benefícios da propriedade individualizada e garantida pelo sistema econômico capitalista⁵.

2 *Ibidem*, p.44.

3 Rute PINA, *No Brasil, 2 mil latifúndios ocupam área maior que 4 milhões de propriedades rurais*: nova edição do Censo Agropecuário atualizou dados do Brasil agrário; o arrendamento de terras dobrou em 11 anos.

4 Rodrigo Simão CAMACHO, *A histórica concentração fundiária do Brasil: estudo de caso do município de Paulicéia/SP*, p.49.

5 *Conflito religioso e práxis: o conflito religioso na ação política dos acampamentos de Encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni*, p.105.

Também se observa hoje um fenômeno diferente em grandes metrópoles: o esvaziamento e o abandono do centro, muitas vezes formados por grandes favelas verticais, onde os mais pobres ocupam prédios ociosos. O povo em situação de rua e as áreas de drogados, conhecidas como cracolândias, também se tornam cada vez mais comuns em regiões centrais. Em função disso, uma parcela dos ricos tem preferido condomínios de luxo, distantes dos centros das cidades.

Diante dessa realidade cruel em que os mais pobres não têm garantido o direito à moradia, nem vigoram políticas habitacionais eficazes, a única saída vislumbrada por milhares de pessoas, é a ocupação de espaços vazios, públicos ou mesmo privados. Construídas à sombra da ilegalidade, as ocupações geralmente se formam em condições extremamente precárias, de miséria e sem qualquer urbanização⁹. Diversas ocupações recentes são maiores que muitos municípios brasileiros em termos populacionais, como é o caso da ocupação Izidora, em Belo Horizonte, que iniciou em 2013 e hoje reúne cerca de 30 mil pessoas numa área de aproximadamente 900 hectares. “As ocupações são o grito de um povo que não suporta mais viver calado em seus buracos. Que não suporta mais ter que escolher entre comer e pagar aluguel, nem continuar sofrendo humilhações por viver de favor na casa de alguém”¹⁰.

2 A Sagrada Escritura: um Deus que está ao lado dos pobres

A Sagrada Escritura abre horizontes de esperança em relação à temática deste trabalho. Segundo Gutiérrez, “toda a Bíblia, desde o relato de Caim e Abel, está marcada pelo amor de predileção de Deus pelos fracos e maltratados da história

9 Outros casos acontecem em áreas mais centrais, em edificações vazias.

10 *As linhas políticas do MTST*. Disponível em: <www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/>.

humana¹¹; esta opção profética pelos oprimidos envolve as três Pessoas da Trindade: o Pai (Ex 3,7-10; 20,2; Mt 11,25-26), o Filho (Lc 4,16-21) e o Espírito Santo (Lc 4,18-19).

Na linguagem bíblica os pobres formam a categoria social daqueles que não têm possibilidade de realizar-se humanamente e são impedidos de ter e de ser por causa da injustiça, da violência e da natureza neoliberal do projeto político que orienta a constituição e os movimentos da sociedade no seu estágio atual. Na Escritura a pobreza é sentida como um escândalo, ligada ao pecado. Já o pobre, enquanto sujeito, é entendido como um "lugar sagrado" habitado por Deus, e a libertação dele caracteriza o verdadeiro culto ao Criador.

2.1 Processo Exodal

O projeto histórico do êxodo, que ocorreu por volta do ano 1250 a.C., representa um modelo inspirador para a caminhada daqueles que lutam por libertação e pode ser visto como um processo que ocorreu em etapas. Inicialmente os hebreus tomaram consciência da sua própria condição. Eles viram que a sociedade egípcia daquele tempo, era piramidal, organizada em classes. Na base dela estava o povo simples, escravizado, injustiçado, sem-terra, moradia, e condições de vida. Acima dele encontravam-se os sacerdotes e os soldados que trabalhavam para legitimar aquela estrutura perversa. O Faraó, que dominava a ponta da pirâmide, tinha todo o poder, as terras, e explorava os pobres. O texto de Gn 47,13-26 mostra que a política agrícola do Egito realmente fez a população perder o dinheiro, os animais e as suas propriedades lentamente. Inicialmente, eles pensaram que a seca era a grande responsável pelo sofrimento, porém, gradativamente o povo tomou consciência da política opressora do Faraó e dos poderosos.

Naquele contexto a vida era muito amarga e os que mais

11 Apud Benedito FERRARO, *Opção pelos pobres no documento de Aparecida*.

sofriam sonhavam com uma terra onde corresse “leite e mel” (Ex 3,8; Dt 8,7-10). Diante dessa realidade cruel, Deus revelou-se como Javé, o libertador dos oprimidos. De fato, Ele não se mostrou insensível, neutro e à margem dos acontecimentos, à semelhança dos ídolos, mas tomou posição e interveio na história para transformar radicalmente a sociedade que oprimia e acumulava, a fim de construir um projeto completamente novo a partir dos pobres. Por isso, o seu objetivo não era simplesmente “fazer reformas” na velha estrutura social sem mexer na raiz do problema.

Javé disse: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. ⁸Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel, o território dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. ⁹O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e eu estou vendo a opressão com que os egípcios os atormentam. ¹⁰Por isso, vá. Eu envio você ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Ex 3,7-10).

O livro do Êxodo (3,7-10) apresenta cinco atitudes fundamentais que definem o agir de Javé diante da opressão: 1. Ele vê a realidade, a miséria do seu povo; 2. Ele ouve o grito e os gemidos dos sofredores; 3. Ele conhece, ou seja, sabe que os oprimidos são vítimas de um sistema injusto, excludente e assassino; 4. Ele desce e se abaixa para cuidar da vida mais ameaçada; 5. Ele é solidário, desafia e faz os pobres subir para um espaço repleto de dignidade e de liberdade. Por isso, quem não ouve, não desce, não vê e não se sensibiliza, também não liberta ninguém. Essa opção de Deus comprometeu Moisés, Mirian e Araão, desestabilizou os poderosos da época e, ainda hoje, é escandalosa para muitas pessoas e envolve a todos.

A libertação dos Hebreus não aconteceu de forma mágica, mas exigiu organização, abertura e coragem para mudar de

mentalidade, colocar-se a caminho, deixar de lado a aparente “segurança” que a velha sociedade proporcionava, superar a acomodação e a tentação de voltar para trás e de não assumir o processo, esperando que a solução viesse “de cima” (16,1-36). A celebração da Páscoa dos hebreus, feita antes da partida, foi um aspecto muito importante no processo de libertação, pois deu sentido para a luta e garantiu a experiência mística com o Deus Javé. Era necessário assumir um novo modo de vida para chegar à Terra Prometida. Nesse sentido, o deserto foi um espaço necessário de confronto e de reeducação para estabelecer práticas diferenciadas e relações sociais igualitárias, participativas, solidárias e comunitárias. Assim, o êxodo só foi possível com a união de várias mãos. Hoje, nós somos esse povo que caminha com a esperança de dias melhores, nos quais todos tenham terra, moradia e condições para viver com dignidade.

2.2 O caminho de Jesus

O Novo Testamento oferece o “caminho que ultrapassa a todos” (1Cor 12,31), que é o do amor. Deus é amor (1Jo 4,8), o Filho é o enviado do Amor (Jo 3,16) e o centro da boa notícia é o mandamento do amor ao próximo (Jo 15,12-17), concretizado na opção pelos pobres. Jesus de Nazaré revelou-nos um Deus compassivo com os pobres e realizou seu projeto na pobreza, com vitalidade, sentido e alegria.

O Mistério da Encarnação é o ato mais sublime de humildade feito por Deus em favor da humanidade. O Verbo, segundo São Paulo, esvaziou-se de si mesmo, de “seu ser Deus”, e se fez homem (Fl 2,7), pobre (2Cor 8,9). Sobre isso, o Papa Francisco disse:

Esta salvação veio a nós, através do “sim” de uma jovem humilde, de uma pequena povoação perdida na periferia de um grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo,

juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia [...] pagar um cordeiro (cf. Lc 2,24; Lv 5,7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão. Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-No multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: “o Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração [...] (Lc 6,20) [...] e com eles Se identificou [...] (cf. Mt 25,34-40)¹².

A libertação dos oprimidos é primordial (Lc 4,18-20) no projeto de Jesus e critério de salvação (Mt 7,21; 25,31-46). O texto de Mt 5,1-12 recorda-nos de que “[...] Deus se identifica com o destino dos que sofrem e os assume como seu; que eles são [...] seu corpo, sua presença viva, questionadora, na história dos homens”¹³. De fato, não há bem-aventurança para a ideologia dos fariseus, nem para a dos escribas, nem para o sistema dos saduceus, dos sacerdotes, dos ricos e poderosos. A prática deles não revela o Reino. É na prática dos pobres que desponta, ainda que de longe, a nova criação¹⁴.

As bem-aventuranças nos afirmam que para descobrir os sinais da presença do Reino no mundo, é preciso abrir os olhos e ouvidos para os pobres de Deus! (e para Deus)¹⁵, sujeitos do Reino; somente deles pode surgir um caminho alternativo. A expressão “pobres em espírito” (Mt 5,3) refere-se às pessoas que vivem as bem-aventuranças, ou seja: a) lutam para que todos tenham terra e moradia, consolam os aflitos, saciam os que têm fome e sede de justiça, b) optam em ser compassivos/misericordiosos, puros de coração e promovem a paz e, c) conseqüentemente, sofrem a perseguição por causa da

12 EG 197.

13 Carlos BRAVO GALLARDO, *Mateus: Boas-novas para os pobres-perseguidos, Bíblia*, p.39.

14 Carlos MESTERS, “Ouvi o clamor do meu povo”, *Estudos bíblicos* 26, p.62.

15 Carlos MESTERS, “Ouvi o clamor do meu povo”, *Estudos bíblicos* 26, p.62.

sua maneira de ser. Os pobres em espírito são os que têm o mesmo estilo de vida de Jesus¹⁶ e colocam a justiça do Reino em primeiro lugar¹⁷.

As forças do antirreino, que oprimem e destroem os pobres, mataram a Jesus, mas Deus o ressuscitou (At 2,23-24; 3,13-15; 4,10-12; 5,30-31; 10,39-40; 13,28-30) e o revelou como Senhor e Cristo (At 2,36, Senhor e Deus (Jo 20,28), Filho de Deus (At 13,33)). A ressurreição de Jesus foi um evento inesperado, pois quem ressuscitou foi um pobre e crucificado, confirmando que Deus está ao lado das vítimas e não dos algozes. Por isso, a nossa fé nasce¹⁸ parcial, a partir do descartado. Kurt Marti expressa essa ideia da seguinte forma:

Poderia convir a muitos senhores
se com a morte tudo ficasse como está
se o senhorio dos senhores
e a servidão dos servos
fosse confirmada para sempre
é o que conviria a muitos senhores

16 A mentalidade hebraica compreende o "Espírito" na totalidade do homem, caracterizado por um estilo de vida que se guia pelo "espírito" e não pela "carne". No dizer de Juan Mateos e Fernando Camacho "o termo 'espírito', na concepção semita, conota sempre força e atividade vital. [...] O sentido da bem-aventurança é, portanto, 'os pobres por decisão', opondo-se a 'os pobres por necessidades'. É a interpretação que o próprio Jesus propõe em 6,24, a opção entre dois senhores, Deus e o dinheiro [...]. A pobreza a que Jesus convida significa a renúncia a acumular e reter bens, a considerar algo como exclusivamente próprio; esses pobres estarão sempre dispostos a compartilhar o que têm. Assim o explica Jesus no episódio dos pães (14,13-23; 15,32-39)". (*O Evangelho de Mateus*, p.57-58). Em outras palavras, há duas chaves de leitura para compreendermos a expressão "pobres em espírito": 1. Chave de leitura antropológica, na qual eles são entendidos como pessoas sem caráter, fragmentadas, dúbias e possessivas (nós, porém, nos referimos a estes utilizando a expressão "pobres de espírito", como explicamos acima); 2. Chave de leitura teológica, em que o pobre em espírito é o que luta pela vida e acolhe a vontade do Pai. Isto se evidencia, de modo especial, em Maria e em Jesus de Nazaré.

17 Sandro GALLAZZI, Felizes os pobres no Espírito, *Estudos bíblicos* 45, p.34.

18 Jon SOBRINO, *A fé em Jesus Cristo*, p.105-106.

se por toda eternidade
permanecessem senhores em seus caros jazigos particulares
e seus servos
permanecessem servos em simples túmulos rasos um ao lado do outro
porém vem aí uma ressurreição
que é diferente, bem diferente do que imaginávamos
vem aí uma ressurreição que é
a insurreição de Deus contra os senhores
e contra o senhor de todos os senhores: a morte¹⁹.

O corpo glorioso de Jesus, que está nos céus, sofreu e foi considerado inimigo de César e da religião oficial. Porém, ao ressuscitar, Jesus mostrou que as forças da morte não têm mais a última palavra; o Projeto de Deus - que nos remete ao cuidado com os corpos sagrados dos feridos, doentes e marginalizados - pode ser concretizado. Com a ressurreição de Jesus compreendemos que a vida ganha sentido quando é colocada no caminho das bem-aventuranças, marcada pela verdade e pela justiça.

3 A Igreja nas pegadas da Palavra

A Igreja coloca-se a serviço do Reino de Deus. Por isso, sua missão, inspirada em Jesus de Nazaré, tem como centralidade o cuidado com os últimos. “A preferência pelos pobres expressa o locus de onde a Igreja evangeliza e se mantém fiel à própria revelação de Deus em Cristo, que assumiu a pobreza como locus da sua encarnação, paixão, morte e ressurreição”²⁰.

Segundo a *Gaudium et Spes*, “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de

19 Apud Luis Marcos SANDER, *Jesus o libertador: a cristologia da libertação de Leonardo Boff*, p.183s.

20 Paulo Sérgio Lopes GONÇALVES, *Os pobres como perspectiva em Medellín*, p.169.

Cristo²¹. Nesta mesma linha, esse documento afirma que, em nossos tempos

[...] Aumenta a consciência da eminente dignidade da pessoa humana, por ser superior a todas as coisas e os seus direitos e deveres serem universais e invioláveis. É necessário, portanto, tornar acessíveis ao homem todas as coisas de que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana: alimento, vestuário, casa, direito de escolher livremente o estado de vida e de constituir família, direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, direito de agir segundo as normas da própria consciência, direito à proteção da sua vida e à justa liberdade mesmo em matéria religiosa. A ordem social e o seu progresso devem, pois, reverter sempre em bem das pessoas [...]; Essa ordem, fundada na verdade, construída sobre a justiça e vivificada pelo amor, deve ser cada vez mais desenvolvida e, na liberdade, deve encontrar um equilíbrio cada vez mais humano. Para o conseguir, será necessária a renovação da mentalidade e a introdução de amplas reformas sociais²².

A partir do Vaticano II, a opção pelos pobres – muito presente na caminhada latino-americana e caribenha – despertou intensas discussões, marcadas por diversas tensões, incompreensões e tentativas de enfraquecer suas implicações práticas. Em 1968, ocorreu a segunda Conferência do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), em Medellín, na Colômbia. Num momento de muita tensão, o Documento final deste encontro expôs com grande profecia algumas conclusões. Uma delas é a constatação de que a América Latina vive uma dura realidade de injustiça social e de violência institucionalizada (Medellín, Paz, 16), que gera tensões, impede a construção da paz e agride a dignidade humana. Enquanto isso, um número cada vez menor de pessoas enriquece.

21 GS 1.

22 GS 26.

Essa situação narrada sociologicamente é fruto de um processo de colonização que gerou subdesenvolvimento, que, para sociólogos da teoria da dependência, nada mais é do que uma história de dependência deste Continente em relação a outras nações, que gerou um fecundo processo de exploração dos povos deste Continente²³.

Em Medellín, os bispos ainda chamaram a atenção para a lamentável insensibilidade dos setores mais favorecidos em relação à miséria dos marginalizados, ferindo a dignidade humana. Segundo eles,

Devemos tornar mais aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres. Esta solidariedade significará fazer nossos seus problemas e lutas e saber falar por eles. Isto se concretizará na denúncia da injustiça e opressão, na luta contra a intolerável situação em que se encontra frequentes vezes o pobre e na disposição de dialogar com os grupos responsáveis por esta situação a fim de fazê-los compreender suas obrigações (Medellín, pobreza da Igreja, n.10).

Outro aspecto importante, ressaltado pelo documento de Medellín, é de que a Igreja, sobretudo através de seus ministros, é chamada a dar testemunho de pobreza através da simplicidade, sem ostentação e aparato. Por isso, ela necessita de conversão radical para “[...] ser pobre, [...] conviver com os pobres e [...] viver para os pobres”²⁴. De fato, descobrir no rosto sofredor dos pobres o próprio Cristo (Mt 25,31-46) é algo que impele todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. Além disso, “a pobreza na Igreja indica um espírito de diálogo com o mundo, de aproximação das entidades diferentes, tanto em termos religiosos quanto científicos, de despojamento do espírito de triunfalismo e adesão a um espírito de humildade

23 Paulo Sérgio Lopes GONÇALVES, *Os pobres como perspectiva em Medellín*, p.165.

24 *Ibidem*, p.161.

denotativo do aggiornamento [...]”²⁵. Com essa espiritualidade, a caridade e a justiça tornam-se possíveis. Essa justiça – fruto do amor e fundamento para a paz – somente pode se efetivar mediante um processo pelo qual os pobres sejam os próprios sujeitos históricos, organizados em meios diversos, unidos coletivamente e conscientizados, capazes de transformar a realidade social e eclesial.

A Igreja compromete-se com os pobres quando denuncia de maneira enérgica o poder exercido injustamente pelos grupos dominantes, os abusos e as consequências injustas das desigualdades entre ricos e pobres, os investimentos armamentistas e a política neocolonialista, que falaciosamente promove a manutenção da paz e da ordem.

Essa crise da justiça e da paz, concretizada através de diversas turbulências e de injustiças, afeta a família, já atingida pela urbanização, pelas contradições sistêmicas do desenvolvimento, pelo desequilíbrio demográfico e pela desestabilização social. Desse modo, a família perde a sua importância para a sociedade e enfrenta alguns problemas, como a degradação, a acentuação do hedonismo e do erotismo, a precária formação dos jovens, a desproporção entre salários e condições reais de vida familiar.

Alguns anos mais tarde, outros dois documentos do CELAM mereceram destaque: o Documento de Puebla e o Documento de Santo Domingo. O primeiro reconheceu a desigualdade crescente entre ricos e pobres como um pecado social, contrário ao plano do Criador e sustentou que há necessidade da conversão eclesial para uma opção preferencial pelos pobres, tendo como meta a libertação integral deles. O segundo documento também frisou a importância de uma “[...] opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, mas não exclusiva e nem excludente [...]”²⁶. Os bispos afirmaram:

25 *Ibidem*, p.162.

26 Benedito FERRARO, *Opção pelos pobres no Documento de Aparecida*, p.11.

Comove-nos até as entranhas ver a multidão de homens e mulheres, crianças e jovens e anciãos que sofrem o insuportável peso da miséria, assim como diversas formas de exclusão social, étnica e cultural; são pessoas humanas concretas e irrepetíveis que veem seus horizontes cada vez mais fechados e sua dignidade desconhecida (Documento de Santo Domingo, n. 179).

O Documento de Aparecida, nesta mesma linha, coloca a vida, em todas as suas dimensões, como grande objetivo a ser defendido. No discurso inaugural desta Conferência, o Papa Bento XVI disse: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica [...]”²⁷. Ele recordou que Deus se fez pobre para nos enriquecer e que como discípulos-missionários somos chamados a contemplar neles o rosto do próprio Senhor: “tudo o que tem a ver com Cristo tem a ver com os pobres e tudo o que estiver relacionado com os pobres está relacionado com Jesus Cristo [...]”²⁸. Por isso, o Documento de Aparecida afirma que (48; 454) assume-se, na opção pelos pobres, também a defesa da ecologia. Os bispos ainda sustentaram:

De nossa fé em Cristo brota também a solidariedade como atitude permanente de encontro, fraternidade e serviço, que se há de manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos e no permanente acompanhamento de seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação²⁹.

O Papa Francisco também comentou muitas vezes que, “[...] hoje e sempre, ‘os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho’, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer”³⁰. Deus está com os

27 Bento XVI. “Discurso na sessão inaugural da V Conferência-Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe”, In: *Palavras do Papa Bento XVI no Brasil*, p.111.

28 DAp 393.

29 DAp 394.

30 EG 48.

pobres, e nós não podemos deixar de acompanhá-los.

[...] Desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. [...] É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles³¹.

Portanto, a opção pelos pobres faz parte da nossa fé. Jesus assumiu a missão de dar uma boa notícia para os pobres (Lc 4,14-22) e enviou os discípulos para estarem junto a essas pessoas, a fim de ensiná-las e curá-las (Lc 10,1-6). O atual desafio missionário da presença eclesial na periferia tem a mesma gravidade do tempo de Jesus. Para o Papa Francisco é injusto "chamar comunistas a padres e bispos que falam em favor dos mais pobres". Ele disse que "a teologia da pobreza" está "no centro do Evangelho". Francisco assegurou que se um presbítero fizer uma pregação assim, "no dia seguinte nos jornais aparece: "Aquele padre é comunista!. Entretanto, a pobreza está no centro do Evangelho e a pregação sobre a pobreza, no âmago dos ensinamentos de Jesus: 'Bem-aventurados os pobres' é a primeira das Bem-aventuranças"³².

Os novos tempos são desafiadores. Deparamo-nos com um horizonte de crises sociopolíticas e religiosas e de ausência de lideranças comprometidas com a vida comunitária, com o bem-comum e, sobretudo, com a vivência da fé. Diante disso, é fundamental ser pastor junto ao povo das ocupações, pois ali estão, infelizmente, os "rostos sofredores" (DAp 407) ou as feições sofredoras de Cristo.

31 EG 198.

32 Disponível em: www.acidigital.com/noticias/papa-afirma-que-pregar-a-pobreza-nao-e-comunismo-esta-no-centro-do-evangelho-61476.

4 A Ocupação IV

Em 1964, no Brasil, foi criado o Banco Nacional de Habitação (BNH) para financiar a construção de empreendimentos imobiliários. A partir dele desenvolveu-se um órgão denominado Cooperativa Habitacional (COHAB), que beneficiava trabalhadores com baixa renda. Na cidade de Passo Fundo, quatro conjuntos habitacionais surgiram com o apoio desta Cooperativa. Dentro da COHAB surgiu o projeto Pró-Morar, direcionado para as famílias ainda mais pobres. Foi com auxílio deste último programa que nasceu o bairro José Alexandre Zachia, no ano de 1984, cuja origem teve como objetivo oferecer residência fixa a moradores que habitavam os espaços que correm ao longo da viação férrea.

Esses projetos habitacionais não foram suficientes para resolver o problema da moradia na cidade de Passo Fundo, que conta com aproximadamente 200 mil habitantes, mais de 50 ocupações com uma população de 40 a 50 mil pessoas³³. A beira-trilho, por exemplo, composta por várias ocupações que atravessam a cidade ao lado da ferrovia, é considerada um dos maiores conflitos fundiários urbanos do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Com o passar do tempo, o bairro Zachia – um dos maiores da cidade, com aproximadamente dez mil moradores – tornou-se sede de diversas ocupações, perceptíveis até pelo olhar incauto transeunte, que “adornam” as margens de centros urbanos. A mais recente, denominada “Ocupação IV”, tem cinco anos de existência e está situada sobre um banhado que pertence à Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan), ao lado da BR 285. Nela vivem mais de 300 famílias, provenientes de diversas cidades.

Diariamente, os moradores da Ocupação IV enfrentam

33 Marco WEISSHEIMER, *Com mais de 50 ocupações, Passo Fundo vive um dos maiores conflitos fundiários urbanos do RS.*

incalculáveis dificuldades: o drama do desemprego, a fome, não dispõem de água potável, de fossa séptica e de energia elétrica adequada. Como não há coleta de lixo, costumeiramente este é queimado ou jogado em terrenos baldios. Além disso, esses “sem teto” também não têm direito a endereço, a serviços públicos, como saúde, educação, transporte coletivo e saneamento básico. Enfim, morar numa ocupação é estar permanentemente “fora da lei”, viver num verdadeiro exílio social e ser abandonado pelo Estado. De fato, uma das características marcantes em quase todas as ocupações é a ausência do poder público. Para o Governo, pode ser mais interessante que as pessoas fiquem nessa situação a fim de não construir verdadeiras políticas públicas habitacionais. Um morador da Ocupação Bela Vista, de Passo Fundo, relatou:

Temos problemas, mas conseguimos ter uma vida digna aqui. A gente não consegue dormir direito pensando no que pode acontecer amanhã ou depois, com a ameaça de uma máquina vir aqui e destruir nossas casas e tudo o que adquirimos com o maior sacrifício. Estamos tentando fazer o que os nossos governantes não fazem, que é se preocupar com a habitação. Enquanto isso, doam áreas para grandes empresas como ocorre aqui na cidade³⁴.

Para enxergar a realidade tal como ela é, é preciso desenvolver a postura de compaixão, colocar-se pessoalmente nos dramas dessas pessoas, romper preconceitos, sair do comodismo e ir ao encontro. Quem visita uma ocupação “de coração aberto”, certamente “[...] sai com a impressão, e talvez a reflexão, de que há outras possibilidades de como viver, e que há outras questões, saberes, afetos e relações [...] acontecendo não muito longe de um tipo de vida que consideravam como o único possível”³⁵. Na Ocupação IV há pessoas extremamente

34 Moisés da Cruz FORGIARINI. In: Marco WEISSHEIMER, *Com mais de 50 ocupações, Passo Fundo vive um dos maiores conflitos fundiários urbanos do RS*.

35 Roseli Salete CALDART, *O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo*, p.216.

humanas, acolhedoras, samaritanas e solidárias entre si.

Outro dado que nos chama a atenção é a confiança dos pobres em Deus e na providência divina. Segundo Clodovis Boff, “[...] se o povo é essa humanidade sem voz, que luta e sofre, que enfrenta tudo e aguenta, que se levanta de todas as opressões e fracassos e se reconstrói sem cessar, é porque tem uma fé inabalável [...]”³⁶. O Papa Francisco afirmou que “[...] Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida. Ele vive entre os cidadãos [...]. Esta presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada”³⁷.

No bairro José Alexandre Zachia existe uma comunidade católica, denominada “Divino Espírito Santo”. A Igreja de Passo Fundo também está presente neste ambiente através da Assistência Social Arquidiocesana Leão XIII, com o seu Centro de Juventude. Nele são realizadas oficinas artísticas de dança, teatro, canto, coral e esporte com crianças e adolescentes. No trabalho pastoral procuramos, sobretudo através das visitas, escutar as pessoas, conviver com elas e fortalecer a esperança de dias melhores. Percebemos que o envolvimento de vários grupos nesta causa (como a Igreja, organizações, associação de bairro, representantes políticos, movimentos sociais e escola) potencializa forças e contribui para que as ações não se esgotem nas relações locais, mas se ampliem em âmbitos maiores, permitindo que a questão seja tratada de forma mais ampla.

Numa ocupação, educar para a sociabilidade é um forte desafio: nós precisamos uns dos outros; quando caminhamos juntos, o medo diminui e somamos forças pela mesma causa. Sabemos que uma grande marca da sociedade capitalista é a absolutização do indivíduo. Por isso, e em contraposição a este modelo, propomos novas relações sociais, centradas no bem

36 *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*, p.121-122.

37 EG 71.

viver coletivo. É necessário fomentar uma dinâmica participativa e de luta justa pela vida, sem aceitar a exclusão como algo inevitável. “As lutas sociais produzem as transformações históricas, e o fazem à medida que conseguem conformar os sujeitos sociais capazes de operá-las e, ainda mais, de consolidar os novos parâmetros de vida em sociedade [...]”³⁸. A resistência diante do contexto opressor, mexe com posturas, valores, tradições, visões de mundo e costumes; além disso, ela suscita a reflexão: “cada vez que caem as cercas, a sociedade é obrigada a olhar-se, a discutir o tamanho das desigualdades, o tamanho da opulência e da miséria, o tamanho da fartura e da fome...”³⁹. Segundo Roseli Caldart,

É esta participação que humaniza [...]: primeiro no sentido de que devolve à vida social pessoas que estavam dela excluídas [...]; segundo, no sentido de que a pedagogia da luta educa para uma determinada postura diante da vida: *nada é impossível de mudar*, e quanto mais inconformada com o atual estado de coisas mais humana é a pessoa; ou seja, exatamente o contrário da pedagogia da socialização que predomina nos chamados meios educacionais, onde estar em movimento e ter atos de contestação ou rebeldia é sempre visto como “má-educação”⁴⁰.

Nosso trabalho na Ocupação IV também visa fortalecer a mística, ou seja, a relação de amor com Deus Javé, que nos torna sensíveis aos dramas dos outros - especialmente dos oprimidos -, empenhados em nossos trabalhos, profundos, contemplativos e ativos nos projetos por um mundo renovado.

38 Roseli Salete CALDART, *O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo*, p.214.

39 Pedro TIERRA, *apud* Roseli Salete CALDART, *O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo*, p.216.

40 *O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo*, p.213-214.

Considerações finais: horizonte e perspectivas

O Papa Francisco disse: “[...] as pessoas parecem já não acreditar num futuro feliz nem confiam cegamente num amanhã melhor a partir das condições atuais do mundo [...]. Vislumbram que os caminhos fundamentais [...] são outros”⁴¹. De fato, não queremos apenas fazer “remendos” novos nos moldes velhos da nossa sociedade; precisamos, antes disso, efetivar mudanças estruturais a fim de acabar com a pobreza.

Existem diversos caminhos que nos ajudam a superar a injustiça e concretizar a proposta de Jesus; um deles, é mobilizar a sociedade para demandar direitos. De fato, temos vários exemplos de ações coletivas em que o Estado se sentiu obrigado a cumprir com suas obrigações, longe de apenas atender aos gritos dos que estão “mais acima” e gozando de certo bem-estar. Também é preciso agir conjuntamente e suscitar lideranças das próprias ocupações, novos sujeitos preparados para trabalhar nesta perspectiva. Isso constitui-se num grande desafio, até porque a vida em diversas ocupações não é dinamizada por movimentos sociais já organizados, que têm experiência nesse trabalho.

Também é preciso investir em políticas públicas que incluam a maior parte dos brasileiros e promovam o desenvolvimento integral do ser humano. É impossível superar as desigualdades sociais, econômicas e políticas enquanto o acesso à terra não for socializado e democratizado.

A Igreja é chamada a pôr-se em movimento de saída, manter a sua missão de entrega aos pobres, centrada em Jesus Cristo⁴², e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para concretizar o Reino. A vida cristã necessita basear-se na fé ativa, no amor capaz de sacrifícios e na firme esperança (1Ts 1,3). Este espírito se efetiva em comunidade. “A comunidade, que guarda

41 LS 113.

42 EG 97.

os pequenos detalhes do amor, e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai⁴³. Jesus mostrou a importância de estabelecer relações comunitárias e de interessar-se pelos outros: "Ele se aproximou e começou a caminhar com eles" (Lc 24,15). Nesse sentido, percebemos que os moradores das ocupações precisam formar comunidade e criar momentos para olhar-se, abraçar-se, dialogar e sonhar (Rm 12,10-15).

As celebrações litúrgicas também podem ser espaços privilegiados de libertação e de confronto⁴⁴. Muitos profetas e o próprio Jesus denunciaram veementemente o culto marcado pela hipocrisia, distante do direito e da justiça. A neutralidade política que muitos exigem dos ministros da Igreja, geralmente oculta os conflitos e as contradições sociais, favorecendo a classe dominante. Muitas vezes, é perigoso e alienante alimentar uma espiritualidade puramente intimista, individualista, devocional e emocional, porque a Igreja necessita transformar-se num espaço político, onde a voz dos últimos é ouvida, tanto por seus simpatizantes, quanto por seus críticos. Por isso, é fundamental preparar nossas celebrações e rezar nelas os dramas da realidade. Segundo Elli Benincá, "os crentes que constituem a assembleia [...] se introduzem no mundo do simbólico, onde passam a viver e recriar o seu cotidiano, não mais segundo a experiência individual de cada um, mas de conformidade com a visão teológica de mundo proposta pelos agentes de pastoral"⁴⁵.

É urgente desencadear uma prática pastoral transformadora, provocar encontros, visitas e caminhar como os irmãos e irmãs. A missão é o coração da comunidade. Ela anima a caminhada, provoca reações, fortalece as relações, nos remete ao Mistério e,

43 GE 145.

44 Elli BENINCÁ, *Conflito religioso e práxis: o conflito religioso na ação política dos acampamentos de Encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni*, p.71.

45 *Ibidem*, p. 93

consequentemente, ao compromisso fraterno. A vida ganha um sabor diferente quando nos abrimos ao discipulado missionário, nos doamos e formamos comunidade peregrina, família de Deus.

A partilha é a alma do projeto de Deus realizado por Jesus. É partilhando o que se é (liberdade) e o que se tem (vida) que todos poderão ter acesso à liberdade e à vida. Isso nos mostra como a Eucaristia tem um sentido econômico e político: ela é o sinal do mundo novo, onde as relações de fraternidade e as relações econômicas são norteadas pelo espírito de partilha igualitária⁴⁶.

Descobrir no rosto sofredor dos pobres o próprio Cristo (Mt 25,31-46) é algo que impele todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. A Sagrada Escritura ocupa espaços relevantes nesta missão e fundamenta a conversão, pois faz o coração arder (Lc 24,13-35). Jesus partiu do desconhecido: "...começando por Moisés...", cultivou o estudo e a meditação da Palavra Divina. Ele fez questão de relembrar e recuperar a história do povo de Deus, que se entrecruza na caminhada com a história humana. Explicando a Palavra, Jesus corrigiu os erros de um messianismo puramente temporal e das ideologias que escravizavam o ser humano.

Atentos às palavras de Jesus, a razão da nossa esperança⁴⁷, animados pela Sua vida, nos engajamos na construção de um novo céu e de uma nova terra (Ap 21,1) pois, como disse Jon Sobrino,

O [...] reino de Deus nunca deixa o homem em paz, porquanto nunca se realiza em plenitude, suas realizações são provisórias e os cristãos devem começar sempre de novo a construí-lo. E, não obstante, nisso o crente encontra o profundo sentido de sua vida e a verdadeira paz na história. É esse empenho histórico que, apesar

46 Ivo STORNILO, *Como ler o evangelho de Lucas*, p.214.

47 Renold. J. BLANK; M. Angela. VILHENA, *Esperança além da esperança*, p.88.

de tudo, dá maior convicção ao símbolo utópico da ressurreição final, em que Deus será tudo em todos⁴⁸.

Referências bibliográficas

- As linhas políticas do MTST*. Disponível em: <www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/>. Acesso em 15 de dezembro de 2018.
- BENTO XVI. "Discurso na sessão inaugural da V Conferência-Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe", in: *Palavras do Papa Bento XVI no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BENINCÁ, Elli. *Conflito religioso e práxis: o conflito religioso na ação política dos acampamentos de Encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni*. Passo Fundo: IFIBE; UPF, 2016.
- CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. In: *Estudos Avançados*, vol. 15, n.43. 2001. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300016>. Acesso em 15 dez. 2018.
- CAMACHO, Rodrigo Simão. A histórica concentração fundiária do Brasil: estudo de caso do município de Paulicéia/SP. In: *Geografia em questão*, Vol 4, n. 1, 2011. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/viewFile/4439/3663>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.
- CONCILIAR. *Concílio Vaticano II*. 16ª ed. Petrópolis; Vozes, 1983.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- _____. *Documento de Puebla*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CONGRESSO Nacional do Brasil. *Assembleia Constituinte*. 5 de outubro de 1988. Brasília, Brasil.
- FERRARO, Benedito. Opção pelos pobres no Documento de Aparecida. In: *Revista Vida Pastoral*, novembro-dezembro de 2007 (p.10-14).
- FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulus, 2018.
- GALLARDO, Carlos Bravo. Mateus: Boas-Novas para os pobres-perseguidos. *Ribla*, 13, Petrópolis: Vozes, p.27-39, 1993.
- GALLAZZI, Sandro. Felizes os pobres em Espírito. *Estudos bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n.45, p.31-36, 1995.

48 Jon Sobrino, *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos*, p.156-157.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Os pobres como perspectiva em Medellín. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v.78, n.309, Petrópolis: Vozes, 2018.

LOPES, Eliano Sérgio Azevedo. *A reforma agrária no Brasil: um velho problema, esperando uma solução que nunca chega?* Disponível em: <www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=2724:a-reforma-agraria-no-brasil-um-velho-problema-esperando-uma-solucao-que-nunca-chega&Itemid=414>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

MESTERS, Frei Carlos. "Ouvi o clamor do meu povo!" – Estudos bíblicos de Mt 5–9. *Estudos bíblicos*, n.26, p.61–69, Petrópolis: Vozes, 1990.

MOREIRA, Gilvander. Concentração fundiária no Brasil: por quê? In: *Revista IHU On-line*. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576943-concentracao-fundiaria-no-brasil-por-que>. Acesso em: 20 de março de 2019.

ODILLA, Fernanda, PASSARINHO Nathalia e BARRUCHO, Luís. Brasil tem 6,9 milhões de famílias sem casa e 6 milhões de imóveis vazios, diz urbanista. In: *BBC Brasil*. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/brasil-44028774>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)*. Resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas. Paris em 10 de dezembro de 1948.

Papa afirma que pregar a pobreza não é comunismo: Está no centro do Evangelho. Disponível em: <www.acidigital.com/noticias/papa-afirma-que-pregar-a-pobreza-nao-e-comunismo-esta-no-centro-do-evangelho-61476>. Acesso em 7/2/2019.

PINA, Rute. No Brasil, 2 mil latifúndios ocupam área maior que 4 milhões de propriedades rurais: nova edição do Censo Agropecuário atualizou dados do Brasil agrário; arrendamento de terras dobrou em 11 anos. In: *Brasil de Fato*. Disponível em: <www.brasildefato.com.br/2018/07/26/no-brasil-2-mil-latifundios-ocupam-area-maior-que-4-milhoes-de-propriedades-rurais/>. Acesso em 1 de novembro de 2018.

ROSA, Ana Beatriz. Raquel Rolnik: '*A política habitacional no Brasil é uma verdadeira tragédia*'. Disponível em: <www.huffpostbrasil.com/2018/05/02/raquel-rolnik-a-politica-habitacional-no-brasil-e-uma-verdadeira-tragedia_a_23425552/>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

SANDER, Marcos Luis. *Jesus o libertador: a cristologia da libertação de Leonardo Boff*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1992.

STORNILO, Ivo. *Como ler o evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1992.

WEISSHEIMER, Marco. Com mais de 50 ocupações, Passo Fundo vive um dos maiores conflitos fundiários urbanos do RS. Disponível em: <www.sul21.com.br/cidades/2017/07/com-mais-de-50-ocupacoes-passo-fundo-vive-um-dos-maiores-conflitos-fundiarios-urbanos-do-rs/>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

REDES SOCIAIS DIGITAIS E MISSÃO EVANGELIZADORA COM O JOVENS

*Maristela Dal Moro**

*Júlia Raimunda Rodrigues dos Santos***

Resumo: As redes sociais digitais se estabelecem a partir de plataformas tecnológicas com objetivo de conectar pessoas entre si, possibilitando o compartilhamento de informações tanto de caráter pessoal, como nas áreas profissional e comercial. Elas interagem via sites e aplicativos, reunindo assim, usuários que, a priori, compartilham os mesmos valores e interesses. Essas redes possibilitam a comunicação instantânea e rápida e a possibilidade de compartilhar informações, notícias, eventos, divulgando-os em tempo real. Ao mesmo tempo e contraditoriamente podem veicular uma grande quantidade de novidades sem critérios definidos. Hoje, a juventude já não se concebe sem estar conectada. Por isso, afirmamos que as redes são o meio mais propício para a escuta dos extratos juvenis.

Palavras-chave: Redes sociais digitais. Missão evangelizadora. Juventude. Valores.

Introdução

Este artigo aborda o tema da escuta através das redes sociais. Estas, na atualidade, constituem-se no novo e mais moderno meio para a comunicação e, em se tratando da pastoral da juventude, a nosso ver, o melhor meio para escuta dos jovens adolescentes e mesmo dos adultos. Tanto uns como outros,

* Graduada em Serviço Social pela Universidade de Caxias do Sul, mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996) e doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Serviço Social, atuando principalmente nos seguintes temas: serviço social, questão agrária e movimentos sociais do campo.

** Acadêmica do curso de bacharelado em Teologia da Itepa Faculdades, Religiosa da Congregação Notre Dame.

muitas vezes, necessitam partilhar sua vida. Não raro, não encontram quem os escute. É bom saber que, em algum lugar do mundo, alguém dispensará esse carinho e se disporá escutar. Para isso precisará dispor, além da competência técnico-pedagógica, tempo para o exercício deste modelo de missão pastoral.

No mundo em que vivemos é difícil não estarmos conectados. Mais ainda, é no emaranhado das redes que a maior parte das pessoas se conectam e se comunicam. Existem inúmeros aplicativos que possibilitam essa conexão como o *Facebook*, *WhatsApp*, *Snapchat*, *Skype*, *Instagram*, *Telegram*, *Imo*, *Hangouts*, *Messenger*. Hoje, especialmente os jovens, não imaginam a sua vida à margem desse intrincado sistema cibernético. O desafio para pedagogos, orientadores educacionais, psicólogos e para pessoas devotadas à pastoral da juventude é saber como fazer bom uso desses meios. Neste sentido, este texto tem o objetivo de refletir acerca do posicionamento da Igreja frente às redes sociais, bem como sobre correto uso na evangelização.

1 Fazendo uma leitura crítica

Primeiramente devemos entender o que é e para que serve uma rede social digital. De imediato, podemos dizer que ela se estabelece a partir de plataformas tecnológicas que têm como objetivo conectar pessoas entre si possibilitando o compartilhamento de informações tanto de caráter pessoal, como também, nas áreas profissional e comercial. Elas interagem via sites e aplicativos, reunindo assim, usuários que, a priori, compartilham os mesmos valores e interesses.

Algumas das vantagens de embrenhar-se nesse emaranhado de fios invisíveis é, em primeiro plano, a da comunicação instantânea e rápida e, a seguir, a possibilidade de compartilhar informações, notícias, eventos, divulgando-os em tempo real.

Mediante as mídias digitais, reflexões ou informações postadas podem estimular a busca de uma boa leitura ou propiciar o estabelecimento de novos laços de amizade.

Além disso, as mídias nos permitem encontrar trabalhos e ou o estabelecimento de ligações profissionais. Por meio das mídias podemos divulgar nossos trabalhos, mostrar nossas habilidades ou até mesmo comercializar produtos. As redes sociais também são canais de entretenimento, propiciando a leitura de artigos e postagens que nos interessam, bem como ver vídeos, fotos etc¹.

Nesta análise do potencial das redes sociais seria legal trazer o potencial agregador e emancipatório que elas possuem. São inúmeros os exemplos e utilização das redes para reivindicação de direitos, para a retirada de governos tiranos ao redor do mundo, para reivindicar direitos, etc.

Quanto às desvantagens podemos enumerar a quantidade de novidades que, sem critérios definidos e indiscriminadamente são oferecidas. Uma mensagem leva a abrir outra e assim sucessivamente. Assim prosseguindo, o usuário desavisado acaba se perdendo no tempo. As mensagens do autor das postagens, silenciosa e soberanamente, tiram de foco o horizonte a ser alcançado. Às vezes nos deixamos levar pela curiosidade das informações, gastando horas e horas e atrasando até mesmo os trabalhos. É preciso muita atenção e manter o foco no que foi planejado para o dia. Muitas vezes, no mergulho dado nos meios digitais, podemos esquecer da vida real e a fecharmo-nos sobre nós mesmos, esquecendo do mundo que nos hospeda e da convivência com pessoas reais. Por outro lado, é preciso também considerar que a pessoa se expõe na medida em que posta informações pessoais ou mesmo da empresa na qual trabalha. É preciso usar com moderação e manter um bom senso na utilização dessas das mídias sociais.

1 VANTAGENS E DESVANTAGENS das redes sociais – Mídias Sociais, <https://news.comschool.com.br/vantagens-e-desvantagens-das-redes-sociais-news-comschool/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

Outra desvantagem relaciona-se à quantidade de fotos divulgadas, localização física das pessoas, marcações, atividades que faz e também as atividades internas da empresa. Isso tudo é um prato cheio para quem quer fazer maldade ou até mesmo roubo na casa ou empresa. Todo cuidado é pouco.

Os pais precisam exercer uma atenta vigilância sobre seus filhos. Ao fazer a escolha de uma rede e mais ainda de seus amigos virtuais, de modo geral, não têm conhecimento, maturidade afetiva para discernir entre uma amizade saudável e outra de caráter duvidoso. É bom saber também que as redes sociais não oferecem 100% de segurança aos seus inúmeros usuários que crescem a todo momento. O próprio usuário precisa de atenção redobrada e não disponibilizar de suas informações pessoais para serem visualizadas. É muito comum vermos como são colocadas fotos a todo o momento ou a cada atividade que se faz. Especialmente os jovens gostam de fazer publicações para que seus amigos vejam o que estão fazendo, e pior, muitas vezes fazem publicações antecipadas do que irão fazer.

Um dos campos onde, muitas vezes, são veiculadas informações, falsas, é o político. Como muitos internautas têm poucas condições de discernir, podem tomar decisões equivocadas, fonte de grandes prejuízos sociais. Conforme o tipo de acontecimento, de imediato o mundo digital viraliza. A ferramenta mais usada, para isso, é o Facebook. Sem erro, pode-se dizer que essa mídia tem maior audiência e interatividade entre os membros ou grupos do que as demais, podendo se tornar um ambiente fértil de veiculação de informações diversas e, possivelmente falas, fake news, numa rede sem fim de comunicação e transmissão, atingindo a consciências, especialmente, dos mais jovens e dos que não dispõem de recursos críticos para avaliar o conteúdo veiculado.

2 Papa Francisco e as redes sociais

No dia 06 de junho de 2018, o Papa Francisco, em uma de suas audiências afirmou que as redes sociais são uma oportunidade de encontro e solidariedade, mas adverte que devem ser usadas respeitando a dignidade dos outros. Ele também enfatiza a importância de construir uma cidadania na rede como um lugar rico em humanidade.

Ele fez o seguinte apelo: “peçamos juntos para que as redes sociais não anulem a própria personalidade, mas que favoreçam a solidariedade e o respeito pelo outro na sua diferença. A Internet é um dom de Deus e também uma grande responsabilidade”. Continua: “aproveitemos as possibilidades de encontro e de solidariedade que as redes sociais oferecem. Vamos construir uma verdadeira cidadania na rede e que a rede digital não seja um lugar de alienação”. “Convivemos com as redes sociais quase sem percebermos, mas, muitas vezes, ao invés de servir como um instrumento de verdadeira comunicação e comunhão, tornam-se um meio de discórdia e desinformação”, comenta o Pe. Frédéric Fornos, SJ, diretor internacional da Rede Mundial de Oração do Papa e do Movimento Eucarístico Juvenil. “Façamos das redes sociais um lugar de humanização, de abertura ao outro, à sua cultura, à sua tradição religiosa e espiritual, à sua diferença; lugar de diálogo a serviço de uma cidadania responsável”².

Atentos ao apelo do Papa Francisco devemos ter cautela nos acessos às redes sociais; devemos assumir nosso importante papel na comunicação, através do diálogo como pessoas conscientes. Existe esperança e também perspectivas no mundo em que vivemos. Vivemos na era da globalização por isso, é

2 Papa FRANCISCO: As redes sociais são um espaço de encontro e solidariedade, Convento da Penha <http://conventodapenha.org.br/papa-francisco-as-redes-sociais-sao-um-espaco-de-encontro-e-solidariedade/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

preciso trabalhar em novos ambientes criados pelas tecnologias. Assim se torna possível no mundo em que vivemos, incluindo o mundo digital no qual navegamos, mediante o processo de evangelização, tornar visível a presença de Deus entre nós.

O Decreto *Inter Mirifica* nos diz que

Os destinatários, sobretudo os jovens, procurem acostumar-se a ser moderados e disciplinados no uso destes meios; ponham, além disso, empenho em entenderem bem o que ouvem, lêem e vêem; dialoguem com educadores e peritos na matéria e aprendam a formar um reto juízo (n.10). Recordem os pais que é seu dever vigiar cuidadosamente para que os espetáculos, as leituras e coisas parecidas que possam ofender a fé ou os bons costumes não entrem no lar e para que os seus filhos não os vejam noutra parte (n.10).

3 Acompanhamento espiritual e em nível pessoal

Quanto ao acompanhamento espiritual via redes sociais, os cuidados são redobrados especialmente quando não se conhece a pessoa presencialmente. Nesse caso, é muito importante a oração para poder fluir a graça divina entre quem escuta e quem fala. Quando nos deixamos conduzir através da oração, a graça divina passa a exercer um poder muito maior entre ambas. Deus, o autor de tudo, nos conduz através do Espírito Santo e assim vai fluindo uma boa conversa que conduz para o melhor caminho possível através da escuta de quem fala.

Ao orientar uma pessoa de qualquer estado de vida, como: jovens, casais ou mesmo adolescentes..., é importante não esquecer que é DEUS que intervém entre as duas pessoas. Assim é possível e animador fazer uma boa evangelização através das redes sociais. O processo de evangelização nos compromete a sair de nosso comodismo que se manifesta, muitas vezes, como medo no manuseio dos aparelhos

eletrônicos e nos desafia a aprender algo novo todos os dias.

Um ponto muito importante é a escuta. A escuta, que não é apenas ouvir, exige um tempo suficiente para ser assimilada pelo receptor e para levar ao encontro da liberdade. Exige também muita humildade, paciência, disponibilidade para compreender e esforço para elaborar respostas de maneira nova. A escuta transforma o coração daqueles que a ouvem, principalmente quando se colocam em atitude de ouvintes atentos e em sintonia, acima de tudo, com docilidade ao Espírito.

Por outro lado, também pode acontecer um sério risco quanto ao uso contínuo das redes sociais. O jovem ou o adulto podem criar uma fé *virtual* (grifo nosso), desconectada da realidade. Esta pode levar a viver uma fé sem fundamentos evangélicos. Embora o sujeito da escuta possa viver algo mágico por algumas horas, minutos ou mesmo segundos, este modelo de fé não irá modificar sua vida. Levará a uma sensação de bem-estar espiritual momentânea, mas não deixará nenhuma raiz na vida e menos no coração. Neste sentido, é, sem dúvida, necessário estar atentos aos apelos de mensagens que acenam com a realização de “milagres” ou de “castigos” quando não são atendidas as ordens dadas. Por ex.: Caso não envie a mensagem para um número tal de amigos não receberá a graça anunciada ou poderá ser prejudicado no seu cotidiano.

Os jovens são chamados continuamente a realizar opções que norteiem a sua existência; por outro lado, eles exprimem o grande desejo de serem ouvidos, reconhecidos e além do mais, serem acompanhados. Muitos, especialmente os que vivem em periferias geográfico-sociais sentem e experimentam um quase descaso à sua voz que parece, muitas vezes, ser desinteressante, inclusive no âmbito social e eclesial. Por isso, a prática pastoral desafia lideranças e educadores a superar a pouca atenção ao clamor juvenil, especialmente dos que são pobres e explorados.

É urgente preencher os vazios de lideranças ou adultos disponíveis e capacitados para ouvir clamores e substituir necessidades por oportunidades.

A escuta só se tornará possível se existir reciprocidade de dons. É preciso permitir e deixar que os jovens sejam eles mesmos, com liberdade para contribuir na evangelização, nos serviços na Igreja. Eles são sensíveis e quando ganham essa liberdade não medem esforços em dar o máximo de si mesmos; são muito questionadores e é bom que, sem rodeios, ganhem uma resposta à altura do que esperam, mas uma resposta direta. Ao mesmo tempo, é urgente que se estabeleçam as condições para o anúncio do Evangelho que alcance verdadeiramente e de modo incisivo e fecundo, o coração.

Quando tocados no profundo de seus corações eles deixam-se mover pela graça divina. Mas é preciso conduzi-los para esse encontro mais profundo com o Deus da vida, do amor, da ternura, da misericórdia e da compaixão. Evangelizar através dos emaranhados aplicativos que o mundo eletrônico nos oferece faz bem, mas por outro lado, é preciso mostrar aos jovens a importância do evangelizar os outros jovens através desses mesmos meios de comunicação.

É importante conhecer e dominar o contexto mediático, mas acima de tudo, é importante saber ouvir, escutar e interpretar a mensagem de quem fala e está do outro lado da linha. Além do mais é necessário deixar Deus agir entre os sujeitos da comunicação. Ajudar os jovens no discernimento vocacional é um dos grandes desafios pastorais, uma vez que o mundo oferece uma infinidade de propagandas enganosas em relação ao mundo do trabalho e da realização pessoal. É importante fazer o acompanhamento da juventude para que faça escolhas válidas e estáveis, bem como, fala e escuta devem ser fundamentadas e constituídas em um serviço evangelizador

Fazer-se presente, apoiar e acompanhar o itinerário rumo a

escolhas autênticas é, para a Igreja, uma maneira de exercer a sua função materna, gerando para a liberdade dos filhos de Deus. Tal serviço constitui simplesmente a continuação do modo como o Deus de Jesus Cristo age em relação ao seu povo: através duma presença constante e cordial, duma proximidade dedicada e amorosa e duma ternura sem limites.

A pessoa que faz o acompanhamento deve ser equilibrada, saber escutar, ser uma pessoa de fé e de oração e que já tenha se confrontado com as suas próprias fraquezas e suas próprias fragilidades. Deve saber ser acolhedora dos jovens. Distante de qualquer moralismo, ser alguém prudente, compreensivo e misericordioso sem deixar de oferecer também uma palavra de correção fraterna quando for necessário.

O acompanhamento à distância exige uma profunda maturidade espiritual e uma pessoa de oração. É fundamental ter tempo livre para o serviço da escuta com o cultivo de um profundo respeito mútuo, sem esquecer da exigência do sigilo ético. Consideramos que esses são os pontos fundamentais quando se trata do uso das redes sociais para a evangelização, especialmente, da juventude.

Conclusão

O profeta Jeremias (1,7b) nos diz: *a quem eu te enviar, irás e o que eu te ordenar falará*. Esta mensagem bíblica faz recordar quanto Deus nos ama e continua nos chamando para fazer o anúncio da Boa Nova de Jesus a todos os povos. A juventude está em todos os espaços. A encontramos, sobretudo, no espaço “on-line” mergulhada na internet e nas redes sociais.

Nesses meios é bom aproveitar para uma boa evangelização dos jovens ou mesmo interagir com eles, incentivando para outras leituras, incluindo os documentos da Igreja; levá-los a ver um bom filme bíblico, ler a Palavra de Deus nos aplicativos existentes e assim por diante. É importante, para escutar as

opiniões deles e suas sugestões. Os jovens gostam de criatividade e é bom fazer uso dessa ferramenta criativa para ajudá-los no crescimento espiritual, no discernimento vocacional e também incentivá-los para inserir-se no mundo do trabalho social, grupal e eclesial.

Ter um olhar carinhoso e compassivo para com a juventude é um dos fatores exigentes, mas compensador em todos os aspectos. A dimensão humana está sempre em crescimento. Escutemo-los em suas necessidades, seus gritos de socorro, apelos constantes, seja na família, na sociedade, na escola e na Igreja. É preciso caminhar junto a eles garantindo tempo para escutá-los.

Referências bibliográficas

PAPA PAULO VI. Concílio Vaticano II, Decreto *Inter Mirifica* 145, 2ª ed. Sobre os Meios de Comunicação Social. Petrópolis: Vozes, 1965.

CNBB. *Comunicação pastoral ao povo de Deus*. (Documentos da CNBB, 8), 3ª edição. Paulinas: São Paulo, 1977.

VANTAGENS E DESVANTAGENS das redes sociais – Mídias Sociais, <https://news.comschool.com.br/vantagens-e-desvantagens-das-redes-sociais-news-comschool/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

REDES SOCIAIS: o que são, benefícios e as 10 principais no Brasil: <https://klickpages.com.br/blog/redes-sociais-o-que-sao-beneficios/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

PAPA FRANCISCO: As redes sociais são um espaço de encontro e solidariedade, Convento da Penha <http://conventodapenha.org.br/papa-francisco-as-redes-sociais-sao-um-espaco-de-encontro-e-solidariedade/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. *Nova edição revista e ampliada*, São Paulo: Paulus. 2002.

RETOMAR O PRIMEIRO AMOR

A conferência de Puebla e sua herança para a Igreja, hoje

*Marcelo Barros**

Resumo: No momento atual que atravessa o Brasil, é importante que a Igreja Católica e outras Igrejas cristãs comprometidas com a realidade brasileira retomem a memória da 3ª Conferência do episcopado latino-americano e caribenho, em Puebla de los Angeles no México, ocorrida em 1979. Celebrar os 40 anos da Conferência de Puebla pode ser boa ocasião para reavivar a herança atual que Puebla nos deixou e, assim, continuarmos fieis a esse caminho, iniciado em Medellín (1968) e, de certa forma, continuado em Puebla; caminho que, hoje, precisa ser lembrado e retomado. **Palavras-chave:** Puebla 40 anos, retornar ao primeiro amor, comunhão, participação.

Introdução

Em um artigo sobre o Concílio Vaticano II, Aloysius Pieris, teólogo do Sri Lanka, contou que, durante o Concílio, estudava teologia em Nápoles. Um dia, a sua universidade recebeu a visita de Karl Rahner, teólogo e perito no Concílio. Em um encontro entre o teólogo alemão e os estudantes, esses lhe perguntaram como melhor poderiam estudar o Concílio. Rahner lhes deu o conselho: "Não se prendam aos documentos. Busquem o espírito do Concílio". O importante seria não ver o Concílio como produto final de um processo, mas, ao contrário, como processo em si mesmo. Conclui Aloysius Pieris: "A nossa tarefa deveria consistir em avançar para diante, a partir do lugar em que o Concílio nos colocou"¹.

* Marcelo Barros, monge beneditino e biblista, é membro da Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT). Autor de 56 livros em diversos idiomas, assessora as comunidades eclesiais de base, o Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST) e outros movimentos sociais.

1 Aloysius PIERIS. EL Vaticano II, un Concilio generador de crisis: con una agenda no escrita. In.: *Revista Latinoamericana de Teología*, 67, p.31.

Sem dúvida, esse mesmo critério deve nos guiar nesse momento em que recordamos os 40 anos da 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla de los Angeles (México), assim como no ano passado, lembramos o cinquentenário de Medellín (1968).

Queremos retomar o acontecimento e os textos de Puebla com o intuito de, a partir deles, redescobrir o espírito de renovação que o Espírito suscitou na Igreja daqueles anos. Assim, nesses dias que vivemos, poderemos melhor “correr com perseverança na competição que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição” (Hb 12,1-2).

1 O contexto social e eclesial de Puebla

Quando pensamos nessas grandes conferências do episcopado latino-americano e caribenho, é sempre bom perceber que elas contêm três dimensões importantes que marcaram e marcam até hoje a Igreja:

1º - *o acontecimento em si mesmo*. (O continente é tão amplo e a realidade tão diversificada que o próprio fato de um encontro de bispos, teólogos e assessores/as de todos os países latino-americano e caribenho já é um evento importante e marcante).

2º - *os documentos e declarações que a conferência produz*. (Os textos que recebemos de cada um desses grandes encontros episcopais que são verdadeiros sínodos da nossa Igreja regional).

3º - aquilo que a tradição teológica chama de “*receptio*”, ou seja, o modo como a conferência e os seus documentos foram recebidos pelas Igrejas locais.

Entre todas as pessoas que estudam as conferências de Medellín e Puebla, todos estão de acordo que Medellín foi um evento extraordinário. A conferência, em si mesma e até

independentemente dos seus documentos, se constituiu como algo excepcional. Vários autores chegam a dizer que Medellín foi um verdadeiro Pentecostes para a Igreja Latino-americana. Tanto por seu clima profundamente ecumênico, como pelo ambiente fraterno e de diálogo que ali se criou, mesmo em meio a algumas tensões naturais, se pode afirmar que a conferência de Medellín foi maior e mais importante do que o seu documento de conclusões. Como salienta José Oscar Beozzo:

Em Medellín, pela mecânica de trabalho adotada, trabalharam lado a lado, nas 16 comissões e subcomissões, bispos, peritos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas, além dos observadores não católicos, participando todos ativamente da elaboração dos textos. Simbolicamente, toda a Igreja estava ali implicada, na busca dos caminhos para melhor servir ao povo latino-americano, no sentido de sua redenção e libertação².

Em Medellín, ainda não existia a Teologia da Libertação, as comunidades eclesiais de base apenas começavam e a Igreja ainda vivia a euforia dos tempos imediatos do pós-concílio. Dez anos depois já não era assim. Em Puebla, a Igreja latino-americana vivia um momento social e eclesial muito diferente. Puebla ocorreu poucos meses depois da eleição do papa João Paulo II. O entusiasmo do pós-concílio tinha se enfraquecido. O contexto eclesial era mais fechado. O novo papa vinha da Polônia anticomunista e o risco era ver o mundo inteiro a partir da realidade polonesa. Na América Latina, desde 1972, a Cúria Romana tinha conseguido interferir no CELAM (Conferência Episcopal Latino-americana) e colocar na presidência do órgão Alfonso Lopes Trujillo, arcebispo auxiliar de Medellín, homem ultraconservador. O padre José Comblin esteve presente em Puebla, fora da conferência, como assessor de alguns bispos.

2 José Oscar BEOZZO. Perspectivas para o Ecumenismo de Medellín a Santo Domingos, *Vida pastoral*, maio-jun. 1993, p. 25.

Conforme o seu testemunho, a presidência do CELAM parecia convencida de que o Comunismo internacional queria tomar conta da Igreja e fazia isso através da Teologia da Libertação e dos bispos mais abertos. Por isso, se criou um verdadeiro clima de guerra na preparação e na organização da conferência de Puebla³. Foi um milagre que bispos mais abertos puderam dar o tom do documento em Puebla e salvar a herança de Medellín que estava sob risco. Começavam os tempos que o padre Libânio chamava de *volta à grande disciplina*. Roma e muitos bispos locais tentavam fazer a Igreja voltar à época da Cristandade e insistiam na centralização romana e no cumprimento exato do Direito Canônico (Libânio, 1984). Por isso, podemos concluir que os documentos de conclusão de Puebla tenham se tornado mais importantes do que a própria conferência em si.

2 Um olhar de conjunto sobre os Documentos de Puebla

O tema geral da Conferência de Puebla foi “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. O documento de conclusões segue o método latino-americano do Ver, Julgar e Agir. A primeira parte tem como título: “Visão Pastoral da Realidade Latino-americana” e se desenvolve em quatro capítulos: no primeiro se apresenta uma visão histórica da evangelização na A.L. O capítulo 2 apresenta uma visão pastoral do contexto sociocultural. O 3º capítulo tem como título: “Realidade pastoral da A.L., hoje”. O capítulo 4 trata de “Tendências atuais e evangelização no futuro”.

A segunda parte, que poderia ser considerada como correspondente ao Julgar, tem como título: “Desígnio de Deus sobre a realidade da América Latina”. Contém dois capítulos. No primeiro, fala do conteúdo da evangelização. O segundo trata sobre “O que é evangelizar?”

3 Puebla de los Angeles. *Vida pastoral*, jul/ago. 2006, p.9.

A terceira parte tem o título "A evangelização na Igreja da América Latina. Comunhão e Participação". E está organizada em quatro capítulos: 1: Centros de comunhão e participação. 2: Agentes de comunhão e participação. 3: Meios de comunicação e participação. 4: O diálogo para a comunhão e participação.

Finalmente, a quarta parte trata da: "Igreja Missionária a serviço da evangelização na América Latina". Tem também quatro capítulos: 1: Opção preferencial pelos pobres. 2: Opção preferencial pelos jovens. 3: Ação da Igreja junto aos construtores da sociedade pluralista na A.L. 4: Ação em prol da pessoa na sociedade nacional e internacional.

O olhar sobre o conjunto do documento dá a impressão de um texto imenso e denso. É claro que foi redigido a partir de muitas concessões e acordos para conseguir ser aprovado, por um conjunto de bispos heterogêneo e, sob o ponto de vista ideológico, bastante dividido.

Na primeira parte, ao tratar da história, o texto reconhece que na história da evangelização houve luzes e sombras e alude ao "aguilhão das contradições e dilacerações dos tempos da colonização e no meio de um agigantado processo de dominações e culturas ainda não encerrado" (n.6). No entanto, fala disso como se a Igreja em si nada tivesse a ver com isso. Ao contrário, conclui que, em meio a todas essas vicissitudes, "ela (a Igreja) respondeu com uma capacidade criadora, cujo alento sustenta viva a religiosidade popular da maioria de nossos povos" (n.6). Refere-se, então, a missionários santos e heroicos que defenderam os índios (capítulo I, n. 7 e 8). Afirma isso como se esses missionários santos que o texto cita não tivessem sido, em sua época, todos eles, marginalizados e perseguidos pelo próprio sistema eclesiástico.

No capítulo 2 que é a visão do contexto sociocultural, o texto de Medellín traz aquela página belíssima sobre a situação de "pobreza generalizada que, na vida real, adquire feições

concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela” (n.31). É um convite para vermos o rosto de Cristo nos rostos das crianças abandonadas, dos jovens em situação de risco, nas feições de índios e dos afro-americanos segregados em situação desumana. O rosto de Cristo nos lavradores sem-terra, nos operários mal remunerados.

Além disso, chama a atenção para o fato de que “em nossos países vigora uma política que não respeita os direitos humanos fundamentais – vida, saúde, educação, moradia, trabalho. Além disso, também denuncia “os sistemas de poder ditatorial de caráter repressivo”. (n.31-42).

Nesse capítulo 2, ainda há uma alusão crítica profunda à “economia de mercado livre” que alarga ainda mais a distância entre ricos e pobres (n.47).

No capítulo 3, se fala das CEBs como experiências felizes que respondem à necessidade da Igreja e se lamenta que, em alguns lugares, elas não tenham ainda recebido atenção suficiente (n.96-98).

Mais tarde, na 3ª parte, ao falar de “centros de comunhão e participação”, o documento trata da família (n. 568-616) e “das comunidades eclesiais de base, paróquia e Igreja particular”. Retoma o documento de Medellín e apoia as experiências de CEBs e dos grupos de base. É no entanto, na 4ª parte que o Documento é mais incisivo. Já no seu discurso inaugural da conferência, o cardeal Aloísio Lorscheider tinha declarado:

Tendo em conta todas as contribuições para esta III a Conferência, devemos afirmar que o mais urgente é a defesa ou a proclamação da dignidade da pessoa humana, a proclamação dos direitos fundamentais do ser humano na América Latina, à luz de Jesus Cristo⁴.

4 CELAM, *Alocução introdutória aos trabalhos da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, p.271.

É na quarta parte do documento que o texto parece ser mais profético. Fala da “opção preferencial pelos pobres”, de modo que aprofunda o porquê dessa opção de Jesus e da Igreja. Trata da opção pelos jovens, a partir da realidade do continente latino-americano naquele contexto, um continente marcado por uma população predominantemente jovem. E aprofunda a missão da Igreja na inserção em uma sociedade pluralista e secular como desafio da época.

Alguns desses textos, como o da opção pelos pobres mantém muito de atualidade e merece ser sempre relido e meditado pelos padres e agentes de pastoral, hoje e em qualquer tempo.

3 Considerações teológicas e pastorais sobre o texto de Puebla

Uma impressão primeira é que, enquanto Medellín partia da realidade e tomava como tema “a transformação social e política do continente”, Puebla se colocou mais no mundo interno da “evangelização”, embora, é claro, situada na América Latina.

Para quem conhece as tensões, na época, sofridas pelos bispos e assessores mais abertos, parece quase um milagre que o Documento de Puebla ainda conseguiu, ao menos, até certo ponto, dar continuidade a Medellín e reafirmar suas opções fundamentais. Mais de doze anos depois, em 1992, a conferência de Santo Domingo, de modo algum conseguiu isso. Puebla ainda se manteve no mesmo caminho de uma Igreja latino-americana inserida e com as opções fundamentais expressas em Medellín.

Se Medellín tinha os olhos no Concílio Vaticano II e quis ser uma aplicação e tradução do Concílio para o nosso continente, pode-se afirmar que Puebla tentou, na América Latina, aplicar a exortação *Evangelii Nuntiandi*, que, em 1975, o papa Paulo VI escreveu após o sínodo sobre evangelização. De fato, no Documento de Conclusões de Puebla, o

documento pontifício mais citado é a *Evangelii Nuntiandi*. De fato, naquele contexto eclesial dos primeiros anos do pontificado de João Paulo II, citar esse documento era ainda tentar interpretar a evangelização em um sentido mais amplo, aberto e inserido nas culturas e na realidade social do mundo.

De Puebla para cá, o tema mais recorrente na Igreja Católica tem sido *evangelização*. Os papas anteriores ao Papa Francisco propunham uma “*nova evangelização*”. Esse foi ainda o grande tema da 5ª conferência geral do episcopado em Aparecida (2007). Até hoje, repete-se incansavelmente certas expressões como “discípulos missionários”, “missão continental” e outras. No entanto, nem sempre fica claro a partir de que visão de mundo e de Igreja esses elementos são propostos.

Nesses anos mais recentes, aprendemos que sempre é possível falar da paróquia como “comunidade de comunidades” e querer uma Igreja *em saída*, sem superar a eclesiologia de Cristandade, ou seja de Igreja poderosa e autorreferente. A Igreja pode ser “em saída” para fazer a “propaganda fidei” e não sempre como serviço libertador à humanidade. O que fará a diferença é o objetivo da saída e o estilo como se sai – na linha da *kenosis* de Jesus, como Igreja pobre e servidora.

Nunca é demais insistir: a evangelização supõe sempre e permanentemente, a graça do evangelismo e da evangelicidade. Somos nós mesmos os primeiros a ter de nos converter e viver realmente o evangelho, cada um/a como pessoa, mas principalmente como jeito de ser Igreja.

O começo da evangelização é a evangelicidade da própria comunidade cristã. Puebla tem razão ao insistir: a primeira atitude a recomendar é a conversão dos fieis e dos pastores, “para poderem evangelizar os outros” (n.973). Puebla diz ainda que o ponto fundamental dessa conversão será sempre rever “nossa comunhão e participação com os pobres, humildes e pequenos”. Por isso, o texto ressalta é importante escutá-los,

acolher o mais íntimo de suas aspirações, ... para formarmos com eles um só corpo e um só espírito” (n.974).

Isso significaria que não se pode separar evangelização da inserção da Igreja no meio dos empobrecidos. Evangelizar não significa apenas doutrinar ou simplesmente anunciar uma verdade. É sim testemunhar o reino de Deus, presente no meio do mundo, a partir dos mais pobres e pequenos.

Aí temos de fazer uma crítica ao texto de Puebla:

Em Medellín, o apelo à pobreza é feito também às pessoas, mas principalmente às estruturas religiosas e à própria Igreja. Em Medellín, um documento se chamava *Pobreza da Igreja* (grifo nosso). Em Puebla, o horizonte é outro e mais restrito. O texto de Puebla faz apelo apenas às pessoas para uma maior comunhão com os pobres. Parece pensar no testemunho apenas individual e não coletivo ou institucional. Além disso, se refere aos pobres apenas como indivíduos e não como categoria social. Talvez por isso, o texto se detenha mais no testemunho como atitude moral, despojamento pessoal e não como um novo modo da Igreja ser. Puebla insiste que a comunhão com os pobres tem como meta “vencer os egoísmos e o apego às riquezas” (n.966).

Vamos ser sinceros: se essa fosse a meta principal da comunhão com os pobres, significaria que se deveria fazer justiça aos pobres porque os cristãos de classe média que seguem esse caminho ganham espiritualmente com isso. Puebla insiste na comunhão com os pobres, para que as pessoas da Igreja (que se subtende: ainda não seriam os próprios pobres) alcancem a vitória sobre os egoísmos e o apego às riquezas. Assim, o texto ressalta mais a opção pelos pobres como caminho de santificação das pessoas ricas ou de classe média, do que como questão de verdade e justiça.

Ao fazer essa crítica, não quero diminuir o valor do texto de Puebla. Menos ainda desmerecer o caminho ascético dos

religiosos que buscam uma vida de sobriedade e simplicidade evangélicas. Apenas se trata de sublinhar com clareza qual é a perspectiva e o horizonte do nosso testemunho: Se Deus é Deus e a Igreja é sinal do seu reinado no mundo, a opção da Igreja deve ser estar aberta a todos e acolher a todos, mas a partir dos pobres e junto com os pobres, antes de tudo, para manifestar a justiça divina e libertar todos/as os/as que têm que ser libertados/as.

Conclusão dessa primeira parte

O texto de Puebla representa um avanço em relação a um modelo de Igreja Cristandade, pouco sensível ao apelo evangélico à simplicidade e à pobreza. Também revela uma eclesiologia mais avançada do que o mundo fechado dos que ainda insistem em manter uma Igreja autocentrada e autorreferente. E representa um passo à frente em relação ao espiritualismo barroco e superficial, ainda vigente em uma ou outra rede de televisão dita católicas e nos shows de alguns ministros pop-stars. Apenas, temos de reconhecer: o horizonte do texto é decorrente do tempo em que ele foi escrito. Não é mau ou errado. É incompleto e, nesse sentido, redutivo. Isso aparece claramente quando o texto propõe uma permanente autocrítica, “para nos despojarmos de qualquer atitude que não seja evangélica e desfigure a fisionomia de Cristo” (972).

4 Um olhar sobre o texto a partir de uma Eclesiologia de base

No nosso continente, desde antes da conferência de Puebla e até hoje, irmãos e irmãs procuram olhar a História a partir dos pobres, ou a partir do seu reverso. Desde o final dos anos 60, essa foi a opção dos irmãos e irmãs que constituíram a Comissão para o Estudo da História das Igrejas na América Latina e Cariba (CEHILA). Do mesmo modo, precisamos retomar a

Eclesiogênese de uma Igreja que nasce da fé do povo⁵.

Na Igreja Católica, poucas pessoas mantêm uma visão de Igreja baseada na eclesiologia da Igreja local, que, nos tempos do Concílio Vaticano II, era uma verdadeira mística e um caminho teológico novo. O Concílio não pôde aprofundar essa teologia, nem concretizá-la em consequências pastorais e jurídicas. Em Medellín, embora os textos não fossem explícitos, essa visão da Igreja conciliar ainda era subjacente. Em Puebla, quase não há mais indício dela. A Igreja é sempre a Igreja Universal. Muitas vezes, o termo parece designar o Magistério e especificamente o Magistério romano. E o episcopado.

Na maioria dos textos do documento de Puebla, ainda se percebe uma visão de Igreja que se confunde com o reino (projeto) do Pai. É verdade que o texto afirma claramente: A mensagem de Jesus tem como centro a proclamação do Reino, que nele mesmo se torna presente e chega até nós. Este Reino, sem ser uma realidade separável da Igreja⁶ (LG 8 a) transcende seus limites visíveis⁷ (n. 326). No entanto, a sensibilidade dos bispos, expressa em muitas afirmações, se revelava em outro sentido. Por isso, a visão de evangelização, contida no texto de Puebla, ainda se revela eclesiocêntrica e, às vezes, autorreferente. Puebla reafirma claramente a opção pelos pobres. No entanto, desde Medellín sabemos que, por trás dos adjetivos (opção preferencial e não excludente) está a dificuldade de grande setor do episcopado em aceitar o que o papa João XXIII e muitos dos nossos padres da Igreja latino-americana chamaram de *Igreja dos Pobres*.

5 Cfe. Leonardo BOFF, *É a Igreja se fez povo, Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo*.

6 LG 8ª.

7 LG 326.

5 A partir de Puebla, o que o Espírito diz, hoje, às Igrejas

Atualmente, no Brasil e em outros países da América Latina, a maioria dos padres e das comunidades católicas parece dominada pela influência de movimentos leigos de elite, promovidos pelos dois predecessores do papa Francisco. Tanto o ambiente das paróquias, o estilo das celebrações, o tipo de pastoral, os temas que ocupam as chamadas televisões católicas, até o ambiente de alguns Institutos Teológicos, tudo se restringe a um tipo de espiritualidade pietista, baseada em devoções, com uma cultura bíblica e teológica muito superficial e de estilo predominantemente barroco roncocó. Um retrato medíocre e pastoso do que seria um Catolicismo de tipo Cristandade em um contexto de mundo que não é mais o mesmo dos tempos da Cristandade. Dá pena de se ver.

Nesse contexto de Catolicismo, vivido e proposto por padres artistas e, infelizmente por muitas dioceses e congregações religiosas, é claro que a profecia de Medellín com seu conteúdo de Cristianismo de Libertação não seria digerível. Talvez, a memória de Puebla e o seu documento possam ser um instrumento para voltar a se pescar em águas um pouco mais profundas.

Como consequência normal desse estado de coisas, nas eleições presidenciais e estaduais de 2018, o posicionamento dessa maioria católica não podia ser diferente. Votou na extrema-direita, apoiada em um Cristo-facismo, que vota em qualquer assassino, contanto que ele se pronuncie contra o aborto e a união gay. E a pergunta natural que alguém pode fazer é qual, nesse contexto, tem sido o papel e a missão dos Institutos de Teologia.

No entanto, é bom deixar claro: não são apenas os institutos de teologia que estão em questão. É o próprio Deus que está no banco dos réus, com o seu nome enxovalhado e caricaturado da forma mais grotesca e em nome das piores causas do mundo. Já

nos anos 60, Dom Helder Camara sofria ao pensar que os países que mais exploram os outros e são responsáveis pelo colonialismo e pela opressão são justamente aqueles que se dizem cristãos. Em 1988, conforme conta o padre José Comblin, ele era amigo de Monsenhor Leónidas Proaño, bispo de Riobamba no Equador, bispo dos índios e um dos profetas da conferência de Puebla. O bispo estava em seu leito de morte e o padre Comblin viu que ele chorava. Aproximou-se do leito e o viu exclamar: *Meu Deus, a minha Igreja é a principal culpada pelo massacre e por tantos sofrimentos vividos pelos índios* (grifo nosso).

Hoje, há contra Deus um processo simbólico, refletido no modelo de uma sociedade que faz do mercado um absoluto acima da vida humana e da sustentabilidade do planeta. Nos primeiros séculos, os cristãos se colocaram contra a religião imperial que legitimava o poder absoluto do imperador romano. Agora, precisamos ser fieis ao testemunho de um Deus Amor e defensor da vida, afirmando que, como disse o papa Francisco no seu 2º encontro com os representantes dos movimentos sociais: *“esse sistema mata”*. Atualmente, essa atitude clara e radicalmente contra o sistema que mata é o testemunho mais urgente que a Igreja precisa dar ao mundo.

Para isso é urgente que bispos e padres deem o testemunho contrário do mundo oficial. Aqui na América Latina, uma atitude concreta desse testemunho contrário ao mundo atual seria colocar-se solidários às culturas oprimidas. O testemunho que se espera de bispos, pastores e padres é que não se fechem ao diálogo com o diferente e a convivência com o dissenso⁸.

É preciso retomar a missão da Igreja como compromisso social e político. Isso significa que o testemunho da fé cristã e da espiritualidade tem de ser vivido a partir das estruturas sociais e políticas da sociedade. Para isso, temos de completar o texto de

8 Gerald ARBUCKLE, *Refundar la Iglesia, disidencia y liderazgo*, p.21-22.

realidade: a vida dos irmãos e irmãs, mártires da caminhada do reino de Deus. Quando olhamos para esses 40 anos de história, não podemos deixar de olhar e venerar o sangue de muita gente, muito sangue e muita dor. Dor demais para que esqueçamos e nos contentemos com a mediocridade de um Cristianismo que como Dietrich Bonhoeffer chamava nos tempos duros do Nazismo é “a fé da graça barata”. Ela não pode nos contentar. Temos de retomar o discipulado de Jesus no testemunho do reino aqui no mundo e para viver “a graça que custa caro, porque custou o sangue do mártir Jesus”¹¹.

Referências bibliográficas

Documentos da Igreja:

Documentos do CELAM, Rio – Medellín – Puebla – Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.

PAPA FRANCESCO, *Lettera del santo padre Francesco al popolo di Dio*, 20 agosto 2018, in w2.vatican.va.

PAPA PAULO VI. Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975.

Outros livros e Artigos:

ARBUCKLE, Gerald. *Refundar la Iglesia, disidencia y liderazgo*, Santander. Ed. Sal Terrae, 1998.

BEOZZO, José Oscar. Perspectivas para o Ecumenismo de Medellín a Santo Domingo, *Vida pastoral*, maio/jun., p.25-28, 1993.

BONHOEFFER, Dietrich. *O discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo, Ecclesio gênese: a Igreja que nasce da fé do povo*, Petrópolis: Vozes, 1986.

CASALDÁLIGA, D. Pedro. *Creio na justiça e na esperança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COMBLIN, José. Puebla de los Angeles. *Vida Pastoral*, jul/ago. 2006, p.9.

CODINA, Victor. *Para comprender la Ecclesiología desde la América Latina, Cochabamba*. Ed. Verbo Divino, 2013.

11 Dietrich BONHOEFFER, *O discipulado*, p.16.

COMBLIN, José. Puebla de los Angeles, in *Vida pastoral*, jul/ago, 2006, p.9-13.

GRILLO, Andrea. O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja, hoje. Avanços e impasses da "parresia eclesial. São Leopoldo, Unisinos, IHU, *Cadernos de Teologia pública*, 2018, n.138, p.3.

LIBÂNIO, João Batista, *A volta à grande disciplina*, São Paulo: Loyola, 1984.

MOLTMANN, J. *La Iglesia, fuerza del Espíritu*. Salamanca, 1978.

PIERIS, Aloysius, EL Vaticano II, un Concilio generador de crisis: con una agenda no escrita. *Revista Latinoamericana de Teología*, 67, enero-abril, 2006.

